

Diz o FMI: economia mundial ainda em recessão

Pág. 24

*Com 85 anos*

**Artur
Duarte
morreu
em Lisboa**

Pág. 24

**Futebol:
campeonato
abre
com chuva
de casos**

Começou de modo inédito o Campeonato Nacional de Futebol: três expulsões (Walsh, Amílcar e José Abrantes), numa torrente de cartões amarelos, «penalties» desculpados por árbitros, somente um visitante a triunfar (Sporting) mesmo assim perante o protesto do Marítimo que alega ter havido «erro técnico» no jogo de Alvalade. Para cúmulo a ronda ficou incompleta: só lá para meados de Setembro se encontrará o número 16 para a grande maratona.

Págs. 16, 17 e 18

No terceiro dia

Israel interfere na retirada da OLP

- *Novos confrontos no vale de Bekaa*
- *EUA apresentam novo plano de paz*
- *Eleições hoje no Líbano*

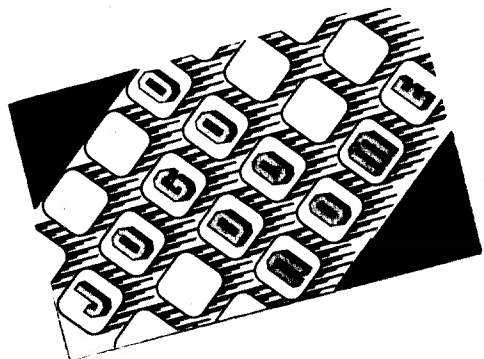
Um incidente registado ontem no porto de Beirute, demonstrou que as tropas israelitas interferem na retirada dos palestinianos da capital libanesa. A propósito do embarque de vinte «jeeps» da OLP no «Solphyne», barco de pavilhão cipriota que ontem recolheu 1200 combatentes palestinianos e invocando a presença a bordo de mulheres e crianças bem como o transporte de armas pesadas «RPG», os israelitas fizeram manobrar duas corvetas ao largo do porto retardando a partida do navio. Após discussões ao mais alto nível entre o comissário especial norte-americano Philip Habib e o primeiro-ministro israelita, Menhaem Begin, foi encontrada uma solução para o litígio.

O secretário da Defesa norte-americano Caspar Weinberger considerou que a zona do porto devia estar a ser controlada pelos franceses da força de interposição e não pelos israelitas. Entretanto, registaram-se esta noite novos combates no vale de Bekaa, enquanto que em Beirute pelas 11 horas desta manhã, ainda não estava reunido o «quorum» necessário para a eleição presidencial libanesa.

Pág. 12



**HOJE: MAIS 3 LETRAS
DO JOGO 3**



**Primeiro prémio do Jogo 3:
um combinado FAGOR**

(congelador vertical de gavetas de 102 litros combinado
com refrigerador de 186 litros)

**AMANHÃ
uma letra bónus
oferta da
NACIONAL
RÁDIO**

Da mesma esfera donde saem as letras que diariamente publicamos e que, numa linha vencedora de 7 letras, lhe dão magníficos prémios, foi extraída **MAIS UMA LETRA BÓNUS**, oferta da NACIONAL RÁDIO, letra que será publicada amanhã, dentro de um anúncio da NACIONAL RÁDIO, e que o leitor poderá usar no seu Jogo do Nome. Não se esqueça: amanhã uma letra extra!

envie já os cupões do Jogo 2

Concurso «DL»/82

**Termina amanhã
o prazo
do envio
das colecções**

Termina amanhã o prazo de entrega das colecções do concurso do 61.º aniversário do «Diário de Lisboa», sendo válidas todas as colecções que nos chegarem através dos CTT (não há entrega pessoal) e com a marca da data não posterior a 24 de Agosto. Leitor amigo: meta hoje (ou amanhã, o mais tardar) as suas colecções no correio! Instruções na página 2.

O fascismo... em França?

Philippe Machefer (*)

Um movimento de multidões. Alguns apupos inadmissíveis ao chefe do Estado. E logo se evoca o espectro do fascismo dos anos 30. Uma ressurreição? Um simples fantasma.

Em França o termo fascismo é um termo polémico.

Quando em 1930 os comunistas chamavam aos socialistas «socialistas-fascistas», isso não tinha maior significado do que quando a esquerda chamava «fascista» ao coronel de La Rocque.

Ideologicamente o fascismo apresentou-se como uma revolução das classes médias, um movimento de violência da burguesia contra o proletariado, uma espécie de «bolchevismo ao contrário» em países profundamente transtornados pela derrota militar e pela crise económica.

Categoria política, condenava as instituições e os usos da democracia parlamentar, rejeitava o pluralismo dos partidos, fazia do Estado o centro da história, o objectivo supremo. O Estado identificava-se inteiramente com o partido fascista, partido único, num sistema militarista e policial onde todo o poder vinha de um chefe, Duce ou Führer, infalível, absoluto. **Mussolini ha sempre ragione.**

Nesses anos o slogan fascista: **Credere, obedi, combattere**, exprimia muito bem a fuga às responsabilidades de uma geração desamparada pela crescente complexidade da vida social. Fenómeno colectivo de compreensão para os novos vencidos, o fascismo também representou individualmente uma compensação que dava a cada um a ilusão do seu próprio poder, perante a Mulher (o sistema falocrático-industrial, de que fala Macchiocchi), sobre o Negro, sobre o Amarelo, sobre o Judeu.

Historicamente, apresentou-se como uma reacção contra a decadência do Ocidente urbanizado, industrializado. Para Hitler, a Alemanha perdera a guerra devido à hiperindustrialização e convinha portanto levá-la de novo ao culto do solo, da agricultura. Mussolini dizia: «O destino dos povos que abandonaram os campos para morar nas cidades está historicamente marcado». Na sua crítica ao sistema industrial, no seu discurso passadista, o fascismo exprimia a crise mais grave da sociedade burguesa de entre duas guerras, em que a burguesia, assustada com os progressos da industrialização que valorizava a classe antagónica, a classe operária, acabava por regeitar o fenómeno de sociedade industrial negando assim o próprio carácter, a sua própria evolução, as próprias fontes do seu poder.

A pequena burguesia, arruinada pela concentração industrial, pela grande crise, ameaçada pelo desenvolvimento da classe operária mas recusando assimilar-se-lhe por orgulho de

classe, voltou-se para o fascismo, que a organizou em partido de massas, mas que logo depois, no poder, fez acordos com a grande indústria (Hitler-Papen), e acabou com a «revolução do fascismo radical» na Noite das Facas Longas.

De um modo menos evidente o fascismo soube conquistar uma parte dos operários para temas de autogestão e controle da protecção pelos trabalhadores. Mas, uma vez no poder, é que se viu que realidade tudo isso escondia.

Na sua história tudo mostra que o fascismo não é extrema-direita, e, a fortiori, a direita. Houve fascistas de esquerda. Mais exactamente, o fascismo recusou a oposição direita-esquerda. Mussolini vinha do socialismo mais avançado. Hitler atacava com violência os grandes monopólios, antes de fazer acordos com eles. O único grande chefe fascista francês, Doriot, vinha do partido comunista.

Virtualidade

O fascismo, como o mostra René Remond, necessita de um meio instável para o seu desenvolvimento. Não era esse o caso da França em 1930. No nosso país, a antiguidade, a lentidão do desenvolvimento económico, a longa tradição de unificação política, a centralização parisiense, tinham atingido uma quase perfeita integração ao nível das mentalidades.

As virtualidades fascistas chocaram com o temperamento político nacional, que dispunha dos ingredientes necessários: jacobinismo de Salvação pública, bonapartismo e até realismo.

A «ditadura» era um simples fenómeno político contra a «desordem parlamentar» e em defesa da «eficácia».

A classe operária não era um corpo estranho à nação. Os operários socialistas internacionalistas tinham partido em 1914, de flor na espingarda. Na frente de batalha houvera entre as classes uma mistura social: «A fraternidade das trincheiras». «Unidos como na frente» são a base «ideológica» da maior associação de entre duas guerras: a dos Cruz-de-Fogo que se inspiraram no Cristianismo social e desejam uma reconciliação, uma união do povo francês.

Os Jovens patriotas de Taittinger, antigo presidente das Juventudes bonapartistas da Seine, têm por objectivo tranquilizar os possidentes através de um regime de ordem, conquistar os trabalhadores de algumas reformas sociais, reconciliar os Franceses com uma política de grandeza nacional. É o bonapartismo.

A Action française, com Maurras, é realista. O seu sistema rejeita as bases populares do fascismo e nunca vai mobilizar muita gente.

É certo que o Falciseau de G. Valois, num certo momento da sua história, a Solidarité française de Jean Renaud, o Fascisme de Bucard principal-

mente, apresentam características fascistas. Mas o número? Nestas «ligas» nunca há mais de umas centenas de filiados.

O Frontisme de Bergery, em que Michèle Cotta vê um fascismo, só o é se o seu anticomunismo e o seu anticapitalismo bastarem para lhe dar tal classificação.

O Fascisme vert de Dorgères procurará constituir-se sobre o descontentamento dos camponeses. Em vão e definitivamente.

Veleidades

A tentativa de 6 de Fevereiro de 1934 contra a Assembleia Nacional, «simples gritaria mal terminada com alguns tiros» (J. Fauvet), fracassa porque os Cruz-de-Fogo não aderem. Devido a isto e embora sem ter feito nada, La Rocque torna-se o homem indispensável para a esquerda, que faz dele o tipo do fascista perfeito, e para a direita, que conta servir-se dele.

La Rocque recusa-se (Tardieu nunca lhe perdoará) e aproveita em 1936 a dissolução das «ligas» por Blum, para criar o Partido Social Francês. Os radicais-socialistas «traíram» as classes médias aliando-se aos comunistas. O P.S.F. quer retirar-lhes essa clientela. Quando Daladier, o «homem forte» dos anos 30-40 rompe com o P.C., terminaram as ambições de La Rocque. Mas as suas tropas, os seus 600 000 a 700 000 filiados, fizeram decerto falta a Jacques Doriot, o antigo líder comunista, quando este tenta construir o único grande partido fascista francês dos anos 30, o Partido Popular Francês, cujos efectivos não vão ultrapassar os 100 000 filiados.

Não houve fascismo francês senão no plano das veleidades e dos grupúsculos, porque as estruturas económicas e políticas da sociedade francesa não lhe eram propícias, porque as classes médias não viviam mal a ponto de se lançarem nos braços de La Rocque e menos ainda de Doriot, porque o partido radical-socialista soube manobrar no quadro das instituições da República sem nunca isolar duramente e duravelmente, nem a direita nem a esquerda, porque, enfim, o velho fundo bonapartista se opunha ao desenvolvimento em França de uma ideologia também autoritária mas mais jovem, mais radical, na verdade muito profundamente diferente.

Relendo André Siegfried: «O bonapartismo tem em vista estabelecer a autoridade no quadro da democracia: um chefe nacional plebiscitado por todos os franceses, que domina a anarquia (e eu acrescento: real, provocada ou imaginária), silencia os faladores das Assembleias, eis essa vigorosa concepção governamental em que a legalidade subleste mas em que a ordem domina a liberdade».

O que levou muitos autores a fazer do gaullismo uma encarnação do bonapartismo.

O poujadismo, com a sua concepção de um Estado forte e corporativista, a sua base popular assegurada pelo plebiscito do chefe, a mobilização das classes médias, o oportunismo, lembra fortemente o fascismo, mas quando o neo-bonapartismo dá a sua entrada em 1958, a onda gaullista já varre um Poujade cúmplice ou ingénuo, e quando o fascismo se desenvolve em algumas organizações, na Argélia, ele é contra de Gaulle.

O perigo está noutro lugar

Chirac fascista? O programa do R.P.R. não tem nada de muito novo: luta contra a tentação da renúncia e da facilidade, denúncia dos clãs e dos partidos, desejo de unir os franceses, defesa do franco, apelo aos trabalhadores independentes. Não vemos aqui nada que lembre o nihilismo original dos fascistas, o seu totalitarismo final.

Chamar a Chirac e ao R.P.R. fascistas é prestar-lhes um serviço. O ridículo já não mata em França mas não se deve abusar. Claro que a organização do R.P.R. é de tipo autoritário, e é grande a autoridade do seu presidente. A imagem de um homem forte, em reserva para amanhã ou para depois de amanhã, a de um muro contra os «socialistas-comunistas», não é por si só a imagem de um fascismo francês, mas antes uma encarnação da velha corrente autoritarista nacional, força esta profundamente mergulhada na mentalidade da nossa velha nação, e que por isso amedronta aqueles que a recusam.

O perigo está noutro lugar, ainda em virtualidade. Se admitirmos, como Reich, que «o fascismo é a fonte de todas as reacções irracionais do homem médio», o fascismo ali está no seu gosto pela violência, no chamamento à pulsão vital, no ódio à cultura, na condenação da dicotomia corpo-espírito, no desejo da vinda do homem total, na pretensa dedicação à natureza e na condenação do sistema industrial, na concepção de uma nova moral baseada na força, na licença sexual, na destruição, nessa amálgama perniciosa do individualismo anárquico e do gosto pela comunidade, que marcaram os primeiros passos do nazismo. E, ao recordar a assustadora contradição dos jovens que percorriam em grupos alegres as grandes florestas alemãs, à conquista sangrenta da Europa, só posso sentir angústia. A história não se repete. Tal como o momento preciso do desenvolvimento de certas sociedades industriais — como o estalinismo noutros países —, o fascismo não se repetirá, mas algo de inquietante pode começar a nascer, e é mais importante preocuparmo-nos com isso do que tirar do armário onde se encontram referências que, quer provenham de 1793 ou de 1934, não se aplicam a nada.

Senador P.S. de Yvelines.



ELÉCTRICOS DE SINTRA

Linhas de Electricos Estrada Nacional

Partidas da PRAIA	Partidas do BANZÃO
10.00	09.30
11.00	10.30
12.00	11.30
13.00	12.30
15.00	14.30
16.00	15.30
17.00	16.30
18.00	17.30
19.00	18.30

Tenha o prazer de viajar em veículos do século passado, entre o Banzão e a Praia das Maças.

Visite Sintra

(Em funcionamento de 1 de Julho a 30 de Setembro encerrado as terças-feiras).

RN TODAVIA NACIONAL E P

Concurso «DL»/82

ENVIE AS COLECÇÕES ATÉ AMANHÃ

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano, 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

COMPRA-SE

Empilhador eléctrico em 2.ª mão
Capacidade 1200 kg
Preferência com pinça para manusear papel

Resposta a este jornal, ao n.º 28 705



2 RODAS

2 vezes

mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa. Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.



Que a memória dos homens não esqueça

Laura Lopes

SEGUNDA Guerra Mundial. As hordas nazis assassinaram mais de cinco milhões de judeus.

O artigo 4.º do programa do partido nazi declarava: «Apenas um membro da raça poderá ser cidadão. Só pode ser um membro da raça quem for de sangue alemão, sem consideração de credo. Consequentemente, nenhum judeu poderá ser membro da raça».

Primeiro acto da aplicação desta política: 1933 — boicotagem de todas as empresas judaicas e afastamento dos judeus de todos os departamentos do Estado, das profissões liberais, do ensino e das forças armadas. Ainda nesse ano, Julius Streicher que a si próprio se intitulava «o perseguidor número um dos judeus», escrevia num jornal de que era editor: «Sabemos que a Alemanha será livre quando os judeus tiverem sido excluídos da vida do povo alemão».

Por volta de 1938 deram-se os pogroms sangrentos, as sinagogas eram incendiadas, as lojas judaicas saqueadas. O Estado impôs multas colectivas e confiscou os bens dos judeus, a sua circulação foi sujeita a regulamentos, estabeleceram-se ghettos e os judeus foram obrigados a usar uma estrela amarela no vestuário para se distinguirem dos representantes da «raça».

Após o início da guerra pela invasão da Polónia a 1 de Setembro de 1939, a máquina nazi — SS, SD e Gestapo — estava preparada ideológica e materialmente para exterminar os judeus em todos os países que sucessivamente foram invadindo e brutalmente ocupando. No órgão oficial das SS, intitulado «O Corpo Negro», escrevia-se: «Assim como o problema judaico só será solucionado na Alemanha quando o último judeu tiver desaparecido, também o resto da Europa deverá ter em conta que a paz alemã que a espera deverá ser uma paz sem judeus».

Polónia: dos mais de 3 milhões de judeus existentes neste país foram assassinados 2 600 000.

O aniquilamento do maior ghetto de Varsóvia, onde habitavam em completa promiscuidade 400 000 judeus, foi iniciado em Abril de 1943 e, a 16 de Maio, Stroop, o general-chefe das SS comunicava que o ghetto de Varsóvia «deixara de existir». Num relatório de 75 páginas descreve-se pormenorizadamente a forma como foram liquidados esses 400 mil judeus. Eis um extracto do mesmo, horrorosamente elucidativo dos métodos utilizados pelos nazis hitlerianos para o apuramento da «raça»:

«A resistência que os judeus ofereceram só poderia ser dominada pela inexorável energia e uso das nossas tropas de choque, dia e noite. Decidi, portanto, destruir toda a área residencial dos judeus incendiando todos os bairros. Então eles emergiam dos seus esconderijos e abrigos. Os judeus permaneciam frequentemente nos edifícios incendiados, até que, finalmente, em consequência do calor e do medo de serem queimados vivos, preferiam saltar dos andares superiores, depois de terem atirado colchões e outros artigos acolchoados para a rua. Com os ossos partidos, ainda tentavam atravessar a rua na direcção de edifícios que ainda não estavam incendiados... Chegaram mesmo a fugir-se nos esgotos, mas depois da primeira semana a sua estadia aí deixou de ser agradável. Homens das Waffen SS ou engenharia da Wehrmacht desceram corajosamente pelos poços de limpeza para trazerem os ju-

deus... Foi sempre necessário usar fumo para os trazer. Um grande número de judeus, que não pode avaliar-se, foi exterminado pela explosão dos esgotos e abrigos.

«Quanto maior era a resistência, mais duros se tornavam os membros das Waffen SS, polícia e Wehrmacht. Eles levaram a cabo as suas obrigações em leal camaradagem e permaneceram unidos, como soldados modelos e exemplares... Foi apenas graças aos esforços contínuos e incansáveis de todos que conseguimos apanhar um total de 56 065 judeus, cuja exterminação pode ser comprovada. A estes devem juntar-se os que morreram em explosões e incêndios, mas cujos números não puderam verificar-se». Foram 400 000 em cerca de um mês...

Stroop presenciou esta «Grossaktion», ou operação principal, e tão satisfeito se sentia que tirou várias fotografias, as quais foram encontradas na sua posse quando foi preso no final da guerra.

Nos campos de extermínio de Treblinka, construídos em 1942, foram igualmente torturados e assassinados centenas de milhares de judeus de entre os 3 milhões de pessoas que, nesse campo de concentração dos mais ferozes, foram assassinadas. Um relatório oficial elaborado por uma comissão polaca que investigou crimes de guerra alemães na Polónia, descreve-se o que acontecia aos recém-chegados:

«Depois de descarregados numa via lateral, todas as vítimas eram reunidas num lugar... onde tinham de tirar as roupas e os sapatos. Os homens faziam isto no pátio e as mulheres e as crianças numa barraca próxima. Todo o cabelo das mulheres era cortado, e os componentes do comboio, na sua totalidade, homens, mulheres e crianças, agora nus e tosquiados, eram conduzidos, ao longo do caminho, para as câmaras de gás, dizendo-lhes que iam para o quarto de banho.

«Quando chegavam às câmaras letais, eram obrigados a entrar com os braços acima da cabeça, para que coubessem no maior número possível. As crianças ficavam em cima dos adultos. Algumas vezes as crianças eram mortas em primeiro lugar... Um soldado das SS especializado nisto agarrava-as pelas pernas e matava-as depois com uma pancada da cabeça contra o muro... Finalmente o gaseamento na câmara durava cerca de quinze minutos; quando se supunha que estavam todos mortos, as portas eram abertas e o grupo de trabalhadores judeus removia-os e preparava a câmara para o próximo grupo» de que eles próprios muitas vezes faziam parte.

Os objectos das vítimas eram recolhidos, coleccionados e contabilizados antes de serem enviados para o «Reich». O cabelo humano era limpo a vapor, enfiado e mandado para a Alemanha para o fabrico de colchões. No campo de concentração de Auschwitz vi peças de fazenda fabricadas com o cabelo das mulheres assassinadas, gazeadas, nesse tenebroso campo de extermínio massivo. E os alemães vestiam vestidos e fatos de fazenda cuja matéria-prima eram os cabelos de mulheres e homens assassinados a mando dos seus chefes nazis.

Como os campos de Treblinka, apesar das suas dez câmaras de gás trabalhando ininterruptamente, eram insuficientes para o extermínio que lhe era estabelecido pelos responsáveis hitlerianos, foi construído o campo de concentração de Chelmo, onde foram assassinados 300 000 judeus, das províncias de Posnânia e Lodz.

Na Lituânia e Letónia em 1941 foram mortos mais de 130 000 judeus, segundo um documento encontrado nos arquivos de Himmler, depois da guerra.

Entre Setembro de 1941 e Fevereiro de 1943, na Rússia, um grupo especial de acção, constituído pelas SS, SD e Gestapo e outras unidades policiais, foi responsável pelas execuções em massa de muitos milhares de judeus, levadas a efeito por meio de tiros na nuca, forca, gás e afogamento.

Na Ucrânia fora dada ordem para o extermínio total dos judeus. Assim, só em Simferopol foram executados em massa 10 000 judeus. As vítimas eram mortas de pé ou de joelhos à beira de uma vala para dentro da qual depois caíam. Este método era utilizado em várias regiões e a maior parte das vezes eram os próprios condenados que abriam previamente as valas.

Em 1941, só no mês de Setembro, 35 mil judeus foram assassinados nos arredores de Nicolaiev. Em 13 de Outubro 2000 judeus foram igualmente mortos na cidade de Malitopol. Quinze dias mais tarde o mesmo aconteceu a outros 8000 judeus em Mariopol. Os distritos da Crimeia ocidental «foram limpos de judeus; entre 16 de Novembro e 15 de Dezembro de 1941 foram executados 17 645» — lê-se num relatório dum chefe nazi.

Em 1941 foram deportados da França ocupada e privados da sua nacionalidade antes de partirem (em colaboração com o governo colaboracionista de Vichy), mais de 100 000 judeus. Designados nos documentos como «gado judaico», a «reinstalação de judeus» — como constava nesses documentos — era óbvia: os trabalhos forçados e as câmaras de gás.

Na Holanda, de um total de 140 000 judeus aí residentes aquando da ocupação nazi, mais de 115 mil foram deportados para a Polónia, 2000 enviados para os campos de concentração e extermínio de Buchenwald e Mauthausen na Alemanha, onde o seu fim era a tortura e a morte. Na Hungria mais de 200 000 foram agrupados e enviados para os campos de extermínio. Só no campo de concentração de Auschwitz foram assassinados no Verão de 1944 cerca de 40 mil judeus húngaros.

Foram mais de 5 milhões de judeus assassinados, exterminados pelos nazis durante a II Guerra Mundial!

Entre os dez mandamentos do soldado alemão encontravam-se os seguintes: «Enquanto combatendo pela vitória, o soldado alemão observará as regras cavalheirescas da guerra. Crueldades e destruições sem sentimentos estão abaixo do seu nível»; «Os prisioneiros de guerra não deverão ser maltratados ou insultados (...); «A população civil é sagrada. (...)».

Por acaso alguns destes princípios constarão dos mandamentos dos soldados israelitas? É muito possível, pois o exército e o «Reich» israelitas imitam perfeitamente as hordas nazis de Hitler. Muitos dos seus dirigentes são verdadeiros nazis e como tal se comportam. Expansionistas à boa maneira nazi, mas manobrando as ordens da administração americana — com dinheiro e armas e apoio moral — para satisfazer os interesses dos EUA no Próximo Oriente, jogando com as dissidências do mundo árabe, aticados sabiamente pelo imperialismo — dividir para reinar.

Na realidade, tal como nas guerras anteriores desencadeadas por Israel contra os árabes, a actual agressão ao Líbano só tem sido possível devido ao apoio do imperialismo americano ao regime sionista. Aliás, o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita afirmou recente-

mente em Washington que o seu país e os EUA «têm objectivos comuns» a atingir no Líbano.

O imperialismo americano considera Israel como uma espécie de cão de guarda contra os povos árabes e os seus movimentos de libertação, o seu posto avançado estratégico para o controlo do petróleo e de outras riquezas naturais da região. O que se passa actualmente no Líbano ilustra claramente as ambições globais do imperialismo — quando se trata de assegurar benefícios, poder e influência, a humanidade e o direito internacional tornam-se letra morta. Sem a ajuda política, militar e financeira dos EUA, Israel não poderia ter desencadeado a sua campanha de exterminação contra o povo palestino, assaltar selvaticamente o Líbano e provocar a Síria. Israel teve sempre e continua a ter um papel particular na estratégia global imperialista dos Estados Unidos para conquistar a hegemonia mundial. Nesta perspectiva, já em 1952 concluíram um «acordo de ajuda». Em Setembro de 1981, o secretário de Estado adjunto dos Negócios Estrangeiros americano declarava com o intuito de encorajar a agressão: «Quero repetir que o nosso governo mantém a sua promessa de garantir a segurança de Israel e que quer conceder a Israel uma superioridade militar apreciável em relação aos seus adversários potenciais».

Os exércitos israelitas, fortemente apoiados com material de guerra americano, são treinados para a agressão, o domínio do espaço aéreo do adversário, o transporte rápido de tropas, bombardeamentos de surpresa, grandes operações de desembarque ou golpes de mão audaciosos. Uma das missões principais das forças aéreas israelitas é atemorizar as populações civis, como o demonstram a pilhagem e destruição sistemática das cidades e aldeias libanesas e dos campos de refugiados palestinos, desprovidos de qualquer dispositivo defensivo, praticando um verdadeiro genocídio sobre as populações indefesas.

A 5.ª guerra que os agressores israelitas desencadearam bruscamente no dia 6 de Junho contra os seus vizinhos árabes com o fim de abafar em sangue os direitos inalienáveis do povo palestino e a vontade de liberdade dos patriotas libaneses, utilizando de maneira sistemática material de guerra proibido pelas convenções internacionais, como as bombas de fósforo, as bombas de fragmentação e as bombas de esferas, chacinando milhares de civis, crianças, velhos e mulheres — 30 mil mortos, 60 mil feridos e um milhão de desalojados, em apenas dois meses — em nada difere da actuação das hordas nazis-hitlerianas que perseguiram e assassinaram selvaticamente os judeus (e muitos outros milhões de pessoas), durante a II Guerra Mundial. Quantas Guerras, quantas Lidices, quantos Ora-dours os israelitas têm repetido no Líbano?

A legislação israelita é a única no mundo que prevê penas de dinamitação das casas das famílias de crianças que agredirem algum soldado ou carro militar israelita! E as crianças palestinas não têm tempo de ser crianças. Conseguiremos nós visionar seis crianças, entre os dois e os seis anos, privadas de alimentação, de água, dos mais elementares cuidados, que ao serem surpreendidas por soldados israelitas num campo de refugiados palestinos, onde já só elas se encontravam, saem dum buraco, depõem as armas que detinham e se entregam

Continua na pág. 6

ponto a ponto



● Seguindo as pisadas do Presidente da República, o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão enviou também uma mensagem ao presidente da República Popular de Moçambique, em que classificou como inqualificável o atentado da passada terça-feira em Maputo e lamentou «com profunda emoção» a perda de uma vida e os ferimentos provocados em Aquino de Bragança. O Primeiro-Ministro português juntou-se deste modo ao grande número de personalidades de todo o mundo que já haviam condenado o atentado que vitimou a escritora comunista sul-africana Ruth First.



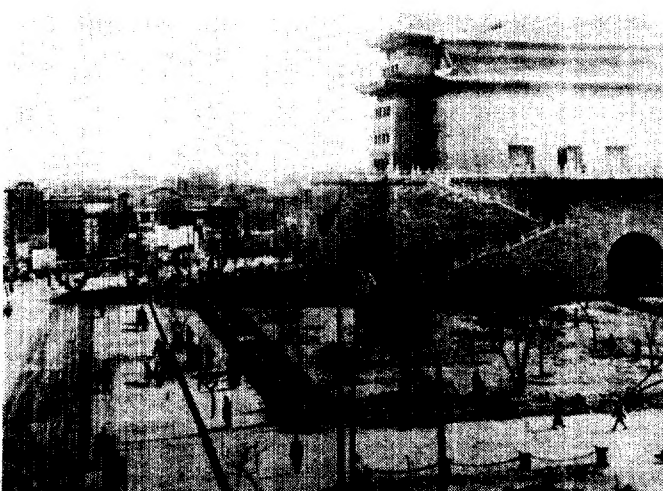
● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, recebeu o vice-almirante J.R. Sceurer, representante do Saclant na Europa. Tratou-se de uma «visita de cortesia».



● O embaixador de Portugal em Bagdade, Zózimo Justo da Silva, apresentou as cartas credenciais ao presidente do Iraque, Saddam Hussein.



● A Associação Democrata-Cristã da Comunicação Social, por ocasião do 3.º aniversário da AD, procedeu à análise da situação na área da Comunicação Social, com particular incidência nos órgãos estatizados, onde sustenta «ser notória uma falta de políticas e de estratégias». Por essa razão, diz a referida associação, o sector «deve ser profundamente reestruturado, de modo a poder assegurar uma informação digna, isenta, pluralista, própria de um Estado democrático moderno».



● Uma delegação de jovens portugueses composta de representantes de três partidos políticos efectua actualmente uma visita de 10 dias à China a convite do respectivo Governo, indicou ontem a agência «Nova China».

Rui Garcia de Oliveira, membro do comité permanente do bureau político do CDS, conduz esta delegação de sete jovens que chegaram sexta-feira a Pequim. Os dois outros partidos representados são o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, acrescenta a agência.

DOSSIER • DOSSIER • DOSSIER • DOSSIER • DOSSIER • DOSSIER

As estratégias das firmas multinacionais

Jacqueline Grapin (Exclusivo DL - Le Monde Dimanche)

«Multinacionais» são as empresas que dispõem de unidades de produção em mais do que um país, para além do de origem. Há as que são grandes... e há as pequenas. Aliás, a maioria das grandes firmas francesas são, elas próprias, multinacionais. «Saint-Gobain-Pont-à-Mousson» emprega cerca de 90 mil pessoas no estrangeiro: mais 40% do que em França. Cerca de três dezenas de grupos multinacionais de origem francesa controlam aproximadamente dois terços da actividade produtiva da indústria francesa no estrangeiro. Esta concentração é particularmente elevada, comparando-a com a situação internacional embora globalmente oito décimos dos investimentos internacionais sejam controlados por menos de 500 sociedades, quase todas originárias de países da OCE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos). Mais de metade dos investimentos franceses no estrangeiro são orientados para a Europa Ocidental e para a América do Norte. Os países do Terceiro Mundo não recebem mais do que um quarto dos investimentos franceses no estrangeiro e um terço dos investimentos americanos. A actividade das firmas multinacionais exerce-se portanto em países industrializados.

Um «cosmosistema» indiferente às ideologias

No seu primeiro relatório sobre «as sociedades multinacionais e o desenvolvimento mundial», a Organização das Nações Unidas referia-se, em 1973, a «cosmosociedades» que poderiam ser dotadas de um novo estatuto inteiramente «anacional». Continua a discutir-se a questão nas diversas instâncias internacionais, mas ainda se está bem longe de criar tal «estatuto». Partindo das dificuldades que os países europeus enfrentam para erguer a noção de «sociedade europeia», pode-se concluir que não será para amanhã. A ausência de «estatuto» não impede as firmas multinacionais de usufruírem de um «sistema», cuja importância ganha volume em cada dia que passa.

Uma lógica própria

No decurso dos anos 70, as vendas das firmas multinacionais fora dos seus países de origem aumentaram duas vezes mais depressa do que o produto nacional bruto mundial, e cerca de 40 por cento mais do que o comércio entre os Estados. Segundo certas previsões, as firmas multinacionais, que controlam já cerca de um terço de toda a produção mundial da área não-comunista, garantiriam cerca de metade desse mercado até ao fim deste século. Ainda que estas previsões possam ser inexactas, é ponto assente que as grandes firmas multinacionais adquiriram uma tal margem de manobra, ao ponto de serem hoje mais poderosas do que os Estados. Sabe-se seguramente que seria preciso vender mais de metade dos valores capitalizados na Bolsa de Paris, para assumir o controlo da «IBM» na Bolsa de Nova Iorque. O orçamento da «General Motors», frequentemente citado, ultrapassa largamente o do Estado francês.

As firmas multinacionais obedecem a uma lógica própria, que pouco tem a ver com a das nações. São, de um modo geral, indiferentes às ideologias políticas... e não possuem praticamente qualquer espécie de dirigismo à escala mundial. Os sistemas de regulamentação económica dos Estados estão relativamente pouco coordenados. Embora aceitando submeter-se a essas regras, as sociedades apostam nas suas diferenças relativas. A sensível independência deste «cosmosistema» é, na opinião de alguns especialistas, uma das principais explicações da actual incapacidade dos governos para porem em ordem a economia ocidental. «O que não anda não é de natureza nacional, e o que anda é multinacional», afirmam resumidamente. «Ora, as políticas de regulamentação governamentais são nacionais...»

Dois exemplos há, que são flagrantes. No domínio finan-

ceiro, é a incapacidade dos Estados Unidos e dos seus parceiros ocidentais em disciplinarem o mercado dos euro-dólares, gerido pelos grandes bancos internacionais.

No domínio industrial, citemos a construção do gasoduto que irá ligar a Europa Ocidental à Sibéria: enquanto o Governo americano não se cansa em repetir que considera este negócio um perigo «estratégico» e, as firmas «alemãs» que se encontram na primeira linha de programação das operações são, na sua maioria... filiais de grupos americanos.

Perante a mudança de Governo e a perspectiva de uma eventual alteração do sistema económico-político em França, as firmas multinacionais de origem estrangeira evidenciam uma notável serenidade. «Desde 1907, já passámos por outras situações na Europa...», respondeu Henry Ford III a um jornalista. Os dirigentes «francófilos», e em muitos casos os franceses, da firma de origem suíça Nestlé consideram-se, em substância, particularmente bem colocados «no seio do novo regime».

Se os dirigentes do «Banco Becker» americano, accionista do grupo francês «Paribas», afirmaram: «Não podemos conservar como parceiro uma sociedade que se tornou propriedade de um Governo, qualquer que ele seja», é porque a actividade financeira de base deste banco de importância relativamente modesta (embora seja o quarto *Investment Bank* dos Estados Unidos) corria, de facto, o risco de ser afectada pela alteração de estatuto do seu parceiro, face aos seus clientes privados, e ainda porque os seus activos corriam igualmente o risco, na sequência das operações de nacionalização, de diminuírem.

«Os vermelhos»

A firma americana «American Motors» passou com a maior naturalidade deste mundo para o controlo da «Renault», sem sequer se queixar de uma qualquer «nacionalização». E, como efeito, não se pode dizer que a política das firmas francesas já nacionalizadas se tenha revelado muito diferente das que não o eram nos últimos anos, quer se tratasse da «Régie», da «Elf-Acquitaine», da «C.F.P.» ou da «B.N.P.». No fim de contas, as «multinacionais vermelhas» originárias dos países de Leste, particularmente no sector bancário, não trabalham, como toda a gente, «à americana» (1)? Os bens mobiliários e imobiliários do banco soviético «Narodny» em Londres são superiores aos do Banco da Irlanda...

Inversamente, a «IBM», a «ITT» e o grande grupo petrolífero americano «Armand Ham-



ciudades americanas de vendas de cereais, operam regularmente em Moscovo. Numerosas unidades industriais de produção foram montadas a Leste sob a égide de firmas multinacionais ocidentais.

«É ao descobrir inesperada e criativamente o meio de utilizar este fundo de mão-de-obra qualificada, e que ignora a greve por via de uma nova forma de cooperação económica, que as sociedades multinacionais puderam obter lucros a partir da estrutura comunista», lamenta o sindicalista internacional Charles Levinson no seu livro «Vodka Cola».

Mais de 20 por cento da produção polaca efectua-se actualmente sob autorização ocidental. O endividamento deste país é considerável, e o da União Soviética representa cerca de um quinto das suas exportações em divisas fortes: nenhum Estado ocidental quer correr o risco, interrompendo o fluxo de

créditos a baixo preço para Leste, de causar a ruptura dos seus grandes bancos credores... O único problema realmente levantado hoje pelos Estados Unidos, é o da manutenção no Ocidente dos meios que conduzem ao progresso tecnológico, base de poder, mas que se esboroa por todos os lados. São as firmas multinacionais que dispõem, no essencial do controlo desta tecnologia.

Os erros foram longe de mais: Não foi o próprio Departamento de Estado que reconheceu em 1976 que os Estados Unidos fabricavam desde 1972 na União Soviética os rolamentos miniaturizados indispensáveis à construção do sistema de orientação que equipa os mísseis balísticos «MIRV» de ogivas múltiplas?... Esses tempos já lá vão, mas o controlo das transferências de tecnologia, que pertencem ao «cosmosistema», revela-se muito difícil. Felizmente, esse controlo existe em sectores como o químico, onde quatro quintos dos produtos a vender nos próximos quinze anos, ainda não existem hoje.

Essa é a melhor salvaguarda. Porque as maiores sociedades multinacionais estão e permanecerão instaladas em todos os países da Europa, a Oeste ou a Leste, quaisquer que sejam os regimes políticos. No seu texto «O Imperialismo, estágio supremo do capitalismo», Lenine citou o «Crédit Lyonnais» como o exemplo típico do banco imperialista... O «Crédit Lyonnais» foi igualmente o primeiro banco estrangeiro a abrir uma filial num país comunista...

(1) «Le Monde», de 8 de Dezembro de 1981.

Um quarto do mercado francês

A percentagem das empresas com participação estrangeira na indústria francesa é da ordem dos 7% do total de empresas, da ordem dos 24% das vendas totais efectuadas no país, e de cerca de 18% dos investimentos. Cerca de um francês em cada quatro trabalha para a exportação, frequentemente para firmas francesas que também são multinacionais. Calcula-se que os activos estrangeiros em França controlam globalmente cerca de 15% do total da economia nacional, 25% da indústria (na qual se concentram mais de quatro quintos dos investimentos provenientes do estrangeiro), e mais particularmente 50% da indústria de bens de equipamentos. O impacto destas actividades é, pois, sensivelmente diferente segundo os problemas que colocam: controlo da evolução do mercado de emprego; competitividade internacional; manutenção de certos equilíbrios regionais; autonomia da programação económica nacional, etc.

O controlo estrangeiro de cerca de um quarto do aparelho produtivo francês é nitidamente inferior ao que existe na Bélgica (45%), por exemplo, quase

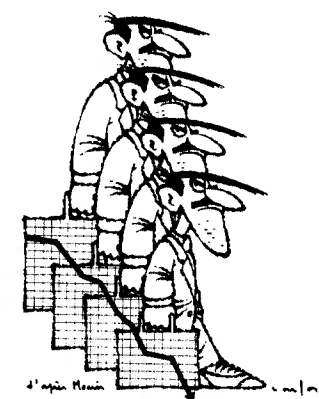
equivalente ao da República Federal da Alemanha, e nitidamente superior às percentagens britânica (menos de 15%) e dinamarquesa (menos de 10%). Oito países ocidentais, entre os quais a França controlam cerca de 95% dos investimentos estrangeiros no conjunto dos países do Mundo. A parte dos Estados Unidos, que era de 72% do total em 1966, desceu para 38% em 1969; e é hoje um pouco inferior a 35%. O «reequilíbrio» produziu-se principalmente em proveito das firmas multinacionais europeias. Em França, considera-se actualmente que 40% dos investimentos estrangeiros são de origem americana e a quase totalidade dos restantes 20% provém dos países da associação europeia de troca livre (Suécia, Suíça, Espanha...).

O facto multinacional, hoje é, antes do mais, europeu. Cada nacionalidade tem os seus interesses especiais. Assim, as firmas americanas, alemãs e holandesas investem — principalmente estas — na indústria, enquanto as italianas, inglesas e suíças estão sobretudo vocacionadas para actividades não industriais. Americanos, holandeses e italianos detêm quase

sempre participações bastantes elevadas, de modo a poderem assegurar um controlo absoluto das actividades em que apostam: alemães, britânicos, e suíços não lhes ficam atrás.

Reorientação geográfica

Os anos 80 vão provavelmente registar um aumento, já iniciado no final dos anos 70, dos investimentos directos no estrangeiro, de duas origens. As firmas japonesas, após terem inicialmente procedido por exportação a partir dos respectivos



países, interessam-se pelo controlo das redes de distribuição, e encaram a possibilidade de produzir directamente no estrangeiro de modo mais maciço, para obstar a uma eventual reaparição dos obstáculos aduaneiros. Por outro lado, as grandes sociedades que surgiram em certos países como o Brasil — ainda recentemente classificadas como «em vias de desenvolvimento», mas que figuram presentemente na lista dos «novos países industriais» (NPI) — adoptam uma estratégia próxima dos seus parceiros velhos. Esta política conduziu-os em primeiro lugar aos Estados Unidos e, em seguida às regiões mais prósperas do Pacífico; seguidamente, ainda à Europa, onde se encontram os maiores mercados consumidores do mundo; finalmente, aos países do Terceiro Mundo.

O que procuram as firmas multinacionais? Uma, aproximarem-se dos consumidores: o seu trajecto é condicionado pela análise de mercados, o que as conduz largamente ao Velho Mundo. Outras, procuram produzir, com os menores custos possíveis, e nas melhores condições de segurança política e social; nestes casos, têm tendência a implantar-se nos novos centros industriais, como Hong-Kong, Singapura ou Coreia do Sul, por exemplo. O cálculo dos custos de transportes incita-as, por vezes, a aproximarem-se dos mercados respectivos, mas isso sucede cada vez menos.

Do ponto de vista dos custos de produção, a Europa é considerada em muitos casos como menos atractiva do que os próprios Estados Unidos, em parte devido aos custos resultantes das suas políticas sindicais. O temor de um novo ascenso dos proteccionismos europeus incita, no entanto, as firmas estrangeiras, já implantadas, a não abandonarem demasiado essas pa-

ragens. Finalmente, é necessário considerar separadamente os grupos que estão prioritariamente preocupados em garantir os abastecimentos em matérias e em recursos naturais. É o caso da maioria das firmas petrolíferas e mineiras. Viram-se para as duas Américas. Próximo Oriente e Pacífico, e trabalham intensamente no Terceiro Mundo.

Mas, para além de tudo isto, o que os grupos multinacionais buscam, é a melhor rentabilidade, e nas condições de maior estabilidade possível. Não colocando «todos os ovos na mesma chocalheira», instalando-se preferencialmente nos locais onde os custos são mais baixos, e onde as possibilidades de venda são melhores, arbitrando as práticas financeiras, otimizando os diferentes meios de salvaguardar a acção das diferentes legislações fiscais, etc., as firmas multinacionais garantem para si uma melhor rentabilidade do que as que permanecem estritamente num quadro nacional. No mesmo passo, os seus critérios de escolha, na hora dos compromissos, revelam-se mais severos... Na própria França, «nenhuma penetração estrangeira elevada ocorre em sectores cuja taxa de lucro seja inferior a 9 por cento, à excepção do petróleo», constata Julien Savary no seu livro «As Multinacionais Francesas», recentemente surgido.

Do ponto de vista nacional, é a concentração dos investimentos estrangeiros num reduzido número de mãos e num também reduzido número de sectores de interesse mais ou menos vital, que coloca problemas, ainda que, globalmente, estes investimentos não tenham mais do que um reduzido impacto no conjunto da economia. As firmas americanas, em particular, são especializadas nos sectores industriais «estratégicos», isto é, nos que mantêm na sua dependência um grande número de outras actividades. As sociedades alemãs investem em numerosos sectores, particularmente nas indústrias químicas. As empresas inglesas, belgas e italianas estão maioritariamente orientadas para as actividades financeiras, característica que se encontra nos investimentos oriundos de certos países «em vias de desenvolvimento». Os investimentos suecos, holandeses e suíços são praticados por um reduzido número de grandes grupos de dimensão mundial.

Firmas gigantes

Mas, no total, menos de uma centena de firmas gigantes originárias de um ou de outro dos países industrializados, dominam a actividade multinacional à escala planetária. A envergadura destas é, de resto, um importante factor de multinacionalização. Entre as grandes sociedades francesas, cerca de um quinto encontra-se sob controlo estrangeiro. Os sectores que são amplamente dominados por investimentos exteriores, com frequência superiores a 50 por cento, são a indústria eléctrica e electrónica, a paraquímica e a farmácia, indústria petrolífera, a

Continuação da pág. 6

Eanes ao inaugurar o monumento ao emigrante

A nossa experiência em África pode abrir portas a uma emigração de tipo novo

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, disse ontem em Fermentelos que «o êxodo português foi saída de escapa para as limitações e erros de política económica seguida no País, mas foi também aventura, descoberta e embaixada cultural».

Ramalho Eanes falava a centenas de pessoas na inauguração do monumento ao emigrante, erigido a poucos metros da Pateira de Fermentelos. Estavam igualmente presentes os secretários de Estado da Emigração e da Família.

Sobre a evolução da situação do emigrante, o Presidente da República referiu que «seria utópico prometer um repatriamento próximo dos emigrantes, pelo que uma política responsável continuará a ser a que promova o melhoramento das suas condições de existência nos destinos que escolheram, na defesa dos seus direitos, e no reforço dos vínculos que os ligam à pátria».

No entanto — adiantou — «seria indigno passar a conceber a emigração como um negócio de exportação de mão-de-obra e os emigrantes como apenas uma alínea interessante da nossa folha de entradas de divisas».

Referindo-se à ambiguidade do termo «expansão», afirmou depois o Presidente da República: «Temos consciência dos abusos que distorceram, no passado distante como no passado recente a vocação universalista dos portugueses. No entanto, reafirmamos a nossa confiança na autenticidade dessa vocação, uma vez removidos os obstáculos políticos que viciavam a nossa melhor capacidade de relacionamento».

Este reparo — precisou Ramalho Eanes — «é especialmente significativo no que respeita aos novos países de expressão portuguesa, junto dos quais não nos compete assumir uma postura superior ou paternalista».

Neste âmbito — concluiu — «a experiência e o conhecimento das regiões, bem como a proximidade afectiva e linguística, podem abrir portas a uma emigração de tipo novo, em que os portugueses se tornem os melhores colaboradores na luta

contra o subdesenvolvimento, pelo qual são, também, parcialmente responsáveis».

José Vitorino: a campanha

O secretário de Estado da Emigração, José Vitorino, que também discursou no decorrer da cerimónia, classificou de «absolutamente inconcebível» a campanha que, na sua opinião, o PCP está a fazer junto dos emigrantes, quer no estrangeiro quer em Portugal.

«Este partido vem apresentando o País, especialmente nos últimos meses, como não tendo nem presente nem futuro, e convida os emigrantes a não enviarem as suas remessas nem a investirem no solo nacional» — disse.



«A sua acção junto das comunidades não pode mais passar em claro, sem denuncia por todos os democratas e portugueses, qualquer que seja a sua ideologia» — afirmou.

Referindo-se depois à acção do actual Governo afirmou que

O monumento

O monumento ao emigrante, ontem inaugurado na Pateira de Fermentelos, tem cerca de três metros de envergadura e orçou aproximadamente em dez milhões de escudos.

O monumento, construído em bronze e no qual sobressai uma peça escultórica da autoria de Gustavo de Bastos, com sete figuras representando uma família, está coberto com um pavilhão multicolor com bandeiras dos vários países da emigração portuguesa.

As verbas foram suportadas por emigrantes radicados na Venezuela, Brasil, França, Austrália e subsidiado pela Câmara Municipal de Águeda e Secretaria de Estado da Emigração.

José Vitorino acrescentou que «o PCP, ao falar em crise e dificuldades em Portugal, esquece que os portugueses que trabalham em França, Alemanha, Venezuela, EUA ou Canadá sabem que a crise é igual e a mais acentuada desde a Segunda Guerra».

«trabalhamos hoje a todo o vapor, pensando sempre que o que se fez hoje já se deveria ter feito ontem e que, por muito que se faça, é sempre pouco perante a enormidade e complexidade dos problemas acumulados ao longo de dezenas de anos».

«Chamo-me António e não Sebastião»

«Chamo-me António e não Sebastião» — disse o Presidente da República no final das cerimónias em Fermentelos, quando falava com os jornalistas e respondendo a certos comentários de analistas políticos.

Ramalho Eanes adiantou que «acaso venha a aparecer neste País algum D. Sebastião» espera que «saiba evitar Alcácer Quibir».

Apesar de instado para a fazer, o Presidente da República recusou-se a comentar um possível veto sobre a Lei das Autarquias, assim como qualquer outro aspecto da política nacional.

No entanto, e face à insistência dos jornalistas presentes, disse esperar que «os arquivos da ex-PIDE/GS não sejam utilizados contra qualquer cidadão, pois eles têm a ver com a vida particular de cada um e a sua liberdade» e salientou a vontade do actual regime em acautelar a sua análise divulgada.

Sondagem

Cerca de um terço dos portugueses no continente classifica de muito boa a actuação do general Ramalho Eanes, segundo revela uma sondagem da Teor divulgada na edição de sábado do semanário «Expresso».

Realizado em Junho e Julho junto de duas mil pessoas em todos os distritos do Continente, o inquérito permite concluir que apenas oito por cento dos cidadãos nacionais com 15 e mais anos entende que o PR actuou mal ou muito mal em relação às expectativas criadas por e sobre esta figura política nas eleições presidenciais de 1980.

Para 36 por cento dos inquiridos Eanes actuou «assim-assim», enquanto 34 por cento classificam positivamente a actividade presidencial, dez por cento não sabem como classificá-lo e onze por cento não responderam.



Vítor Dias

«As acusações de José Vitorino não passam de grosseira calúnia»

O secretário de Estado da Emigração, José Vitorino, ao discursar ontem em Fermentelos, na inauguração do monumento ao emigrante (e na presença do Presidente da República, como relatamos nesta mesma página) fez graves acusações ao PCP. Nomeadamente disse que os comunistas estão a fazer uma campanha junto dos nossos emigrantes para não enviarem as suas remessas nem investirem no solo nacional, acrescentando que o PCP garante aos nossos compatriotas que Portugal não tem presente nem futuro.

Naturalmente, quisemos saber a opinião do PCP sobre estas acusações de um membro do Governo, produzidas em cerimónia oficial. Vítor Dias, membro suplente do Comité Central do PCP, disse-nos ao telefone:

«Em primeiro lugar: o facto de o sr José Vitorino ter feito tais acusações ao PCP num acto público e oficial confirma que ele não tem estatura moral nem a dignidade mínimas para exercer um cargo de Estado. Confirma, por outro lado, que os dirigentes da AD são completamente incapazes de separar as suas actividades partidárias dos cargos públicos que exercem».

«Mas quanto às acusações que José Vitorino fez: têm, ou não, algum fundamento?»

«Evidentemente que não. As acusações dirigidas ao PCP não têm o mais pequeno fundamento e não passam de grosseiras calúnias. O PCP é, e sempre foi, favorável a que os emigrantes remetam para Portugal as suas economias e que estas possam ser colocadas ao serviço do desenvolvimento nacional».

«Mas José Vitorino...»

«Olhe, o que acontece é que a política económica, financeira e cambial do Governo AD, a que pertence o dr. José Vitorino, é que contribui para a diminuição dessas remessas. E deve até a este propósito lembrar-se que a proibição feita pelo Governo AD de um banco nacionalizar o comprar 66 por cento das acções do Banco Franco-Português (que assim foram apanhadas por Miguel Quina) representou, segundo especialistas a retenção no estrangeiro de cerca de 15 por cento das remessas dos emigrantes».

«E quanto à acusação de que o PCP diz que o país não tem presente nem futuro?»

«O sr. José Vitorino, com a mentalidade totalitária que é própria dos dirigentes da AD, deve estar mais uma vez a confundir a AD com o país. Na opinião do PCP quem não tem presente nem futuro é a AD, a sua política e o seu governo. O país, pelo contrário, tem presente e tem futuro, e tanto mais quanto mais depressa se libertar do Governo AD».

Ribeiro Cardoso

A BARCA SEM OS CORVOS

Linguado/índice

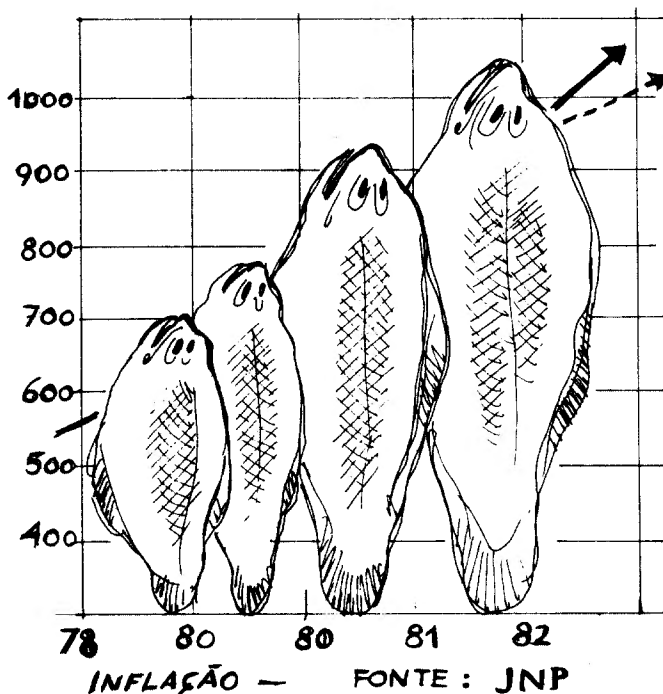
«O investimento está parado, as taxas de juro mantêm-se altíssimas e inviabilizam o recurso ao crédito, a inflação mede-se pelo linguado que se vendia na terça-feira em Cascais a 1150\$00 o quilo, as remessas dos emigrantes diminuem e o crescimento do PNB mantém-se a índices de recessão». Do editorial do «TEMPO», de N.R., de 12 de Agosto 1982

Os modos usuais de medir a inflação, isto é, pela comparação dos índices de preços no consumidor em dois meses homólogos de anos subsequentes; das médias anuais em anos subsequentes; da média anual da variação e da variação mensal, para além de outros meios obsoletos tais como a variação dos meios de pagamento, das notas em circulação e outras parvoíces do género, estão ultrapassados. Sabe-se bem ao que conduzem, e as imprecisões conceptuais que se introduzem no discurso económico pelo uso desses conceitos ambíguos.

Ora, é bom que se saiba que o linguado vendido em Cascais é a forma correcta de medir a inflação em Portugal.

Na Noruega mede-se a inflação pelo preço do lin-

guado vendido em Stavanger, e não escapa a ninguém o significado da redução ocorrida na passada semana, do peso do dólar na paridade da coroa norueguesa em presença das moedas fortes europeias (marco, franco suíço). A inflação na Noruega, perante as condições assim melhoradas quanto ao comércio com a CEE, po-



derá talvez manter-se ao nível das 95 coroas norueguesas por quilo de linguado em Stavanger, perfeitamente aceitável portanto segundo as recomendações do FMI.

A Itália, com a crise precipitada pela queda do governo Spadolini e a intransigência do PSI, experimenta neste momento uma inflação aflitiva, da ordem mesmo das 25 500 liras por quilo de linguado em Livorno, o que está muito acima da média da CEE.

Como se sabe, a inflação na CEE mede-se pelo preço do quilo de Euro-linguado, que é a média dos preços do quilo de linguado em Hull, Roterdão, St. Malo, Anvers, Bremen e Pireu.

Entre nós é perfeitamente aceitável que o Banco de Portugal continue a fornecer os dados relativos ao crescimento do PNB (um desastre!), às remessas dos emigrantes, ao crédito (pouco) concedido, e até está bem que continue a participar na fixação da taxa de desconto, na cobertura do crédito bancário e na emissão de moeda e tudo isso. São coisas relacionadas com o prime-rate da banca internacional, com a variação do Euro-dólar, do ouro, do petróleo e dessa coisa toda que eles lá sabem. E divisas e comércio externo e tudo.

Agora, inflação mesmo, em rigor, é coisa que só deve ser confirmada pela Junta Nacional das Pescas.

E são de contrariar firmemente certas tendências, de inspiração conhecida mas mais que suspeita, para medir a inflação pelo preço do quilo de goraz em Matosinhos. A gente sabe bem ao que eles querem chegar. A gente sabe.

J. Martins Barata

Que a memória dos homens não esqueça

Continuação da pag. 3

como prisioneiras de guerra? Poderemos perguntar incrédulos ou emocionados: será possível?! Foi possível, foi real, foi um dos muitos espantosos e horríveis casos desta guerra cruel e criminosa desencadeada pelo governo de Beghin com o total apoio da administração americana.

Beghin chama aos palestinianos «terroristas». Quem tem sido terrorista? Quem tem lançado metodicamente, desde 1949, o terror, a morte, a tortura, a devastação, a dizimação do povo palestiniano? «Mataremos todos os terroristas», tem afirmado o ministro da Defesa de Israel, o general Sharon, referindo-se aos palestinianos. «Mataremos todos os judeus», diziam os nazis entre 1933 e 1945.

Mas um povo que tem uma história e uma tradição tão ricas, que está consciente da sua identidade nacional e que a quer preservar, não pode ser colocado de joelhos mesmo com a actual campanha de exterminação feroz conduzida por Israel. A vontade de viver deste povo de 4 milhões de pessoas e o seu direito à existência do seu próprio Estado no solo natal, não permitirão que sejam abafados pelas bombas, nem esmagados pelos blindados.

Hans Frank, governador geral da Polónia, durante a ocupação nazi, declarava no julgamento dos criminosos de guerra alemães em Novembro de 1946: «Lutámos contra o judaísmo durante anos e entregámo-nos às práticas mais horríveis — o meu próprio diário testemunha contra mim. Um milhar de anos passará sem que este crime da Alemanha se tenha apagado». Essas horríveis práticas são novamente utilizadas, agora pelos próprios judeus israelitas. Em Israel não há câmaras de gás, mas são usadas as deportações de populações inteiras, existem campos de concentração onde os palestinianos são torturados selvaticamente de olhos vendados e mãos atadas atrás das costas, são vexados, são humilhados,

são despersonalizados, são espancados até à morte entre inenarráveis suplícios a que não escapam também as crianças. As crianças judaicas foram crianças até serem marcadas com o ferrete nazi e a morte, as crianças palestinianas, mal alcançam a compreensão da situação do seu povo, pegam em armas e transformam-se em guerrilheiros, «terroristas» como lhes chama Beghin.

«Mais de 3 milhões e 600 mil palestinianos já foram expulsos e dispersados pelos países vizinhos. Um milhão e meio continua a viver nos territórios ocupados por Israel, vivendo permanentemente num autêntico estado de sítio. 300 mil palestinianos já passaram pelas prisões israelitas e actualmente existem 27 mil presos políticos». 8000 prisioneiros palestinianos, detidos desde 6 de Junho, vivem num cativeiro e sofrimentos atrozes, pois Israel considera-os «terroristas» e não prisioneiros de guerra.

Assim como Julius Streicher escrevia «... a Alemanha será livre quando os judeus tiverem sido excluídos da vida do povo alemão», Beghin afirma «não permitirei jamais a fundação de um Estado palestiniano» e Sharon diz que invadiu o Líbano «só» para matar os palestinianos. Os dirigentes políticos e militares de Israel pensam como o órgão oficial das SS escrevia em 1939 (acima referido): Assim como o problema palestiniano só será resolvido no Próximo Oriente quando o último palestiniano tiver desaparecido, também o resto dos países árabes deverão ter em conta que a paz israelita que os espera deverá ser uma paz sem palestinianos. Uma paz de terror, uma paz de genocídio, uma paz de repressão e opressão — da qual a administração americana espera recolher os frutos.

Recordo as palavras de Yasser Arafat na sua entrevista ao jornal «Le Monde»: «Virá um dia em que os israelitas terão vergonha e quererão esquecer o que os seus actuais dirigentes fizeram ao povo palestiniano neste Verão de 1982, no Líbano».

Um quarto do mercado francês

Continuação da pag. 4

produção de maquinaria agrícola, e, em menor grau, a construção mecânica, os materiais de transporte e de manutenção, uma parte da indústria agro-alimentar e a extracção e tratamento de certos minerais.

O exemplo mais espectacular diz respeito às máquinas de escritório e material de tratamento da informação, onde a «IBM — France» e a «Honeywell — Bull» controlavam, até ao momento, mais de dois terços do mercado informático. Segundo o relatório elaborado por Julien Savary, oito sectores seriam sobretudo ocupados pelos investimentos americanos: o vidro, a fundição, o papel, e três grandes sectores de bens de equipamentos. Em contrapartida, quinze sectores franceses seriam dominados por investimentos europeus, essencialmente no domínio dos bens de consumo, bens intermédios e sectores não industriais.

No que se refere ao emprego, as firmas multinacionais que estão implantadas em França, embora estejam submetidas aos mesmos imperativos legislativos e regulamentares das sociedades de capitais estritamente franceses, parecem possuir uma maior liberdade de ajustamento

dos seus efectivos às respectivas necessidades. Por um lado, resistem melhor à conjuntura do que as outras sociedades mais pequenas; por outro, têm soluções alternativas e uma capacidade de escolha que lhes conferem maior mobilidade. Parece que, globalmente, as firmas multinacionais reduziram os efectivos, numa proporção ligeiramente maior do que as suas homólogas puramente francesas. Isso varia muito em função da política de cada empresa, algumas delas procurando o máximo de «discrição», enquanto outras, como a «IBM», procuram a estabilidade de emprego e encontram nela uma forma de legitimidade económica. Os efectivos industriais nas empresas com participação estrangeira são particularmente numerosos na região parisiense, na Picardia, em Auvergne, Lorena, Alta Normandia e no Norte, assim como nas regiões Rhône-Alpes.

Se as firmas multinacionais são levadas, tal como as outras, a reduzir os seus efectivos em períodos de crise, não se poderá deduzir que não geram novos empregos. Pelo contrário, são, simultaneamente, um factor de competitividade e de actividade. Porque a dinâmica da adaptação e da mudança é cruel.

«Operação Kubango»

Angelo Correia teve contacto com Victor Fernandes?

O ministro Ângelo Correia estaria ao corrente da «operação Kubango» desde há seis meses e teria mesmo chegado a ter um contacto com um dos principais «conspiradores», Vítor Fernandes. A acusação é formulada hoje pelo jornal «O diário» evocando duas «fontes distintas», não especificadas, mas que asseguram estarem relacionadas com os próprios elementos envolvidos na operação.

Segundo este matutino as informações obtidas por estas duas vias distintas não são coincidentes quanto ao alegado contacto do titular do MAI com Vítor Fernandes, mas ambas asseguram que o ministro teria conhecimento dos movimentos dos conspiradores desde há seis meses e dos mesmos teria dado conhecimento ao Conselho de Ministros. «O diário» acusa Ângelo Correia de, apesar de estar ao corrente, não ter interferido oportunamente nas actividades dos conspiradores.

Ainda de acordo com uma das fontes a que aquele matutino alude, «o ministro não se limitou a tomar conhecimento das movimentações dos conspiradores, envolvendo-se no desenvolvimento da operação através de um militar que presta serviço no seu

gabinete e de dois indivíduos que serviram nos «Comandos» sob as ordens daquele oficial».

António Ramos: contactos foram de carácter privado

O capitão António Ramos negou ao «DL» que os contactos que teve com Vítor Fernandes e o comerciante Dias de Figueiredo — citados como envolvidos na «operação Kubango» — envolvessem as suas funções oficiais como assessor da Presidência da República, ao contrário do que poderia fazer supor uma referência nesse sentido feita na última edição do semanário «Tempo».

Segundo António Ramos, Vítor Fernandes foi-lhe apresentado por uma pessoa amiga comum. Através de Vítor Fernandes conheceu, entretanto, Dias de Figueiredo. Em qualquer dos casos, nenhum destes contactos apareceu como directa ou indirectamente relacionado com actividades antiangolanas.

Dias de Figueiredo foi mesmo ao ponto de manifestar interesse em que António Ramos se encontrasse com um «alto funcionário» da Re-



pública Popular de Angola, Pedro Gogel, agora referenciado como pertencendo aos serviços secretos daquele país.

Na altura estava em preparação a visita oficial do Presidente Ramalho Eanes a Angola e, segundo constataria António Ramos, o que Pedro

Gogel pretendia era contactar o PR. Tal contacto nunca se viria a fazer.

«Tudo isto se passou há cerca de dois anos e no âmbito de relações que apenas têm que ver com a minha vida privada a qual, como é evidente, não interfere nas minhas funções oficiais» — disse-nos António Ramos.

Frank Sturgis participou no assassinio de J.F. Kennedy?

Na nossa edição do passado dia 17 e a propósito da conspiração internacional que se desenvolve para derrubar o regime de José Eduardo dos Santos, dissemos «quem é quem na operação Kubango» — a já célebre operação que passava por Lisboa e que, pelo menos em parte, era do conhecimento do Governo português.

Nesse artigo falávamos de Gary van Dyk, Vítor Fernandes Jack Rollins e António Fernandes. Nada dissemos, porém, sobre o americano Frank Sturgis, um homem intimamente ligado à CIA e actualmente a trabalhar com os

anticastistas sediados na Florida. Estávamos à espera — e continuamos — de receber mais elementos sobre o seu «curriculum».

Podemos hoje, contudo, revelar que Frank Sturgis, que também usa o pseudónimo de «Fiorini», foi um dos homens envolvidos no assassinio do presidente norte-americano John Kennedy.

Sturgis, que, como o seu maáiro «Expresso» já noticiou, esteve envolvido nas acções que originaram o escândalo Watergate, nasceu em 9 de Dezembro de 1924. Tem pele morena, cabelo negro e um metro e 78 de altura. O

«DL» pode confirmar que, no âmbito da operação Kubango, Sturgis esteve realmente em Lisboa em Maio deste ano.

Membro do Comité Afro-Cubano, organização que se ocupa do recrutamento de mercenários de origem cubana para combater contra a RPA e outros países africanos, com sede no National Press Building, em Washington, Frank Sturgis reside oficialmente em Miami. Pertence às Forças Armadas dos EUA e trabalhou já para os serviços secretos de diferentes países. Foi igualmente instrutor da Brigada 2506 que invadiu Playa Giron e foi o



chefe do grupo de 12 homens que obrigou o iate mexicano «Amigo» a mudar de rumo para desembarcar clandestinamente em Cuba, tendo no entanto sido interceptado em Belize.

Frank Sturgis é conhecido também por ter participado em vários planos que tinham por finalidade assassinar Fidel Castro.

A 80 quilómetros de Maputo

Cooperante assassinado em Moçambique terá sido vítima de comando de Pretória

Um cooperante português, António Figueiredo, foi assassinado juntamente com dois moçambicanos na localidade da Namaacha, a 80 quilómetros de Maputo. Fontes não oficiais da capital moçambicana apontam o provável envolvimento da África do Sul neste atentado. Antes de praticados os crimes, helicópteros tinham sobrevoado a povoação. Outras três pessoas foram raptadas e duas mulheres vítimas de tentativa de violação com um tubo.

De acordo com testemunhas oculares, o bando armado, autor dos crimes, teria surgido imediatamente após o aparecimento dos helicópteros não identificados. Entre este grupo, disseram as mesmas testemunhas, encontrar-se-ia um branco pintado de preto.

Para além destes dados, outros indicam a provável autoria deste atentado por um comando sul-africano, designadamente o facto de António Figueiredo estar a ocupar uma casa que servia anteriormente de residência a refugiados do ANC.

Ao dirigir-se à casa do co-

operante português, o comando deveria, provavelmente, ir em busca dos seus antigos moradores, o mesmo podendo ter acontecido com os dois moçambicanos mortos, eventualmente tomados como membros do ANC.

Uma operação com estes objectivos, sugerem fontes moçambicanas, só dificilmente poderia deixar de ser atribuída à África do Sul cuja política é de perseguir e eliminar elementos do ANC no estrangeiro.

Recorde-se, a propósito, que no início da semana passada uma activista do ANC, a investigadora Ruth First, foi morta em Maputo ao abrir

uma carta-armadilha, num atentado oficialmente atribuído à África do Sul.

António de Figueiredo, o português assassinado, estava há cerca de um ano e meio em Moçambique, ao serviço do Ministério da Agricultura.

Encontrava-se em casa com a mulher e dois filhos, quando, depois de terem batido à porta, deparou com um homem que lhe apontou uma pistola com silenciador.

Ainda tentou resistir, de acordo com relatos atribuídos a sua mulher, mas acabou por ser atingido e teve morte quase imediata.

Coligação AD-PS já funcionou nesta revisão constitucional

— afirma António Capucho (PSD) a pensar nas "locais" e em 1984

«Mas o que se fez nesta revisão constitucional não foi uma coligação AD-PS?» — perguntou (e respondeu) António Capucho no decorrer de uma entrevista à Antena-1, da RDP, face à insistência dos entrevistadores quanto à hipótese de coligações com os socialistas nas eleições locais e, eventualmente, de uma alternativa do mesmo tipo ao Governo AD.

«Se em 1984, atentas as circunstâncias que então se verificarem, o meu partido se inclinar noutro tipo de coligação, acho que isso não constituirá nenhum drama. De qualquer modo, não há presentemente, dentro do partido, nenhuma corrente nesse sentido» — disse ainda, sobre o mesmo tema, o secretário-geral do PSD.

Relativamente às eleições locais, Capucho defendeu a sua tese de coligações AD-PS, designadamente no Alentejo, para afastar das câmaras os autarcas comunistas.

«Veto político»

Um dos temas fortes da entrevista foi o veto provável do Presidente da República à lei das Autarquias. Para o dirigente do PSD tratar-se-á de «um veto puramente de natureza política pois não há nada no documento de carácter inconstitucional».

Interrogado sobre o conflito institucional PR-Governo, acentuado com o discurso presidencial na última remodelação governamental, Capucho considerou-a com «preocupação» mas «sem espanto», lembrando a tese de Sá Carneiro de que tal situação seria «previsível e possível».

A hipótese de o Governo demitir-se face a tal situação foi contestada pelo dirigente do PSD, «a não ser que o Presidente da República atingisse os limites do suportável e eles já estiveram muito próximos...».

Quanto à eventual decisão de Eanes de demitir ele próprio o Executivo, Capucho declarou: «se ele tiver coragem para o fazer, pois que o faça então e assumo, depois, as responsabilidades do seu acto; da nossa parte, procuraremos evitar sermos nós próprios a enveredarmos por uma situação de rup-



António Capucho

tura, sempre má para a democracia e para o País.»

Na entrevista à RDP, António Capucho prevê ainda um recuo de Eanes no discurso da promulgação da revisão constitucional, admite que o Governo e o Parlamento «tenham sofrido algum

desgaste» e indica não haver objecções do seu partido à recandidatura do eng. Abecasis para a presidência da Câmara de Lisboa, apesar de algumas discordâncias pontuais à sua actual gestão.

Conselho Nacional da UDP reuniu este fim-de-semana

- Contra a «Constituição de Novembro»
- Proposta greve geral de dois dias

A União Democrática Popular, que reuniu este fim-de-semana o seu Conselho Nacional, pronunciou-se contra a promulgação da revisão constitucional, propondo ainda uma greve geral de dois dias antes da realização das eleições autárquicas.

«O general Ramalho Eanes só promulgará a Constituição se quiser», sustenta a UDP num comunicado distribuído ontem, no final da reunião do seu Conselho Nacional.

O CN da UDP debateu sábado e domingo, fundamentalmente, a actual situação política, considerando que «a Constituição de Abril foi rasgada e substituída por uma Constituição de Novembro, imposta pelo acordo AD-PS e facilitada pela incoerência da APU, com a abstenção do MDP e as ilusões espalhadas pelo PCP de rever para melhorar».

A União Democrática Popular condena ainda o teor da nota de Ângelo Correia sobre os incidentes do 1.º de Maio no Porto, «cuja conclusão de que a acção das forças policiais no local foi eficaz e globalmente positiva é, no mínimo, uma provocação à memória dos trabalhadores assassinados e uma autorização governamental para a polícia de choque continuar a matar, provando o carácter fascizante deste Governo».

No seu comunicado, o Conselho Nacional da UDP apela ainda «aos militantes do PS e do PCP, a todos os trabalhadores, sindicalistas e sindicatos para nos unirmos nas fábricas, campos e empregos, no sentido de rearmarmos a ofensiva da AD e realizarmos uma nova greve geral de dois dias mais ampla e radical».

UDP pretende reforçar-se

O comunicado refere, por fim, que o Conselho Nacional da UDP «decidiu tomar uma série de medidas com vista ao reforço de organização de acordo com as orientações do 5.º Congresso, como sejam o reforço do coesamento político dos órgãos internos, a convocação do Congresso Regional dos Açores para o dia 2 de Outubro e a criação de um jornal como órgão central da UDP».

Por último, é de salientar que no decurso dos trabalhos foram pedidos esclarecimentos a alguns dirigentes que, sem estarem para tal autorizados pelo partido, se pronunciaram publicamente sobre o caso dos elementos do «PC(R)» actualmente afastados da UDP. As conclusões do Conselho Nacional da UDP foram divulgadas ao fim da manhã de hoje, em conferência de imprensa.

Depois da retirada israelita

Mário Soares de novo a caminho de Beirute



O dirigente socialista português, Mário Soares partiu, hoje, para Nicósia onde se reúne, terça-feira, o Grupo de Trabalho da Internacional Socialista para o Médio Oriente.

O grupo de trabalho ou comissão *ad hoc*, parte, na quarta-feira, por via marítima, para Beirute, onde, a convite do Governo libanês, realizará novo encontro.

A decisão de efectuar a reunião de Beirute foi tomada em Lisboa, no dia 6 de Agosto.

Mário Soares, que seguiu via Cairo, é acompanhado por Bernardino Machado, das Relações Internacionais do PS.

A Comissão *AdHoc* da IS é presidida por Soares e inclui Berndt Carlsson, secretário-geral da organização, Lasse Budt (Partido Social Democrata da Dinamarca), Erkki Liikanen (Partido Social Democrata da Finlândia) e Jacques Huntzinger (Partido Socialista Francês).

Na reunião de Lisboa, Mário Soares defendeu a retirada de todas as forças estrangeiras do Líbano — palestinos, israelitas e sírios — considerando «não haver outra solução de momento».

«Quanto menos trágico for o desfecho da guerra — disse — mais hipóteses há de solução negociada para o problema».

Ref. com.



CIMPOR, LUSOTECNA E PROFABRIL ASSINAM CONTRATO

A CIMPOR-Cimentos de Portugal, EP assinou no passado dia 12 de Agosto um contrato com um consórcio constituído pela LUSOTECNA e pela PROFABRIL, adjudicando-lhe toda a engenharia de detalhe para conversão para via seca do forno V da fábrica de Alhandra, incluindo os projectos de construção civil e procura, na indústria nacional, do equipamento mecânico, eléctrico e de controlo, das montagens e dos transportes.

A concretização deste projecto conduzirá a uma considerável poupança de energia, nomeadamente, à economia de aproximadamente 44 000 toneladas de fuelóleo por ano, o que a preços actuais de mercado representa cerca de 660 000 contos.

A modificação do forno e a mudança do método de fabrico permiti-

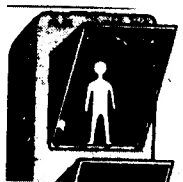
rão ainda um aumento da capacidade da linha de produção de 1800 para 2500 toneladas por dia, garantindo assim uma produção equivalente à dos fornos de via húmida actualmente em serviço.

O valor do investimento, a preços constantes, é da ordem dos 2,6 milhões de contos, tendo a parte estrangeira sido já adjudicada no passado dia 12 de Maio à firma Creusot-Loire Entreprises, após concurso aberto entre empresas estrangeiras de reconhecido nível tecnológico, no valor de cerca de 920 mil contos.

Apesar de neste empreendimento a construção civil ter uma incidência no custo menor do que a habitual por ser aproveitada grande parte dos edifícios e das infra-estruturas já existentes, a incorporação nacional atinge os 65%.

Nas novas instalações a construir estão incluídos uma pré-homogeneização polar de 2x16000 toneladas e respectivo equipamento de transporte para a fábrica, uma moagem de cru, em circuito fechado, de 225 toneladas hora, uma torre de condicionamento de gases de saída, um silo de homogeneização contínua de 10000 toneladas, uma central de ar comprimido e um pré-aquecedor de 5 andares, com pré-calculação. Estes equipamentos virão a melhorar significativamente o controlo da poluição atmosférica.

Na assinatura do contrato intervieram por parte da CIMPOR os administradores Eng.ºs Torres Campos e Toscano Junior e pela LUSOTECNA e pela PROFABRIL respectivamente os administradores Eng.ºs Olívio Bento e Viriato Morgado, e o Eng.º Pereira do Vale.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



de ontem para hoje

Presos os violadores de Camarate

A PSP prendeu quatro indivíduos acusados de terem assaltado e violado, na madrugada de sábado, uma jovem de 24 anos que aguardava transporte numa paragem de autocarros em Lisboa. Os violadores, de idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos e sem cadastro, saíram de um táxi e depois de obrigarem a jovem a entrar no carro forçaram o motorista a seguir em direcção a Camarate. A violação seguida de furto foi consumada num barracão localizado nas traseiras do Aeroporto da Portela. A vítima teve de receber tratamento no Hospital de St.ª Maria. Os detidos são Eduardo «Meio Tostão», Joaquim Coelho, José dos Santos e Leonel Rodrigues.

Homenagem

a Luís Piçarra

A Câmara Municipal de Moura anunciou para o próximo dia 28, na sede daquele concelho baixo-alentejano, a realização de uma série de iniciativas destinadas a homenagear o cantor Luís Piçarra (foto). O programa inclui uma largada de pombos, almoço, concentração e desfile com bandas e grupos corais e um espectáculo musical a realizar na Espelanada da Salúquia, no qual participam, entre outros, o grupo «Terra a Terra», Mário Piçarra, Vitorino e Nicolau Breyner. A festa de homenagem a Luís Piçarra, natural de Moura, integra-se nas realizações culturais que o município tem vindo a promover durante os meses de Verão.



Abate clandestino de borregos

Por ter abatido clandestinamente seis borregos, o industrial Luís Gabriel Fróis foi condenado no Tribunal da Comarca das Caldas da Rainha em sessenta dias de prisão e noventa contos de multa. Luís Fróis é proprietário de um restaurante no Bombaral. As carcaças dos animais apreendidos reverteram para o Estado.

Novo molhe em Vila do Porto

Obras de construção do novo molhe-cais de Vila do Porto (Santa Maria) vão ser executadas nos próximos dois anos, segundo revelou ontem o secretário regional do Equipamento Social dos Açores, Vítor Macedo.

Molhe com cerca de 300 metros de comprimento, 138 dos quais serão acostáveis, terá profundidades compreendidas entre os menos cinco e menos oito metros. Aquela

estrutura portuária, que será construída a cerca de 500 metros da actual, ficará com um espaço de manobra interior de 180 metros. Entretanto, o Executivo açoriano abriu um concurso público para a sua construção, cuja base de licitação é de cerca de 731 mil contos. A ilha de Santa Maria, a primeira do arquipélago a ser descoberta, tem 97 quilómetros quadrados e 6383 habitantes.

Queria levar a filha para os EUA

Joaquim Pestana, proprietário de uma ervanária, na Rua Penha de França, em Lisboa, suicidou-se com uma poção por ele próprio preparada após ter agredido a filha à facada. A jovem, Maria da Conceição, de 19 anos, internada em estado grave no Hospital dos Capuchos, ter-se-ia recusado a acompanhar o pai para os Estados Unidos da América, onde este se encontrava radicado há seis meses. Joaquim Pestana era pai de mais três crianças menores. Ao que parece, a recusa de Maria da Conceição em acompanhar o pai para os EUA fixava-se no facto de namorar um rapaz com quem pretendia casar brevemente.

Depósito de espécies museológicas

Um decreto-lei publicado no «Diário da República» cria, na dependência do Instituto Português do Património Cultural, o depósito nacional de espécies museológicas. Este depósito nacional terá por objectivo proceder à guarda e conservação das espécies nele depositadas pelo Instituto Português do Património Cultural, pelos museus que são serviços dele dependentes ou

pelas comissões organizadoras de futuros museus dependentes do mesmo Instituto. Podem ser objecto de depósito as «espécies que não estão em exposição no museu

depositante, mas que se revestem de interesse museológico e que se admite venham a ser transferidas para outros museus ou a figurar em exposições temporárias».

Abaloamento fatal em Guimarães

A PSP de Guimarães procura localizar o condutor de um carro que anteontem, em Creixomil, ao tentar ultrapassar, chocou com outro veículo provocando a morte dos seus três ocupantes, fugindo em seguida. O automóvel causador do acidente, de matrícula TN-44-62, encontra-se registado em nome de José Pinheiro Cardoso. As vítimas são Bernardino Fernandes da Costa Pereira, de 21 anos, residente em Malbebes; José Faria, de 45, domiciliado em Moreira; e António Salgado, de 35, morador no lugar de Padrão.

Afectados 70 convidados de três casamentos

Intoxicação com «bolo de noiva» investigado em Pombal

Os cerca de setenta convidados, de três casamentos, que no sábado deram entrada no Hospital de Pombal com sintomas de intoxicação alimentar já receberam alta encontrando-se a GNR local a averiguar o caso.

As pessoas começaram a sentir vômitos e fraqueza depois de terem comido «bolos de noiva» fornecidos por um mesmo estabelecimento para três casamentos nas localidades de

Santiaes, Barrocal e Vermoil.

A grande maioria dos que acorreram ao hospital teve de receber soro e cinco crianças foram enviadas para o Hospital Pediátrico de Coimbra, onde já se encontram livres de perigo.

Foi ao princípio da noite que os Bombeiros Voluntários de Pombal começaram a ser solicitados através de chamadas telefónicas vindas das três localidades, para que acorressem com ambulân-

cias, pois muitas pessoas se estavam a sentir mal.

Apesar de os casamentos se terem efectuado em localidades diferentes, uma coisa tiveram de comum — os bolos servidos foram fabricados na mesma pastelaria, em Pombal — revelaram alguns dos convidados.

Um bombeiro acrescentou mesmo o pormenor de uma pessoa de idade, que não se pudera deslocar a um dos casamentos,

ter sofrido dos mesmos sintomas de intoxicação quando lhe foi oferecida em casa uma fatia de um dos «bolos de noiva».

Passado o susto dos primeiros momentos, e no meio da confusão do hospital onde iam chegando, as vítimas da possível intoxicação alimentar mal disfarçavam a ira contra o estabelecimento que forneceu os bolos para os três casamentos.

Não faltaram as «chaimites» e os cães-polícias

Vizela «teatralizou» incidentes com a GNR

Milhares de vizelenses, ao som de sinos a tocar a rebate e sereias encheram ontem as ruas da vila de Vizela, assistindo ou participando num cortejo alegórico dos incidentes de 4 e 5 do

mês corrente. Conforme noticiámos, incidentes, em que se envolveram populares e efectivos da GNR local e do Porto, provocaram confrontos violentos de que resultaram vários feridos.

A intervenção das forças policiais, a pedido da CP, visou «libertar» uma locomotiva que a população vizelense conservava como «refém» na sua disputa, desde 1981, para se tornar concelho, autonomamente de Guimarães.

O cortejo alegórico, em que intervieram centenas de populares figurados de «guardas» da GNR e de tropas de choque, cães-polícias, «chaimites» e «blindados» de cartão, foi presenciado por milhares de pessoas, que encheram as ruas da vila engalanadas a azul e ama-

relo, as «cores» do «novo» concelho.

Os «figurantes» empunhavam ainda catazes ridicularizando alguns deputados da maioria parlamentar e o governador civil de Braga.

Segundo organizadores do «Teatro de Rua» o evento destinou-se a chamar a atenção do País para Vizela e para «a sua determinação de não esmorecer na luta» iniciada no ano passado.

A Assembleia da República tem agendada, pela sétima vez, a questão da elevação de Vizela a concelho para o próximo dia 10 de Setembro.

Madeira

Jardim inaugura obras no valor de 230 mil contos

O presidente do Governo Regional da Madeira inaugurou no domingo e, em diversos concelhos da ilha, obras no valor de 230 milhões de escudos.

Em São Vicente, Alberto João Jardim inaugurou o novo pavilhão gimnodesportivo do concelho (apetrechado para todas as modalidades) orçado em 55 milhões de escudos. Neste concelho Jardim visitou, ainda, as obras de pavimentação da estrada regional que custaram cerca de 25 milhões de escudos.

Na Ribeira Brava, o presidente do executivo madeirense procedeu à abertura das obras de correcção e pavimentação da estrada regional, que visam melhorar as ligações do Funchal com o norte da ilha, o valor do empreendimento rondou os 160 milhões de escudos.

No Porto Moniz, Alberto João Jardim visitou a Vigésima Feira de Gado do concelho. Nesta feira — única do género na região — estão representados produtores de gado do norte da ilha, além de maquinaria agrícola e produtos agro-pecuários de firmas comerciais.

O presidente do Governo Regional dirigindo-se às centenas de pessoas que acorreram ao certame afirmou que «a Feira demonstra a vitalidade da agro-pecuária madeirense, que desde 1977 tem registado acréscimos apreciáveis».

Para Jardim «a manter-se o actual ritmo poderá atingir-se um dos desideratos do Governo: terminar com as assimetrias e as discrepâncias entre o mundo rural e a cidade».

Apontando a produção de leite (8 mil litros em 1977 e 16 mil este ano) como um exemplo dos acréscimos de produção na pecuária, Jardim sublinhou, por outro lado, que «Na horticultura os resultados são já palpáveis, podendo, a médio prazo, triplicar a produção existente há dois anos».

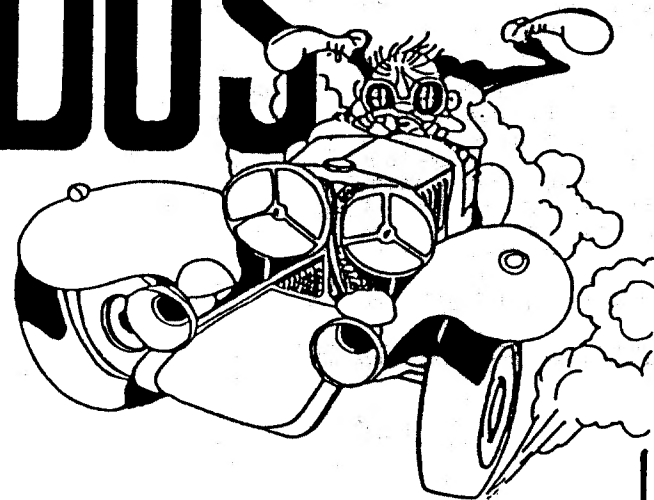
O presidente do executivo regional concluiu que «o Governo tem obra feita» e frisou que «resta às pessoas compará-la com os propósitos manifestados pela oposição».

Dia do Funchal

O dia da cidade do Funchal foi comemorado no sábado com diversas manifestações de índole cultural e desportiva, tendo-se procedido à inauguração de melhoramentos cuja importância foi destacada pelo presidente da Câmara funchalense, Virgílio Pereira.

SALDOS

1 MILHÃO
de escudos
em prémios
c/automóvel



Vestidos p/senhora - lindos padrões
Saia p/senhora - todos os tamanhos - enorme sortido
Biquínis malha fantasia trilobal
Saiotes em lingerie - não há melhor
Calças de bombazine cores e modelos UNISEXO
Camisetas p/homem malha Piqué
Blusões de nylon p/homem
Calças de ganga c/ e s/peitilho e c/bordados p/criança
Blusões de nylon acolchoados p/criança
Voilines em nylon c/ 2.80 lg. - lindos desenhos
Jogos de banho c/lençol - 5 peças
Chapéus de sol - enorme sortido
Alcatifa tipo industrial
Alcatifa c/4.00 lg. - várias cores
Móveis de quarto p/casal
Tábuas de engomar
Rendas decoração c/ 3.00 lg. - Lindos desenhos
Popelines - Milhares de metros
Colchões p/ campo e praia

398\$00	398\$00
248\$00	248\$00
29\$50	29\$50
148\$00	148\$00
398\$00	398\$00
198\$00	198\$00
495\$00	495\$00
98\$00	98\$00
495\$00	495\$00
128\$00	128\$00
398\$00	398\$00
495\$00	495\$00
89\$50	89\$50
225\$00	225\$00
21.980\$00	21.980\$00
525\$00	525\$00
158\$00	158\$00
49\$50	49\$50
598\$00	598\$00

Em todas
as lojas dos



armazéns
CONDE BARÃO

*Três bombeiros do Seixal feridos num despiste*

Fábrica de pólvora em Corroios esteve ameaçada pelas chamas

Floresta em Penalva continua a arder

Três bombeiros Voluntários do Seixal, que na madrugada de anteontem se dirigiam a Corroios para combater um fogo numa mata situada próximo de uma fábrica de pólvora, ficaram feridos quando a viatura se despistou. Os feridos são António José da Silva, de 29 anos, bombeiro de 1.ª classe, Joaquim Anastácio Travassos Martins, de 49, encarregado do parque de material e Carlos Alberto Garcia, de 32, ajudante de motorista.

No combate ao sinistro, concluído na noite de sábado participaram ainda os bombeiros da Costa da Caparica, Almada e Cacilhas, que, após denodados esforços, conseguiram isolar a fábrica e dominar as chamas.

O mesmo não aconteceu re-

lativamente ao fogo que, desde a mesma altura, lavra numa floresta próximo de Penalva do Castelo, no concelho de Viseu, e que até agora já destruiu centenas de hectares de arvoredo. O incêndio ao que parece de origem criminosa e que está a ser comba-

tido por oito corporações e por meio de helicópteros e aviões dos Serviços Florestais de Viseu, chegou a atingir ontem à tarde uma frente de cerca de cinco quilómetros.

Fogo dominado em Arouca

Entretanto, só ao princípio desta manhã foi dado como extinto o fogo que, desde a madrugada de sábado, grassava com violência nas matas de Alvarenga no concelho de Arouca.

Iniciado junto à ponte de Alvarenga, o incêndio consumiu uma área florestal considerá-

vel que ainda não foi avaliada convenientemente chegando a atingir uma frente de quatro quilómetros. As casas do lugar de Santo António chegaram a estar ameaçadas pelas chamas mas o esforço de bombeiros e populares evitou o pior não se tendo registado quaisquer vítimas.

Combateram o sinistro as corporações de Arouca, Castelo de Paiva e S. João da Madeira que se debateram com o problema da falta de água que tiveram de trazer de longa distância.

Não se conhecem por enquanto as causas do sinistro, não sendo de excluir também aqui a hipótese de fogo posto.

Caso ANOP

Eanes: é preciso consenso Alfaia: há que extinguir

«O decreto-lei governamental que extingue a ANOP é uma decisão legal, como será a que o Presidente da República vier a assumir, pois ambos têm a mesma legitimidade que lhes dá o sufrágio universal» — afirmou Ramalho Eanes, no decorrer da sua visita a Fementelos (Aveiro),

a propósito das divergências Governo-Belém sobre a ANOP. O PR, que disse não pretender falar mais no caso, dada a falta, por agora, de elementos adicionais, manifestou, entretanto, a sua convicção de que os dois órgãos de soberania (Presidência e Governo) saberão encontrar uma solução de consenso

para a situação da prestigiosa agência noticiosa portuguesa.

Alfaia

Pro sua vez, o actual responsável da Comunicação Social, José Alfaia, em entrevista à Rádio Nacional de Espanha, voltou a falar na ANOP para, desta vez, invocar apenas razões económico-financeiras para a pretendida extinção da agência.

Alfaia, que nada disse sobre os anunciados (semanário «Tempo») 250 mil contos anuais garantidos pelo Governo à agência privada, considerou ainda que Eanes antes de revelar aos jornalistas a sua intenção de não promulgar o decreto de

extinção, «certamente o faria ao Governo». Recorde-se, a este propósito, que Eanes soube pelos jornais da intenção do Governo de liquidar a ANOP...

O secretário de Estado defendeu, por outro lado, a existência em Portugal de televisões privadas, em paralelo à RTP. Lamentou que a hipótese não tivesse sido contemplada na revisão constitucional e argumentou que «caminhamos para uma Televisão sem fronteiras e, nesse ponto, a Constituição vai contra a dinâmica do futuro».

Não menos curiosa é a afirmação de Alfaia de que os jornais privados têm crescido mais que os estatizados e de que o futuro aponta para a imprensa privada.

Na sua opinião (contraditada pela realidade) a imprensa privada «vende mais que a imprensa pública».

Igualmente curiosa (ou divertida) é a sua afirmação de que a política do Governo vai no sentido de dar um tratamento igual aos dois tipos de imprensa, citando os subsídios dados pelo Governo e que, afinal, apenas apontam, basicamente, para a imprensa estatizada. Sobre a Rádio, considerou-se adepto de estação de serviço público suportada apenas pelas taxas, ao lado de rádios, quer de âmbito nacional, quer regional, com objectivos prioritariamente comerciais.

Em Lisboa

já havia um

Padre casado diz missa em Coimbra

Ontem, em Coimbra, um padre católico, casado e pai de dois filhos, celebrou uma missa. Foi a primeira vez que tal sucedeu nesta cidade, e o celebrante, recentemente convertido ao catolicismo, era antes o pastor protestante James Parker, britânico que chegou a este caminho graças «a uma decisão tomada o ano passado pelo Papa João Paulo II, segundo a qual se autorizam ordenações de pastores protestantes ao sacerdócio católico, mesmo quando casados».

Recorde-se que em Lisboa existe, há já algum tempo, um outro sacerdote católico casado, o padre Saul, também um antigo pastor evangélico que, à semelhança do padre James, optou pelo culto católico.

Ontem, ao fim da tarde, e ainda em Coimbra, foi celebrada uma missa em que se comemoraram as bodas de prata de treze padres da Diocese.

Pequim prepara regresso de Macau à soberania chinesa

O território chinês de Macau, actualmente sob administração portuguesa, poderá a breve prazo, voltar ao controlo das autoridades chinesas. A hipótese, levantada por uma revista oficial chinesa, citada pela Reuter, prevê um acordo pacífico entre os governos de Pequim e Lisboa e deverá aplicar-se também ao território de Hong-Kong, sob administração britânica.

«O Governo chinês considera que as questões (de Macau e Hong-Kong) devem ser solucionadas pacificamente e de modo apropriado quando as condições estiverem amadurecidas, devendo o «status quo» ser mantido até então» — lê-se no semanário de língua inglesa «Beijing (Pequim) Review».

A revista acrescentou que Macau e Hong-Kong «continuarão a desempenhar os seus devidos papéis» após ter sido resolvido o problema do seu estatuto.

Fontes diplomáticas citadas pela Reuter interpretam o artigo como uma indicação de

que os sistemas socioeconómicos vigentes nos dois territórios poderão ser mantidos após a sua eventual absorção na China e notam que um novo projecto de constituição publicado em Abril aponta para tal arranjo.

A constituição, presentemente em discussão, estipula que podem ser criadas «regiões administrativas especiais» com os seus próprios regulamentos.

Macau, com uma área de 15,5 quilómetros quadrados e uma população de cerca de 290 mil habitantes, foi fundado por Portugal em 1557 e é actualmente considerado uma

fonte de divisas da China.

O problema de Hong Kong tornou-se cada vez mais sensível, prevenindo-se que seja o principal tema da agenda da visita que a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, fará a Pequim em Setembro.

A ilha de Hong Kong foi cedida à coroa britânica ao abrigo do tratado de Nanking, celebrado em 1842 após a China ter sido derrotada pela Inglaterra na primeira guerra do ópio, tendo outra parte do território sido cedida 18 anos depois.

Pela convenção de Pequim, de 1898, o arrendamento por 99 anos da parte da colónia conhecida por «novos territórios» expira em 30 de Junho de 1997, e tanto o Governo de Londres como o de Hong Kong querem resolver o problema o mais rapidamente possível.



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 105/82

«EMPREITADA ANTEPROJECTO DE RECONSTRUÇÃO DAS RUAS DE S. PAULO E BOAVISTA»

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à empreitada acima referida, com a base de licitação de 65 000 000!00. (Processo n.º 49/82/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1 625 000!00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea 10.5 da parte 10.ª do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na 1.ª Repartição da direcção dos Serviços de Obras — Construção e Rec. de Arruamentos — sita na Rua da Palma, n.º 169, das 9.30 às 12 e das 14.30 às 17 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV e V Categorias ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria e 4.ª Subcategoria da V Categoria e da classe correspondente ao(s) valor(es) da(s) sua(s) proposta(s).

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 3 de Agosto de 1982.

PEL'O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
Pedro José Del Negro Feist



Município de Lisboa

EDITAL
N.º 107/82

TOPONÍMIA

Faz-se saber que ao abrigo do disposto no n.º 4 do art.º 50.º do Código Administrativo e no uso da competência conferida pelo art.º 102.º do mesmo Código, aos arruamentos da Zona J de Chelas abaixo referidos foram atribuídos os topónimos que vão indicados:

Impasses 11/J6 e 12/J6
RUA BOTELHO DE VASCONCELOS
1856-1921

Rua J/13
RUA CARLOS GENTIL
1891-1921

Rua J/10 (incluindo os impasses 11/J10, 13/J10 e 14/J10)

RUA ENG.º CUNHA LEAL
Político
1888-1970

Rua J/5
RUA ALFREDO DUARTE (MARCENEIRO)
Fadista
1891-1982

Praceta A
PRAÇA DR. CUNHA GONÇALVES
Jurisconsulto
1875-1956

Praceta B, conjuntamente com as Ruas J/6 e J/8
PRAÇA DR. FERNANDO AMADO
Teatrólogo
1899-1968

Rua J/2 incluindo os impasses 11/J2 e 12/J2;
RUA DE OVAR

E para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 12 de Agosto de 1982.

Por delegação do Presidente da Câmara Municipal,
O Vereador
João Martins Vieira

entrevista

Ana
Valente
e Miguel
Henriques



Dois jovens pianistas portugueses em Moscovo

As diferentes fases de uma experiência artística e pedagógica

Estava entre amigos a ouvir um disco do Keith Jarrett e disse:

«Estas oitavas na mão esquerda estão excepcionalmente bem tocadas. Como é que isto se fará?»

Alguém comentou: «Não vale a pena preocupares-te, que nunca há-de conseguir tocar assim.»

Pensei: «Então nunca mais hei-de conseguir fazer umas oitavas daquelas na mão esquerda? Porquê?»

E pronto. Miguel Henriques encheu-se de bríos e resolveu passar da fase amadora, com especial inclinação pelo jazz, à fase da formação profissional.

Mas o piano já lhe era familiar desde os seis anos. Começara a ter lições no Porto. Depois veio um período de estagnação em Moçambique: não havia professores... De novo em Portugal, não retomou o estudo do piano:

«Com o 25 de Abril outros valores mais altos se elevaram. Andei metido nas lutas populares em Lisboa e só quando voltei ao Porto, em 1977, aceitei o desafio de actuar como pianista de jazz (de resto, sempre o praticara em casa).»

A opção musical ainda não era clara. Havia também o curso superior de arquitectura. Matricula-se em Março na Escola de Música do Porto e já em Julho conclui brilhantemente o 6.º ano de piano. A arquitectura fica para trás.

E convidado a leccionar piano como assistente da mesma escola. Conhece a Ana Valente, como ele aluna de Hélia Soveral, e acabam por casar.

«Eu comecei a estudar piano aos 7 anos», diz a Ana. «Mas tive de interromper logo no ano seguinte...»

Porquê? «Quando se é miúdo não se quer ter trabalho. Não apetece passar o tempo a estudar o Czerny.»

Ao terminar o curso do liceu hesitava entre Germânicas e a Música. Recomeça na Escola de Música do Porto, aos 18 anos. Tão tarde? E a velha tese da necessidade de começar cedo e não perder o balanço?

«A experiência dos meus sete, oito anos, não foi inútil. Já conhecia o piano e tinha o ouvido preparado.»

Enfim, o seu currículo escolar não foi menos brilhante. Quando acabou o curso, também ela passou a assistir Hélia Soveral no ensino do piano.

As Escolas de Música e os papás dos meninos

Ambos (a Ana e o Miguel) falam com entusiasmo dessa experiência pedagógica:

«Não dávamos aulas só a crianças. Havia adultos entre os nossos alunos. Cada um constituía um caso humano. A música é uma actividade que mexe com as pessoas que têm problemas. Muitos aproveitavam a aula de piano também para desabafar: a música ajuda muito.»

Por outro lado, com o correr do tempo, vinham ao de cima as questões de fundo do nosso sistema pedagógico:

«Enquanto a realidade internacional é esmagadora, no que respeita ao surto de jovens instrumentistas, nós continuávamos e continuamos atrasadíssimos. O nosso ensino baseia-se em esquemas do início deste século ou mesmo do século XIX, que não permitem o desenvolvimento regular das crianças. Quanto ao ciclo preparatório, é simplesmente desastroso: não há qualquer hipótese de alguém descobrir aí uma vocação musical.»

A Escola de Música do Porto subsiste graças às famílias que a sustentam. Mas nem sempre as famílias que podem pagar uma média de dois contos por mês para trazer um filho na música compreendem realmente de que é que se trata:

«Os miúdos andam sobre-carregados. Os pais querem que eles aprendam tudo e mais alguma coisa. Põem-nos na música, na natação, no judo, no francês, no inglês, no alemão, sei lá em que mais. Como não tiveram acesso a nada disso, pensam que devem atafalhar os filhos. Havia alunos que chegavam à aula de piano ainda com a cabeça molhada da natação ou com um pé torcido do judo e tinham de fazer uma sonata do Clementi...»

Tocar piano, praticar desporto, fazer outras coisas estrangeiras — o novo programa de educação acessória para filhos-famílias destinados a carreiras tecnocráticas ou empresariais, tidas como mais nobres ou seguras porque mais rendosas e geradoras de poder. Não é?

«É claro. E por isso, não se trata de investir num ensino a longo prazo e a sério. Por necessidades de sobrevivência, as escolas têm de apresentar trabalho. Trata-se de contentar os papás. Daí as frequências trimestrais, isto é, as audições trimestrais com pequenas peças para mostrar as habilidades dos meninos às famílias. É um trabalho imediato, de que se tira pouco ou nenhum proveito. As bases técnicas que era preciso consolidar são a breve trecho destruídas, sacrificadas a esse móbil das coisas feitas à pressa. É certo que as crianças lá vão tocando e fazem o orgulho dos papás, mas as

obras são montadas a martelo, os dedos vão ao sítio por todas as razões menos pela única que se tornaria imperativo garantir: trabalho sério e correcto, verdadeira ciência.»

«Tudo isto nos levou a pôr em causa essa experiência. Apesar das dificuldades económicas, preferimos mudar de rumo. Viemos para Lisboa. Com ajudas de custo da Fun-



Ana Valente



Miguel Henriques

dação Gulbenkian pudemos frequentar e concluir o Curso Superior de Piano no Conservatório, com Olga Prats. Mas, entretanto, no Porto, já tinha havido um professor que nos abria os olhos e nos levava a tomar consciência das deficiências das nossas práticas de ensino, desde o nível básico, fundamental, que é o da leitura de um texto musical. Esse professor foi Álvaro Salazar.»

Além das aulas de análise, o Miguel ensaiou também com Álvaro Salazar as primeiras tentativas de composição. (Agora prossegue-as em Moscovo com Edison Denisov e faz Análise Musical com Yuri Kholopov).

«Ainda nos esforçamos por impor os nossos pontos de vista, quanto aos alunos que orientávamos. Queríamos fazer uma reciclagem com eles, dar-lhes uma formação realmente sólida, impedindo desde o início certos vícios. Para tanto, seria necessário abdicar das festinhas trimestrais. Que diriam, porém, os pais? Então os nossos

dou bastante»), a Ana e o Miguel já se apresentavam em concertos públicos, nomeadamente no âmbito das actividades da Oficina Musical do Porto: ciclos Janacek e Lopes Graça, entre outros. Josef Palenicek ouviu-os numa dessas ocasiões, gostou do trabalho deles e convidou-os a prosseguir os estudos de aperfeiçoamento em Praga, sob a sua direcção. As complicações diplomáticas decorrentes da obstrução do intercâmbio cultural levada a cabo pelo Governo português não lhes permitiu corresponder ao convite. Candidataram-se às bolsas da Associação Portugal-URSS e alcançaram finalmente o assentimento de princípio do Governo soviético para frequentarem o Conservatório Tchaikovsky. Submetidos, em Moscovo, a um exame de admissão perante uma comissão de professores ficaram incluídos entre os quatro candidatos aprovados, de entre vinte de diversos países...

«Desde 1977 que me fui apercebendo da grande superioridade, ao nível técnico, qualitativo e quantitativo, da escola soviética — diz o Miguel. E põe em relevo «a grande solidez, a grande capacidade virtuosística, o trabalho sério, profundo, muito profissional, na leitura e execução de um texto, dos pianistas soviéticos».

«Era a garantia, agora confirmada — acrescenta a Ana — de podermos usufruir de um ensino seguro, uma oportunidade única de desenvolvimento técnico-profissional e artístico.»

E claro que há mais professores, mais escolas, mais países...

«Sim, mas teriam disponibilidade? Interesse? Depois, há professores que têm preferências muito particulares por determinados compositores e poderiam limitar um pouco o repertório que um pianista, na nossa idade, tem de abranger. Além disso, nos países da Europa Ocidental, não poderíamos suportar as despesas de estada. Para alugarmos um piano teríamos de trabalhar em part-time em qualquer coisa e isso significaria tirar horas ao estudo. Para nós, era uma hipótese última. Isto porque temos limitações materiais e não podemos nem queremos contar com o apoio da família.»

A Ana tornou-se aluna de Irina Smorodina, considerada a discípula dilecta de Guillels, o Miguel trabalha com Gleb Axelrod, bem conhecido do público português, desde que foi laureado num dos primeiros Concursos Viana da Mota. «Temos duas aulas semanais, de hora e meia cada uma. Ao princípio, tínhamos, também, cinco horas diárias

de russo, literatura e história. Parecia-nos perda de tempo, mas agora compreendemos a utilidade dessas aulas à margem do piano. Abriram-nos perspectivas para a compreensão das tradições e da realidade actual do país. Acresce que ler Puchkine ou Lermontov em russo é bem diferente de os ler traduzidos, é um privilégio a que só se pode ter acesso aprendendo a língua.»

E pianos para trabalhar? «Quase todas as salas de aula do Conservatório Tchaikovsky têm dois pianos de concerto Steinway — a melhor marca do Mundo — à disposição de professores e alunos. Mas, além disso, na residência universitária dos músicos, todos os quartos de estudantes, sem excepção, estão equipados com um piano vertical (mesmo quando se trata de estudantes de canto, de violino ou de outras especialidades).»

Quanto ao método de trabalho, em síntese:

«Na execução de uma partitura consideramos na sua globalidade e profundamente todos os factores: análise do texto, problemas técnicos, aspectos interpretativo-emocionais. É este trabalho simultâneo em todos os parâmetros, completamente novo para nós, que dá aos pianistas soviéticos aquela capacidade olímpica de recitais de música diferenciada, de um largo leque de repertório.»

«Há uma exigência de perfeição absoluta. Não se admite a mínima falha e isso é fundamental para avançar. Quando conseguimos tocar perfeitamente o trecho é porque conseguimos resolver problemas imensos. Cada nota tem de estar conscientemente trabalhada, assumida.»

Não nos exigem muito repertório, antes fazem depender o alargamento deste do grau de perfeição conquistado. Enfim, não se trata só de ver os problemas técnicos um a um. A nossa própria concepção de uma obra, a maneira como a cantamos ou dizemos está constantemente em jogo.»

Que solicitações artísticas, a curto prazo, esperam os dois jovens pianistas portugueses? Ei-las: um concerto de música portuguesa na Casa da Amizade dos Povos em Moscovo e noutras cidades soviéticas. Para Miguel Henriques prevê-se mesmo uma digressão. E há, para ambos, um plano já elaborado de participação, até 1987, em diferentes concursos internacionais (incluindo o Viana da Mota). Participação na qualidade de representantes do Conservatório Tchaikovsky.

Reunião dos Sindicatos dos Gráficos

Os representantes dos Sindicatos filiados na Federação Portuguesa dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa reúnem-se amanhã com o objectivo de analisar a situação decorrente da recusa do patronato do sector em aceitar a proposta de revisão do actual contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV), podendo eventualmente decidir formas de luta.

Segundo os representantes dos trabalhadores, a denúncia e

negociação do CCTV podiam ser feitas conjuntamente a partir do mês de Julho, com vista a garantir a vigência dos 12 meses da tabela salarial. Mas com a entrega da proposta sindical, a denúncia da actual tabela só foi feita no passado dia 15.

Os representantes sindicais recusam-se a aceitar a posição da associação patronal, que afirmou só estar disposta a entregar a sua contraproposta no último momento, ou seja a 15 de Novembro próximo.

Trabalhadores contra destruição da Bertrand

Os trabalhadores da Livraria Bertrand vão reunir-se em plenário amanhã, às 9 e 30, nas instalações da Venda Nova, a fim de analisarem e decidirem as medidas a tomar em face dos novos factos relacionados com a tentativa de destruição da empresa.

A administração da Bertrand, até agora o maior ramo editorial e livreiro do País, de que faz parte o capitalista Manuel Bulhosa, enviou uma carta à Comissão de Trabalhadores (CT) no dia 3 do corrente, pedindo-lhe um parecer sobre a venda de parte do imóvel da Venda Nova e o trespasse da actividade gráfica da empresa. Dias depois, foi afixado um aviso nas instalações, anunciando que o edifício ia ser trespasado.

Por outro lado, os trabalhadores têm conhecimento de que te-

riam sido vendidas todas as carrinhas de distribuição da sucursal da Bertrand no Porto e de que já estão à venda dez carros das instalações da Venda Nova.

Sabe-se ainda que a administração da Bertrand vai participar na constituição de uma nova sociedade anónima, a Imprensa Portugal-Brasil, SARL, com uma quota de vinte mil contos. Outros accionistas terão participações no valor de 10 mil contos. Na nova sociedade será também incorporado capital estrangeiro (80 mil contos), totalizando um capital de 110 mil contos.

É esta nova sociedade que tomará de trespasse o património da Livraria Bertrand.

Os trabalhadores da Livraria Bertrand, que recebem a perda dos seus postos de trabalho, decidem amanhã as medidas a tomar em face da evolução deste processo.

Negociações na Petrogal recomeçam quarta-feira

Hoje e amanhã decorrem, nos diversos locais de trabalho da Petrogal, plenários de empresa promovidos pela comissão negociadora sindical e que visam a análise e discussão da nova proposta apresentada pelo conselho de gerência (CG), estando prevista nova reunião negociadora para a próxima quarta-feira, às 14 horas.

Segundo um comunicado da referida comissão e da Federação Química-Farmacêutica, a nova atitude do CG foi tomada «depois de sustentar durante mais de 30 dias uma posição de intransigência negocial que se traduzia na não evolução da sua proposta de 22,16 por cento, argumentando para o efeito falta de orientação do Governo AD».

Confraternização de trabalhadores do comércio

Centenas de trabalhadores do comércio portugueses e espanhóis confraternizaram, ontem, no Parque de Quinhões de Leon, povoação de Castrelos, Galiza.

Uma corrida pedestre e um jogo de futebol entre equipas de trabalhadores do Porto e da Galiza, nas instalações desportivas municipais, preencheram a manhã.

Da parte da tarde, realizaram-se jogos infantis ao ar livre e um festival de música com a intervenção do Grupo de Danças Populares da Galiza, conjunto espanhol «Rock Bar», vocalista português Samuel e grupo de «rock» «Trabalhadores

do Comércio», do Porto.

Este convívio de amizade foi organizado por duas associações sindicais, Comissões Obreras de Galiza e o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito do Porto (STCDP).

Os dois organismos têm vindo a desenvolver acções comuns de interesse para a classe que representam designadamente, no que respeita à problemática dos horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais.

O encontro, segundo um dirigente do STCDP, visou, também, proporcionar aos trabalhadores do comércio e seus familiares «um dia de recreação e amizade».

Pessoal da Triunfo pode entrar em greve

Os trabalhadores das fábricas Triunfo, reunidos em plenário decidiram encetar formas de luta para repudiar os aumentos salariais «de miséria» propostos pela administração. Para o efeito mandaram a sua comissão negociadora sindical para marcar a data de início das formas de luta,

logo que o achar conveniente.

Os trabalhadores afirmam que estes aumentos estão longe de corresponder ao montante por eles reivindicado e que as necessidades da administração são iguais às dos outros trabalhadores da empresa, que têm salários muito inferiores.

Mantém-se a greve no Hotel Baía

Trabalhadores não querem a presença dos «gorilas»

Os trabalhadores do Hotel Baía, em greve, rejeitaram um projecto de acordo concluído na sexta-feira, numa reunião que decorreu na Secretaria de Estado do Turismo, para a normalização de situação — informou uma fonte sindical.

Um comunicado divulgado ao princípio da madrugada de ontem pelo Sindicato dos Trabalhadores de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul afirma que «os trabalhadores do hotel, reunidos em plenário, deliberaram não ratificar o projecto do acordo» por não terem recebido garantias do secretário de Estado do Turismo e comissão de gestão interina «quanto à saída imediata dos elementos de segurança e manutenção de todos os trabalhadores sem excepção» nos seus postos.

O presidente da comissão de gestão interina, Vítor Gonçalves, apresentou «uma lista de 20 trabalhadores que seriam dispensados», incluindo «destacados activistas na defesa da autogestão», o que os trabalhadores consideram «inaceitável», diz ainda o documento.

Os trabalhadores concluem pela necessidade de prosseguir as negociações, reafir-

mando que «a satisfação destas duas reivindicações é essencial» para o termo do conflito.

Mantém-se e endurece assim a luta dos trabalhadores do Hotel Baía, que reforçaram a sua unidade na **defesa dos postos de trabalho e pela expulsão dos «gorilas»**, pontos estes que não estão bem definidos no projecto de plataforma do acordo, a que se chegou com o secretário de Estado do Turismo.

Os trabalhadores em luta já conseguiram, através de uma campanha de fundos, que organizaram com o apoio e solidariedade do Sindicato da Hotelaria e da Federação da Hotelaria, recolher cerca de 45 mil escudos, já utilizados para preparar almoços para todos. Embora se encontrem paralisados há vinte dias, mantêm-se de piquete, em frente ao hotel das 7 às 21 horas e almoçam rotativamente.

Entretanto, um comunicado divulgado a meio da manhã pelo Sindicato dos Trabalhadores de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, afirma que «dois trabalhadores que estavam a laborar, ao saberem das decisões do plenário dos trabalhadores, em greve, saíram do hotel, e

juntaram-se aos que estão em luta».

«Vários outros — refere o documento — fizeram já saber que se a situação não se normalizar nos próximos dias, juntar-se-ão à luta».

O sindicato, que diz ainda estar a «engrossar o movimento de solidariedade» em torno desta luta, sublinha que a «indignação perante a lista dos 20 trabalhadores que iriam ser **dispensados**, o ambiente repressivo dentro da unidade com os **gorilas** à solta, a sobrecarga de trabalho a que os estão a obrigar, trabalhando nos dias de descanso e ultrapassando em muito os horários de trabalho, levou a que esteja em curso um movimento de adesão à luta por parte dos cerca de 30 que têm trabalhado».

De referir que o número de trabalhadores do Hotel Baía, que estão paralisados há três semanas, é de 92.

Os trabalhadores em luta vão dar amanhã, junto do hotel, em Cascais, uma conferência de imprensa onde exporão as razões de não ratificação do projecto de acordo e divulgarão as iniciativas seguintes no prosseguimento da sua luta.

Paralisação na hotelaria do Algarve

Os trabalhadores da hotelaria do Algarve anunciaram uma nova greve para os próximos dias 26, 27 e 28, que será cumprida no caso de o patronato não alterar a sua posição de intransigência, relativamente à negociação das novas tabelas do contrato colectivo do sector.

Esta decisão, segundo o Sindicato de Hotelaria e Similares do Distrito de Faro foi tomada por o patronato não ter dado qualquer resposta às reivindicações dos trabalhadores e se ter recusado a sentar-se à mesa das negociações».

O sindicato considera que essa recusa «visa apenas ganhar tempo, de forma a arrastar as negociações para época baixa, com todos os inconvenientes daí resultantes para os trabalhadores».

A Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve afirma, por seu turno não se ter recusado a negociar o novo contrato de trabalho, acrescentando que «está acordado e assinado entre a Associação do Algarve e os sindicatos que as novas tabelas salariais deverão ser negociadas para o período que vai de Outubro de 1982 a Setembro de 1983».

O patronato, no seu comunicado, depois de dizer que «os trabalhadores estão sendo manipulados para fins estranhos aos acordados», sublinha que o contrato em vigor não foi ainda denunciado pelos sindicatos, «pelo que não existe da parte da Associação do Algarve qualquer transgressão à lei ou recusa de negociar».

O Sindicato, delegados sindicais e elementos da CT do sector, no entanto, mantêm as suas acusações ao patronato e repudiam a «irresponsabilidade demonstrada pela associação patronal, que não hesita em colocar acima dos interesses do turismo, outros interesses obscuros e duvidosos».

Garagens entregam propostas de revisão do CCTV

Os representantes sindicais dos trabalhadores do sector de garagens entregaram no início do mês às associações patronais as propostas de revisão das duas convenções colectivas de trabalho.

As propostas sindicais resultaram da discussão, no seio dos

trabalhadores, dos projectos elaborados pela Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços.

As propostas apresentadas consagram aumentos salariais de 28 por cento e a actualização de várias cláusulas de expressão pecuniária, nomeadamente des-

locações, abono para falhas, diuturnidades e seguro contra acidentes pessoais.

Os sindicatos reivindicam que a revisão do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV), a negociar a partir de 1 de Outubro e que o negociado com a ANAREC produza efeitos a partir de 19 de Setembro.

Congresso dos Rodoviários

Vai realizar-se nos dias 23 e 24 de Outubro, em Lisboa, o II Congresso da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos.

Durante o Congresso, que é promovido por uma comissão integrada por todos os sindicatos do sector, será discutido e aprovado o Programa de Acção e eleito o novo secretariado da estrutura sindical.

O projecto já distribuído para discussão no seio dos trabalhadores visa a actualização do Programa de Acção aprovado no I Congresso e cujas linhas gerais mantêm toda a actualidade. Nesse projecto faz-se a análise da situação económica nacional, legislação, condições de vida e trabalho, unidade e organização, informação e propaganda, formação sindical e relações internacionais.

Este Congresso tem por objectivo fundamental melhorar o funcionamento e ligação entre os diferentes níveis da estrutura sindical do sector, reforçar a unidade e organização dos trabalhadores e dinamizar a sindicalização.

EMPRESA ESTRANGEIRA DO RAMO DE REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS NECESSITA

Engenheiros Mecânicos
Operadores de Refinação
Mecânicos para compressores, bombas e outros equipamentos
Chefe de Armazém
Oficiais Bate-Chapas

Os interessados deverão enviar as suas candidaturas, «curriculum» de actividade profissional e outras informações consideradas úteis para avaliação profissional ao número **21 808** deste jornal.

No seu terceiro dia

Prossegue a retirada da OLP de Beirute

- Hoje: eleição presidencial no parlamento libanês
- EUA apresentam "novo plano de paz"

A evacuação dos combatentes palestinos de Beirute prossegue hoje com a partida do grupo que se dirige para a Tunísia e ao lémén do Sul. Ontem, domingo, os grupos de guerrilheiros da OLP com destino para a Jordânia e o Iraque embarcaram a bordo do navio «Sol Phyrin». Um segundo incidente, resolvido após diligências diplomáticas de Philip Habib, demorou a partida do barco. Entretanto, realizou-se, ao fim da manhã de hoje, a reunião do Parlamento libanês da qual se irá eleger o 7.º presidente da República libanesa. Estes factos políticos motivaram uma alteração da situação política no Médio Oriente e, em Washington, o secretário de Estado da Defesa, Caspar Weinberger, anunciou ontem que os Estados Unidos «estão a formular» um novo plano para a região. Também nos Estados Unidos, o ex-presidente Jimmy Carter acusa a actual Administração republicana de Reagan de ter dado luz verde à agressão israelita ao Líbano.

O segundo dia de evacuação dos palestinos de Beirute foi marcado por um novo incidente que suscitou uma nova série de diligências diplomáticas do embaixador norte-americano Philip Habib. Depois da presença, não prevista no plano Habib, das tropas israelitas no sector do porto de Beirute, no sábado de manhã, os observadores políticos constatam que a Armada israelita controla, de facto, a saída do porto de Beirute, função que estava entregue ao contingente francês da Força Multinacional de Interposição.

Tudo começou com o embarque, iniciado ontem pelas 11h15m locais (11h30m GMT), de vinte veículos todo o terreno, três mulheres e seis crianças. Além disso, os israelitas afirmavam que os palestinos teriam levado para bordo armamento pesado, nomeadamente lança-rocketes «RPG». Segundo o plano A Habib, a evacuação só abrangia os combatentes munidos de armas individuais, sendo, no entanto, omissos em relação aos veículos. De imediato, os israelitas comunicaram que impediam a partida do navio e anunciavam a manobra de duas

das suas vedetas lança-mísseis ao largo do porto da capital libanesa.

Após várias horas de discussão ao mais alto nível, entre Habib e o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, este litígio foi resolvido. Ficou então acordado que os veículos deverão ser desembarcados em Chipre, e as mulheres e as crianças coram autorizadas a prosseguir a sua viagem até Tunes, sem serem contabilizadas como combatentes. No total dos dois primeiros dias de evacuação partiram assim 1597 combatentes palestinos.

No entanto, este incidente suscitou críticas de observadores ocidentais. Em Beirute fontes diplomáticas contestavam a alegação israelita fazendo notar que os guerrilheiros tinham sido cuidadosamente revistados pelos militares franceses e libaneses e privados antes do embarque das «RPG» que detinham.

Aliás o secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, considerou, após o incidente de Beirute, que «ao abrigo do acordo, não há direito básico para que os israelitas bloqueiem



Sábado em Beirute: começou a retirada por entre lágrimas e flores.

os navios que vão sair». Para Weinberger «o porto deveria estar sob o controlo dos franceses».

Entretanto o navio cipriota «Sol Phyrin», que transporta os guerrilheiros da OLP chegou esta manhã, pelas 9h30m GMT ao porto de Limassol, no Chipre, onde, depois de desembarcar os veículos todo-terreno, partirá directamente para a Tunísia.

Confrontos em Bekaa

Enquanto que em Beirute é a partida, no vale de Bekaa, onde se encontram instaladas as tropas sírias e alguns efectivos palestinos, registaram-se durante a noite de hoje novos confrontos. Segundo um porta-voz militar de Telavive, os palestinos teriam disparado tiros de bazuka contra uma posição israelita a norte de Mansura, no vale de Bekaa. A mesma fonte adiantou que um outro grupo de guerrilheiros alvejou com morteiros outra posição do exército israelita na mesma área.

É precisamente sobre o vale de Bekaa que se concentram as atenções dos observadores. Um dos seus objectivos formulados para justificar a agressão ao Líbano pelo chefe da diplomacia israelita Yitzhak Shamir, — a retirada das forças estrangeiras daquele país não foi ainda cumprido. Para o jornalista Jacques Pinto da AFP, a presença síria em Bekaa, desmente na prática os anúncios de vitória feitos por Telavive. Ainda no sábado, o «duro» ministro da Defesa, Ariel Sharon, dirigiu uma nova advertência a Síria. Numa conversa com o embaixador americano, Philip Habib, Sharon pediu-lhe que desse a saber a Damasco que o seu governo não poderia tolerar «as violações do cessar fogo» cometidas, segundo disse, pelas forças palestinas a operar a partir das linhas sírias, em Bekaa e no leste do Líbano.

A ameaça de um confronto israelo-sírio permanece, tanto mais que Damasco nunca aceitou a anexação do planalto do Golan Sírio por Israel, em Dezembro último.

Eleição presidencial em Beirute

X Cinquenta e seis deputados libaneses encontravam-se já às 10h00 GMT (11h00 de Lisboa) na escola militar de Fayadiyeh, sede provisória do parlamento

onde deve desenrolar-se a eleição do futuro presidente libanês, anunciou a rádio Libano (oficial), captada em Nicosia.

No entanto, o quorum necessário para que a sessão se efectue é de 62 deputados.

Apesar da incerteza que pairava ainda no domingo à tarde sobre a própria realização do escrutínio presidencial devido às normas constitucionais que o regem e às profundas divisões políticas internas, esta eleição é organizada em circunstâncias particularmente dramáticas para o país.

O exército israelita controla desde há dois meses e meio a metade sul do território libanês, enquanto que a Síria, presente no Líbano desde há seis anos através da força árabe de dissuasão (FAD), criada para por

princípio reencontrar-se hoje no anfiteatro da Academia Militar de Fayadiyeh, a sete quilómetros a leste do centro da capital, para designar, por maioria de dois terços à primeira volta, por maioria absoluta nas vezes seguintes, o homem que presidirá durante seis anos aos destinos políticos do país.

O atentado de que foi vítima domingo em Baalbek o deputado muçulmano Hassan Rifai reanimou em Beirute Este, as acusações feitas por certos meios favoráveis à candidatura de Bechir Gemayel, chefe das Forças libanesas (Milícias Cristãs Unificadas) contra os que procurariam exercer «pressões» por todos os meios para impedir que seja atingido na segunda-feira o «quorum» necessário (62 deputados).



Um dos «jeeps» da OLP a entrar no «Solphryne»

termo à guerra civil em 1976, reforçou consideravelmente o seu potencial militar no leste e no norte.

O mandato do presidente Elias Sarkis, cristão maronita como manda a tradição política libanesa, expira em 23 de Setembro próximo. O presidente do Parlamento, Kamel El-Assat, tinha já convocado o colégio eleitoral na passada quinta-feira, mas foi obrigado a adiar o escrutínio para hoje, devido, segundo a explicação oficial, às precárias condições de segurança existentes à volta da vivenda Mansur, sede provisória do Parlamento situada na linha de demarcação entre o leste e oeste de Beirute.

Noventa e dois deputados — sete morreram desde a eleição da câmara em 1972 — devem em

De fonte próxima das Forças libanesas, afirmava-se que o «quorum» estava desde já garantido no sábado à noite e que Gemayel podia contar com o voto de 54 deputados, o que permitiria ser eleito logo à segunda volta do escrutínio. Contudo, segundo outras fontes bem informadas, um tal prognóstico peca por excesso de optimismo.

A dimensão regional e internacional da eleição tinha sido um pouco esbatida nestes últimos dias pela «batalha do quorum». Mas, ontem a imprensa local anunciava que no decurso duma visita de inspecção às tropas sírias estacionadas no Norte do Líbano, o general Mustafá Tlass, ministro sírio da Defesa, tinha reafirmado a hostilidade de Damasco à candidatura de Gemayel.

O quotidiano «L'Orient le Jour» sublinhava por seu turno que «os encontros de sexta-feira e sábado entre Bechir Gemayel, Morris Draper e Philip Habib significam provavelmente que os Estados Unidos, procuravam na realidade forçar o líder das Forças libanesas a retirar-se da corrida a favor do prolongamento do mandato de Elias Sarkis».

Embora apoiado por alguns deputados muçulmanos, nomeadamente xiitas e druzos, a candidatura de Gemayel provocou o alarme da maioria da comunidade muçulmana que não quer uma eleição «pela força das baionetas israelitas» e organizada «à sombra da ocupação».

«Novo plano de paz» americano

O secretário da Defesa norte-americano, Caspar Weinberger, precisou no domingo, numa entrevista televisada, que os Estados Unidos estão a «formular» um plano destinado a restabelecer a paz no Médio Oriente, o qual, disse, deveria garantir a segurança de cada um dos países da região.

O estabelecimento de tal paz poderia efectuar-se «em conformidade com diferentes tipos de situações» — acrescentou Weinberger, indicando que em sua opinião, o povo palestino deveria obter «diversos dos direitos normais de que gozam os outros povos» do Médio Oriente.

O facto de certos países da região terem aceite «absorver na sua comunidade» os membros da OLP constitui «um sinal de grande esperança na concretização de uma solução final» do problema palestino — continuou a o secretário da Defesa norte-americano.

Para Caspar Weinberger a evolução da situação deveria operar-se em três fases:

A primeira — disse — é constituída pela evacuação de Beirute pelas forças da OLP «o que vem eliminar uma fonte importante de extensão potencial do conflito».

A segunda fase será velar para que o Líbano seja evacuado «logo que haja possibilidade» pelas tropas israelitas, sírias e estrangeiras que ali se encontram, e «reconstruir» simultaneamente o governo libanês e o Líbano. Ainda não foi marcada nenhuma data para a saída das tropas israelitas precisou Weinberger.

Tratar-se-á igualmente, no fim desta segunda fase — continuou — de encantar discussões com vista a «uma solução de conjunto do problema palestino, pois é a única maneira de restaurar a paz neste região».

É preciso, segundo o secretário da Defesa dos Estados Unidos «Determinar uma forma de lugar para a OLP um tipo de situação em que os palestinos possam viver e que permita diferenciar os palestinos da OLP». Trata-se de um problema «difícil», mas que está em vias de solução com a evacuação de Beirute — acrescentou.

Entretanto o antigo presidente James Carter acaba de relançar nos Estados Unidos a controvérsia relativa à questão do governo americano ter ou não sido informado antecipadamente da invasão israelita do Líbano.

Numa entrevista dada esta semana a um jornal do estado da Georgia, «The Atlanta Journal and Constitution», Carter afirmou que «pessoas muito bem informadas em Israel» lhe tinham assegurado de que o Governo israelita recebeu «luz verde de Washington» para intervir no Líbano.

Civis libaneses os mais alvejados

— Crianças as maiores vítimas

Somente 10 por cento das vítimas da invasão israelita do Líbano eram guerrilheiros da Organização de Libertação da Palestina, segundo um relatório preliminar do governo de Beirute hoje parcialmente divulgado.

Antoine Harik, um dos economistas nomeado pelo governo libanês para fazer um estudo sobre os prejuízos causados pela invasão israelita, disse hoje que as investigações já efectuadas permitem concluir que 7000 a 8000 pessoas morreram durante a invasão e que outras 20 000 ficaram feridas.

«Até a luta chegar a Beirute, a relação das vítimas era de 50 por cento para guerrilheiros» — disse Harik numa entrevista.

Harik estimou em dois mil milhões de dólares os prejuízos causados pela invasão israelita, segundo o levantamento feito pela comissão.

Disse que as principais indústrias estão fisicamente liquidadas, pelo que o apuramento final deverá indicar prejuízos muito mais elevados do que a estimativa agora efectuada.

Por outro lado, três médicos citados pela France Presse declararam-se dispostos a testemunhar da gravidade dos ferimentos sofridos pelos civis em Beirute e, nomeadamente, por crianças, causados pelos bombardeamentos israelitas.

Num comunicado entregue,

ontem, em Beirute, à imprensa, os doutores Bernard de Hemptinn, de Bruxelas, Jean Claude Ponsin e Dominique Servais, de Paris, afirmam «ter administrado os primeiros cuidados clínicos a um grande número de crianças com ferimentos de uma extrema gravidade, causados pelos bombardeamentos israelitas».

Estes três médicos exercem, desde há um mês, na zona de Bourg El Barajneh, próxima da frente sul de Beirute.

«Recebemos, no dia 13 de Agosto, 50 feridos, todos civis, atingidos pelo bombardeamento desse dia. Entre eles, três crianças amputadas e gravemente queimadas, morreram sob os nossos olhos, logo após a sua chegada. Numerosas outras estavam queimadas e mais de 50 por cento é muito provável que não se salvem, afirmam».

Os médicos acrescentaram que o comunicado foi publicado para responder a «tentativa de dissimulação das consequências reais da guerra consumada por Israel no Líbano» e, depois da imprensa israelita ter contestado «a gravidade dos ferimentos de um bebé cuja foto foi amplamente divulgada na imprensa. O bebé teve de ser amputado das duas mãos e segundo a imprensa israelita, só foi «ligeiramente atingido».

Reunião do Comité Central da FRELIMO

O Comité Central da FRELIMO concluiu ontem, em Maputo uma reunião de quatro dias dominada por uma análise da situação económica e militar do país.

Fontes não oficiais disseram à ANOP que foram discutidas medidas visando reanimar a economia e melhorar a capacidade de neutralização dos «rebeldes» da autodenominada «Resistência».

As medidas partiram de propostas elaboradas pela Comissão Política, principal instância permanente da FRELIMO, e serão agora, enriquecidas com as sugestões recolhidas.

O Comité Central analisou igualmente os projectos de teses do Congresso do partido, marcado para Abril de 1983, que os observadores aguardam como um «ponto de viragem» da política interna.

Uma das raras decisões anunciadas no termo da reunião foi a expulsão do Comité Central de Joao Pelembe, antigo governador de Gaza, demitido há três meses por «abuso do poder e corrupção».

A degradação da economia moçambicana é geralmente apontada como uma consequência directa da escalada que, desde o princípio deste ano, tem marcado a acção dos ditos «resistentes».

Quando abriu a reunião, no passado dia 18, Samora Machel disse mesmo que a recuperação económica e o combate aos «rebeldes» constituíam duas tarefas prioritárias na política do seu país.

Destruição base «resistente»

Uma base dos ditos «resistentes» moçambicanos, em Chiteque, província de Sofala, foi destruída pelas Forças Armadas, anunciaram hoje fontes oficiais na Beira.

A operação, ocorrida no dia 16, provocou oito baixas confirmadas entre os rebeldes e a captura de outros três.

Foi igualmente capturado material de guerra, morteiros, granadas de «bazooka», bem como minas antitanque e antipessoal e munições.

Morreu o «leão» da Suazilândia

O rei Sobhuza II da Suazilândia, que faleceu no passado fim-de-semana, era, aos 83 anos, o mais antigo monarca do mundo, e um dos últimos reis de África. O «ngweni» (o «leão»), título que ostentava, reinava desde há mais de sessenta anos neste pequeno país de 17 000 km², situado em pleno coração da África Austral, entre Moçambique e a África do Sul.

Personalidade de cores garbadas, que se via nas fotografias oficiais vestido de peles de animais e de plumas, Sobhuza II nasceu em 22 de Junho de 1899. Desde a sua ascensão ao trono, em 1921, lutou para que a Suazilândia, protectorado britânico, acesse à independência. Deslocou-se mesmo a Londres, em 1923, para reclamar a «restituição das terras aos suazis».

Guarda das leis tribais, depositário da autoridade ancestral, Sobhuza II, dotado, segundo a Constituição de 1968 dum simples papel de representação, não tardou a conquistar os poderes que lhe «faltavam». Em 1973, tornou-se monarca absoluto: aboliu a Constituição e passou a governar por decretos.

Cinco anos mais tarde, a Suazilândia voltou à vida parlamentar, pelo menos no que o monarca designava por «democracia suazi», com uma assembleia de base tribal.

Quem será o seu sucessor?

Chiteque fica no distrito de Savane, 50 quilómetros a norte do Dondo, que é uma das zonas mais afectadas pelas actividades dos «rebeldes».

Há três dias, fontes militares moçambicanas tinham anunciado em Maputo que, na primeira quinzena deste mês, outras sete bases «rebeldes» tinham sido tomadas.

Como é sabido, a autodenominada «Resistência» moçambicana é fortemente apoiada pelos racistas da África do Sul.

A recente e sangrenta incursão no Sul do Zimbabwe, por causa da qual Robert Mugabe condenou a África do Sul no passado sábado, foi o mais grave dos incidentes que opuseram os dois países, desde a independência da antiga Rodésia, em Abril de 1980.

Mas tais incidentes não impedem uma coexistência imposta pela geografia e os laços comerciais entre o regime de «apartheid» e o Governo emergente dos antigos guerrilheiros nacionalistas de Harare.

De resto, Pretória reagiu

Graves acusações de Mugabe ao Governo de Pretória

ontem proclamando oficialmente a sua inocência e anunciando a abertura dum inquérito.

Do ponto de vista do conjunto da «Linha da Frente», o incidente de 18 de Agosto último, denunciado no sábado pelo primeiro-ministro do Zimbabwe, cujo decurso foram mortos três soldados brancos, surge como coisa de pouca monta ao pé das incursões periódicas do Exército sul-africano em Angola ou das actividades de «desestabilização económica» levadas a cabo pelo dito «Movimento Nacional de Resistência» em Moçambi-

que, com o apoio de Pretória.

Mas diz respeito a um país, o Zimbabwe, que, sendo socialista, mantém com o «Ocidente» boas relações políticas e económicas.

Destaca-se, a este respeito, o apelo feito, no sábado, discretamente, por Mugabe, aos países do «Grupo de Contacto» para a Namíbia (Grã-Bretanha, Estados Unidos, República Federal da Alemanha e Canadá) para que exerçam influência moderadora em Pretória.

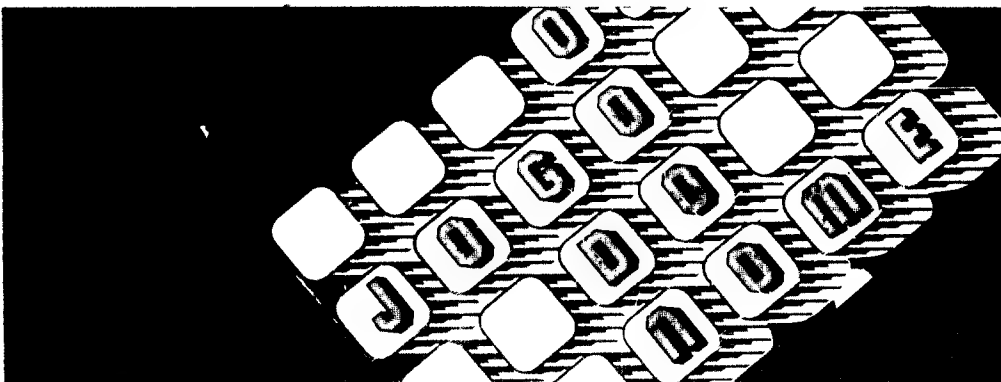
Mugabe não pôde apresentar provas definitivas de que os sol-

dados mortos — e os outros invasores que terão fugido — eram forças regulares sul-africanas. Mas declarou-se convencido de que o grupo era, de facto, sul-africano.

Mugabe citou, como exemplos de incidentes, provocados contra o Zimbabwe, o assassinio, em 31 de Julho de 1981, em Harare, de Joe Ogabi, representante do ANC (Congresso Nacional Africano), a explosão, há um ano, dos paídes de munições de Inkomo, a Norte de Harare, e a sabotagem, nos fins de Julho, de treze aviões de combate.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no JOGO 3 deverá enviar apenas cupões deste mesmo jogo (e não do Jogo 2, já terminado, ou do Jogo 4, que começará dentro de dias) e indicar bem claramente no exterior do envelope o número do Jogo do Nome a que está a concorrer.



RESUMO DO REGULAMENTO

1. Inscreeva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em continuação, na grelha publicada ao lado (7x7 quadrados em branco) dentro do cupão — uma única letra maiúscula por quadrado — até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofes, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.

MANUELS
ILVAMAN
VELSILV
AMANUEL
SILVAMA
NUELSIL
VAMANUE

(exemplo 1)

— Manuel Cristóvão
— Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA

ANTONIN
LOPESON
DONILO
PESANTO
NINLOO
SANTONI
LOPEOA

(exemplo 2)

2. Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de

Lisboa» e as de sua grelha. Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. Quando conseguir completar uma linha de 7 letras, na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa» dentro de um envelope dirigido a O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção: se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada

a extracção do prémio de menor valor. Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo. Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo. Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

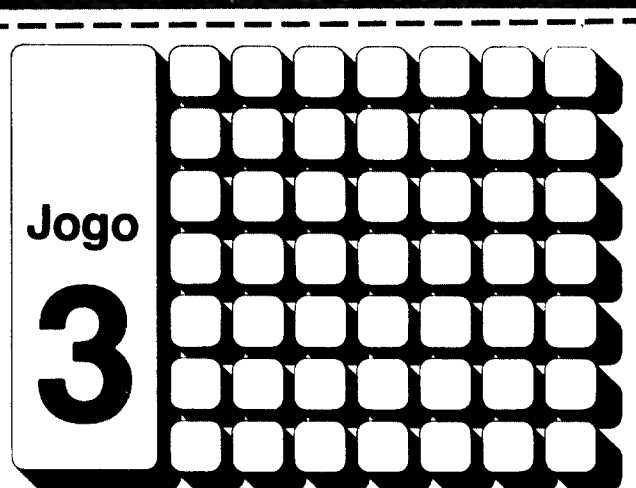
7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo O Jogo do Nome. Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.

8. Em princípio, as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos



Amanhã, 3 novas letras



CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA

NOME

MORADA

(TEL.)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone. Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO.

SÓ UM CUPÃO
EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Jogo 3 — datas a fixar:

INÍCIO sábado, 21 de Agosto
TERMO sexta-feira, 3 de Setembro
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 6 de Setembro
DIVULGAÇÃO
DOS PREMIADOS . sexta-feira, 10 de Setembro

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG

Candy

FAGOR

PROGRESS

Representante Oficial



NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

"Unispace 82"

Militarização do espaço inquieta participantes

A Segunda Conferência das Nações Unidas sobre a Exploração e as Utilizações Pacíficas do Espaço Extra-Atmosférico, concluiu, no sábado à tarde, os seus trabalhos em Viena, sem deixar de reconhecer, oficialmente, a inquietação de inúmeros países perante a «militarização» do espaço.

A conferência nem por isso deixou de ter um balanço extremamente positivo cuja amplitude foi, sucessivamente, salientada pelo seu secretário-geral, Yash

Pal (Índia) e pelo seu presidente Willibald Pahr, ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros.

A propósito da guerra do Líbano, a conferência condenou, no seu relatório final, «a agressão contra este país» e os «massacres bárbaros» contra as populações civis palestinianas e libanesas perpetrados pelo agressor (o nome de Israel não figura no relatório).

A conferência condenou, também, «a assistência fornecida ao agressor para que possa pros-

seguir a sua política expansionista», uma alusão à nova utilização provável dos satélites de controlo militar nesta nova fase do conflito do Médio Oriente.

A conferência incluiu, oficialmente, no seu relatório, a inquietação cada vez maior de inúmeros países (entre os quais a Áustria e não só o grupo dos 77) perante a corrida aos armamentos no espaço, apesar da existência de tratados.

A «Unispace 82» deu o seu acordo ao texto submetido à sua

aprovação pelo grupo dos «amigos do presidente», que lança um apelo a «todos os Estados para que adiram ao tratado sobre os princípios que regem as actividades dos Estados em matéria de exploração e de utilização do espaço extra-atmosférico, incluindo a Lua e os outros corpos celestes, e para que respeitem, rigorosamente, a sua letra e o seu espírito».

O texto estipula, por outro lado, que «a prevenção da corrida aos armamentos e das suas

hostilidades no espaço é uma condição essencial para a promoção e para a continuação da cooperação internacional no domínio da exploração e da utilização do espaço para fins pacíficos».

As 94 delegações presentes em Viena chegaram todas a acordo quanto à importância das consequências da exploração e das utilizações das tecnologias especiais e das que são complementares.

Assim os congressistas con-

cluíram que melhores ligações Rádio ou Televisão entre uma capital e as regiões rurais de um país são tão essenciais para o desenvolvimento económico deste como a educação das populações das zonas mais desfavorecidas.

A partir de dados de base fornecidos pelos satélites, uma melhor gestão dos solos e das culturas é possível, como deles podem resultar uma descoberta de jazidas minerais ou de zonas geológicas susceptíveis de terem gás ou petróleo.

Conferência de Erci

As probabilidades de uma guerra atómica são de cinco contra cem nas condições actuais, segundo cálculos de cérebros electrónicos citados, ontem, numa conferência antiarmamentista a decorrer em Erci, na Sicília.

A citação foi feita pelo cientista norte-americano Richard Garwin, director do Centro de Investigações da IBM.

A conferência visa a criação de um grupo de trabalho para estudar, a longo prazo, as possibilidades de evitar um conflito nuclear e redigir um documento nesse sentido, a enviar a todos os políticos do Mundo.

Participaram nos trabalhos cientistas de países do Ocidente e do Leste. O Papa João Paulo II, o presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos e o seu homólogo italiano, Sandro Pertini, enviaram mensagens de saudação aos conferencistas.

Garwin contestou a política de armamento norte-americana e exigiu a redução do arsenal atómico das superpotências para mil unidades. Calcula-se que tanto os Estados Unidos como a União Soviética dispõem actualmente de 25 mil cargas nucleares cada uma.

Na sexta-feira, o cientista e Prémio Nobel norte-americano, Edward Teller, um dos construtores da bomba de hidrogénio, surpreendeu o auditório, ao exigir o fim do secretismo sobre o arsenal atómico.

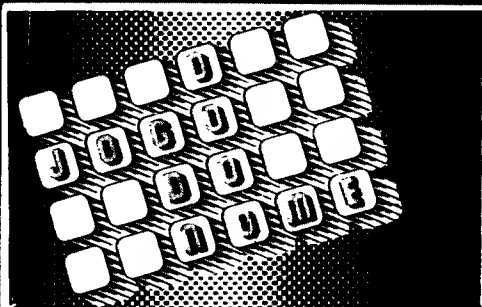
Teller defendeu que o seu país deveria adoptar essa posição, unilateralmente. Os professores soviéticos Kapitz e Velinjon apoiaram-no, em princípio, mas acrescentaram que qualquer decisão nesse sentido deve partir dos políticos.

Explosão em Paris

As «Fracções armadas revolucionárias libanesas», de extrema-esquerda, reivindicaram ontem o atentado que no sábado matou um elemento do laboratório de polícia e feriu outro, em Paris.

A organização, numa chamada para uma agência de notícias, disse que era um «atentado anti-imperialista», o que parece confirmar a hipótese colocada pela polícia de que a bomba se destinava a um diplomata norte-americano, residente perto do local da explosão. Anteriormente, o atentado fora reivindicado pelo grupo francês «Accção Directa».

A bomba fora colocada sob o carro do diplomata norte-americano Roderick Grant e, por qualquer razão que se ignora, não explodiu. Dos peritos da polícia, chamados ao local, um morreu e outro ficou ferido quando a bomba rebentou. Ignora-se se a deflagração ocorreu quando os técnicos examinavam a bomba ou se ela estava programada para explodir àquela hora.



O JOGO 3

O leitor já conhece as regras: são as mesmas do Jogo 2 e serão as mesmas nos próximos jogos. Três letras de segunda a sexta e cinco ao sábado, num total de 40 letras por jogo. Veja as datas junto do cupão, envie só um cupão por sobrescrito quando conseguir a linha vencedora e, não esqueça, as letras repetidas só contam quando saem no sorteio mais de uma vez.

Num ponto permitimos insistir: escreva sempre no cupão o nome completo do concorrente, exactamente como figura no bilhete de identidade ou na cédula pessoal, sem omissões ou abreviaturas, para que não surjam problemas na entrega dos prémios.

E não se esqueça de indicar no exterior do sobrescrito em que enviar o seu cupão o número do jogo a que está a concorrer. No caso concreto o endereço correcto a escrever será:

«Diário de Lisboa»
Jogo do Nome 3
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Divirta-se neste jogo inocente que lhe dará prémios magníficos de marcas representadas pela NACIONAL RADIO. Jogue connosco!

E se tiver alguma dúvida, telefone-nos: não lhe diremos as letras sorteadas, mas poderemos esclarecê-lo, no que respeita ao regulamento do Jogo do Nome.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RADIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)



3 LIBRAS DE OURO!

ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS

Candy **PROGRESS**

das Conceituadas Marcas ... que valem ouro!



GRUNDIG

FAGOR

**1.º PRÉMIO DO JOGO 3
UM COMBINADO FAGOR
C365**

NO VALOR DE 53 200\$00

Congelador vertical, de gavetas, com 102 litros de capacidade, 4 estrelas, combinado com refrigerador de 186 litros, com descongelamento automático, interior metálico com pintura de protecção, caixa hermética para carne, compartimento para garrafas, compartimentos separados para fruta e vegetais, rodas na parte traseira do combinado; luzes de segurança, termómetro bimetal

Representante Oficial



NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 3 - lista de prémios

1.º - Um COMBINADO FAGOR C365	53 200\$00
2.º - Um TELEVISOR GRUNDIG A310, a cores	42 250\$00
3.º - Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA CANDY P6.41	37 500\$00
4.º - Um ASPIRADOR PROGRESS P93 PLUS	19 700\$00
5.º - Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9 350\$00
6.º a 10.º - Um RÁDIO RELÓGIO GRUNDIG CS 800 cada	6 600\$00
11.º a 15.º - Uma FIAMBREIRA PROGRESS K62EL cada	5 000\$00
16.º a 25.º - Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 cada	4 100\$00

exclusivo

Coreia do Sul: ordem nova, novas desordens

O poder enlameado pelo maior escândalo financeiro da história da Coreia

■ Roland-Pierre Paringaux □ Le Monde

A CABA de se descobrir em Seul, na Coreia do Sul, o maior escândalo financeiro dos últimos anos. Nele estão envolvidas 29 pessoas, entre as quais directores de duas grandes companhias e de dois dos principais bancos do país. Em primeiro plano, a sra. Chang Jong-Ja, parente da mulher do presidente Chon e o seu terceiro marido, antigo vice-director da KCIA; eles desviaram perto de um milhão de dólares através da manipulação do mercado financeiro paralelo e do sistema bancário oficial, utilizando os seus apoios políticos. Foi também preso um tio do presidente.

Na sequência do escândalo, o presidente Chon procedeu a três remodelações ministeriais, impôs medidas económicas de urgência e substituiu a direcção do seu partido. A sra. Chang foi apenas acusada de «violação da lei de câmbios». O enviado especial do jornal «Le Monde» relata as dificuldades económicas e políticas encontradas pelo regime, após dois anos de poder.

Seul — «O espectáculo acabou» fazia dizer um diário de Seul a uma personagem de banda desenhada, ocupada a puxar as cortinas de um palco. O espectáculo, sem dúvida, mas não as suas consequências políticas e ainda menos os comentários sarcásticos que provoca. Um véu espesso, o do embaraço do poder duplo da razão de Estado, cosido a linha branca por uma justiça maleável, acaba de facto de cobrir o chamado «o maior escândalo financeiro» da história da Coreia do Sul — ou político-financeiro, como dizem alguns.

Os projectores apagaram-se e mudou o cenário. Alguns protagonistas foram postos a ferros. Outros, mais apagados do que o público julgava no mover dos cordelinhos políticos nos corredores do poder, pareciam escondidos na sombra. O público está frustrado. Na falta de outros recursos — aqueles que poderiam ser fornecidos por uma justiça, um Parlamento, uma imprensa, ou mesmo um direito de expressão sem entraves, vinga-se, depois de se ter certificado por aqui e por ali que as paredes não têm ouvidos, alimentando rumores e sarcasmos que vão correndo livremente pelas ruas de Seul, até às paredes do palácio presidencial. Cerca de 30 personalidades do mundo dos negócios, da administração e da política esperam na prisão, num perfeito silêncio, o julgamento.

Trata-se de alguns dos cúmplices e das vítimas, os mais à vista daquela a quem alcunharam aqui de «a rainha» do mercado paralelo, a sra. Chang — um dos adornos da alta sociedade de Seul — e do seu marido, antigo director adjunto da CIA coreana.

O casal é acusado de ter manipulado a bagatela de cerca de um milhão de dólares no «mercado negro» financeiro de Seul e de ter burlado diversas grandes empresas, hoje à beira da falência, quando desempenhavam altos cargos, e mais particularmente dos laços de parentesco da sra. Chang com a mulher do presidente da República, para garantir as cumplicidades, em-

A sra. Chang e a sra. Chon

«O efeito foi devastador», disse um diplomata. «O poder vacilou, o presidente perdeu publicamente a face». Do lado político, uma pantomima prolongou-se durante perto de dois meses. Durante as remodelações, deu-se sobretudo, a impressão de que se procurava fazer desviar a atenção do público do meio presidencial, sacrificando ministros-bodes-expiatórios «colectivamente responsáveis». Mas ninguém ignora que o essencial do poder, e também das responsabilidades, está nas mãos do presidente. Por outro lado, a manobra convenceu tanto menos quanto o primeiro-ministro e os ministros mais evidentemente responsáveis conservaram as suas pastas durante várias semanas e que o procurador encarregado do inquérito, mas cujas hesitações pareceram suspeitas, foi promovido a ministro da Justiça.

Depois de longas negociações com o Parlamento, foram então substituídos.

Do lado judiciário, o presidente prometeu que faria toda a luz sobre o assunto, quaisquer que fossem as pessoas envolvidas. Ora o seu partido, o da Justiça Democrática, opôs-se violentamente a uma moção da oposição legal que exigia a criação de uma comissão de inquérito parlamentar independente. O que provocou este aparte de um dirigente da oposição: «Enquanto se não souber a verdade, o governo continuará impotente face às acusações daqueles que já lhe não reconhecem mais a capacidade moral para dirigir». Um desses, Kim Yung-Sam, antigo chefe do partido democrático, em entrevista concedida ao «New York Times», comparou o

escândalo financeiro ao Watergate e ao caso da Lockheed, no Japão.

Ele exigiu a demissão do general Chon, e a restauração da democracia. Por ter ousado pronunciar-se, por estar proibido de fazer política desde 1980, Kim Young-Sam foi submetido mais uma vez, a prisão domiciliária, com uma forte guarda policial, em Junho.

Abordando um outro aspecto tenebroso do caso, o semanário regional «Far Eastern Economic Review» escreveu: «A oposição pensa que o dinheiro (do escândalo), ou pelo menos uma parte dele, foi dado ao Partido da Justiça Democrática (PJD), para os seus fundos políticos secretos. Sublinha-se, com efeito, que este partido, criado há um ano, se tornou uma enorme organização, com um milhão de membros e grandes fundos». A demissão precipitada do secretário-geral do PJD, Kwon Jung-Dal, logo a seguir à revelação do caso, parece confirmar esta hipótese. No entanto, Kwon não é objecto de perseguições judiciais e o PJD desmentiu qualquer implicação financeira e qualquer ligação com a sra. Chang.

Interrogado sobre a atitude paradoxal do partido, o seu porta-voz, Lee Chong-Ryool, declarou-nos: «Não há mais nada a descobrir neste caso, estamos convencidos disso. Porque prolongá-lo com um inquérito que nada mais fará do que agravar a falta de confiança da população? Desejamos que este incidente seja enterrado o mais depressa possível. Por outro lado, a maioria das pessoas está persuadida de que está tudo dito, até a imprensa já não se interessa...». A tese oficial é de que a sra. Chang e o seu marido «pretendiam» ter apoios onde eles não existiam

em absoluto. A prisão de um ex-general, tio da mulher do presidente, seria suficiente para falsear esta versão dos factos que já não convence ninguém aqui.

O que ninguém ousa dizer, e ainda menos escrever — embora os rumores não deixem de atingir os seus alvos —, é que a sra. Chang e a sua poderosa parente sra. Chon, esposa do presidente, estavam, de facto, muito próximas. É principalmente aí, nas zonas sombrias em que o nepotismo, a política e o dinheiro florescem, que para o grande público se situam os elementos mais escandalosos e as questões mais vergonhosas. No entanto, o que o caso revela das práticas financeiras perigosas e do estado deplorável do sistema monetário nacional não é, sem dúvida, menos grave. Pior ainda, o escândalo desacredita, talvez de maneira ainda mais irreparável, um regime que pretendia precisamente justificar a sua dureza em todas as coisas com uma vontade purificadora sem compromisso. Sobre a base sólida da ordem militar, uma ordem política, económica e social nova e purificada era realmente chamada a suceder à ordem «ditatorial e corrupta» do presidente Park Chung-Hee, assassinado pelo chefe da sua polícia secreta em 1979.

«Varrer diante da sua própria porta»

O caso atinge em especial o presidente, o qual, no estilo populista que lhe é caro, se identificou simbolicamente com as campanhas de purificação vindo para a primeira linha. «Quando se pretende depurar uma nação inteira, é melhor começar por varrer diante da sua própria porta», comentou, com ironia, um universitário.

Candidato à presidência, o general Chon declarou, ainda não há muito tempo: «A nova alvorada política que vai erguer-se sobre toda a nação garantirá um governo honesto, um nível de integridade elevado na função pública, uma economia que assegurará a prosperidade de todos, uma sociedade própria e vibrante». Ao denunciar o poder pessoal, acrescentou: «O significado da nossa V República será renegado se cairmos na sentença da antiga ordem».

Palavras ambiciosas e mesmo temerárias! Apenas com algumas pequenas diferenças, a ordem nova parece-se muito com aquela a que sucedeu, pelo menos no «boom» económico. Em muitos casos, as mesmas causas produziram as mesmas desordens. O trilho em que se meteu o novo poder não é menos profundo do que aquele que denunciou.

É verdade que, e muitos estão de acordo neste ponto, a política, a burocracia e os negócios, confortavelmente instalados numa longa tradição de corrupção e de influências, tinha necessidade de uma «boa varredura». Para tanto, seria necessário que o exército e as polícias secretas aproveitassem para arrancar o magro verniz democrático existente e que, ainda por cima, indisputassem os círculos de negócios com os seus excessos de zelo? Ao fazê-lo, o poder tomou o risco de relançar os confrontos e de, por vezes, dividir onde pretendia unir. Afinal de contas, a corrupção dos seus próximos rebenta-lhe na cara: a nódoa, depois do sangue da repressão de Kwangju, será difícil de lavar.

O poder pessoal torna-se pesado, a popularidade diminui, a democratização faz-se esperar, a economia está destruída pela recessão e a prosperidade continua limitada. No país dito da manhã calma, a nova aurora tarda em se levantar sobre a terra prometida de uma sociedade limpa e vibrante. Para os próximos do regime, que pregam a paciência, «as coisas estão, ainda assim, melhores do que sob o regime de Park». Mas muitos opositores, e até diplomatas, não partilham desta opinião. ■

(1) — O mercado paralelo, ou Korb Market, é um circuito monetário officioso, muito desenvolvido devido às fortes restrições impostas pelas autoridades em matéria de empréstimos bancários. Foi estimulado pelo retraimento do crescimento e procura, a todo o custo, dinheiro fresco, através de numerosas empresas em dificuldades. Animado por operadores mais ou menos clandestinos, o «Korb market» canaliza capitais ocultos e os dos que procuram um rendimento máximo com as suas poupanças. A taxa de interesses podem aqui atingir 50 por cento. Todas as operações assentam na confiança. Segundo algumas fontes, a quarta parte da massa monetária global do país circula no mercado paralelo. Várias dezenas de milhares de empresas recorrem a ele em 1981.



Aspecto de levantamentos populares na Coreia do Sul há dois anos



DESPORTO

Abertura com jornada incompleta

Futebol: campeonato já dá "zebra"

Principiou o Nacional de Futebol e, logo nesta primeira ronda, um jogo ficou atrasado: aquele que colocará o Vitória de Setúbal perante o vencedor da liginha. Mas, nas sete partidas que o calendário cumpriu, verificaram-se casos insólitos (quatro triunfos fora de casa) e uma tremenda onda de indisciplina, levando os juizes a três expulsões e a apresentarem o cartão amarelo por vinte vezes.

O campeão (Sporting) foi a única equipa visitada a triunfar: 1-0 sobre o Marítimo (do Funchal) golo do defensor Virgílio aos 78 minutos, num jogo em que os «leões» colocaram em sobresalto os seus apaniguados. O Benfica e o FC Porto (outros dos tradicionais candidatos ao título) obtiveram triunfos difíceis ante o Sporting de Espinho (1-0) e Portimonense (2-1), respectivamente.

Mas as honras da jornada foram para o Estoril Praia, clube que joga todas as temporadas para evitar a despromoção e que no campo do reforçado Boavista, por 1-0, golo do suplente Cansado, a 12 minutos do final.

O campeonato iniciou-se sob o signo da violência e três futebolistas foram expulsos: o estorilista José Abrantes, o «capitão» Portimonense Amílcar e o portista Walsh. Os cartões amarelos também se fizeram sentir: só nos jogos do Bessa e de Portimão os árbitros foram obrigados a mostrar o «amarelo» por dez vezes.

A jornada ficou incompleta, porque o Vitória de Setúbal descançou: o seu adversário (vencedor da liginha) ainda não está apurado e só em meados de Setembro, a primeira divisão passará a ter oito jogos no fim-de-semana.

O FC Porto, novamente orientado pelo técnico José Maria

Pedroto, conquistou uma preciosa vitória em Portimão, frente ao conjunto local, por 2-1: o regressado Gomes (ex-Sporting de Gijón) abriu o activo aos 20 minutos, Raul Águas empatou para o Portimonense (aos 71) e dois minutos depois Frasco apontou o golo do triunfo portista. A controversa arbitragem do «mundialista» António Garrido e as expulsões de Amílcar (Portimonense) e Walsh (FC

do final, o golo da vitória, a centro do ex-axadrezado Diamantino. O Benfica apresentou-se bem preparado fisicamente e dominou a partida, mas a inépcia dos seus dianteiros, aliada à excelente exibição do guardião Mendes, ditaram o triunfo tangencial. Os espinhenses protestaram contra a arbitragem de Veiga Trigo, (Beja) alegando que o juiz não assinalou uma grande penalidade contra o Benfica, aos quatro minutos, por derrube do guardião lisboeta Bento a João Carlos.

O Sporting de Braga, que na quarta-feira perdeu com o Swansea (país de Gales) por 3-0, na pré-eliminatória da

aquim Rocha (28) e Paquito (34), vantagem que conservaram no segundo tempo. Foi novo fracasso da turma de Juca. O Ginásio de Alcobaca estreou-se na 1.ª Divisão nacional com um empate em casa frente ao Rio Ave (1-1). Com falta de jogadores (só três suplentes no banco) o Alcobaca denunciou carência de conjunto frente a um Rio Ave mais experiente, que se adiantou no marcador aos 47 minutos, por Cabumba. Os visitantes pressionaram nos minutos finais e (aos 85) Nelito desferiu à entrada da área um remate rasteiro e segado que deu o tento do empate.

O regressado Varzim e a sensação da última temporada (Rio Ave) não foram além de um empate a zero, num jogo monótono e de fraco nível técnico, disputado no Estádio do Mar (Matosinhos) devido à interdição do campo dos poveiros.

O campeonato da 1.ª Divisão prossegue no próximo fim-de-semana e na segunda jornada dois jogos concitam as atenções: FC Porto-Sporting e Benfica-Boavista. Os outros encontros: Estoril-Setúbal, Guimarães-Espinho, Marítimo-Braga, Rio Ave-Portimonense e Amora-Alcobaca. O Varzim descança, porque ainda não terminou a «Liginha».

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º Guimarães	1	1	-	-	2-1	2
2.º Porto	1	1	-	-	2-1	2
3.º Benfica	1	1	-	-	1-0	2
4.º Estoril	1	1	-	-	1-0	2
5.º Sporting	1	1	-	-	1-0	2
6.º Alcobaca	1	-	1	-	1-1	1
7.º Rio Ave	1	-	1	-	1-1	1
8.º Amora	1	-	1	-	0-0	1
9.º Varzim	1	-	1	-	0-0	1
10.º Boavista	1	-	-	1	0-1	0
11.º Espinho	1	-	-	1	0-1	0
12.º Marítimo	1	-	-	1	0-1	0
13.º Braga	1	-	-	1	1-2	0
14.º Portimonense	1	-	-	1	1-2	0
15.º Setúbal	-	-	-	-	-	-
16.º Clube por apurar	-	-	-	-	-	-

Liginha

O Académico de Coimbra derrotou em casa o Farense, por 2-1 (2-0 ao intervalo), em jogo do torneio de subida à 1.ª Divisão.

ACADÉMICO: Jacinto João; Parente, Jorge, José Freixo e Germano; Freitas, Rosado e Marconi; Eldon, Camegim (Luís Horta, aos 78 m) e Ibraim (Aquiles, aos 55 m).

Marcadores: Marconi (aos 9 m) e Eldon (aos 11 m).

FARENSE: Jorge; César, Meneses, Leonardo e Vilaça; Alinho (Oscar, aos 45 m), Seco-da (Alberto, aos 78 m), e Joel; Paulo Campos, Mário Ventura e Vital.

Marcador: Vital (aos 51 m).

Cartão amarelo para Alinho, Eldon, Mário Ventura, Freitas, Leonardo, Meneses e Marconi. Árbitro: António Ferreira (Lisboa).

Classificação actual:

	J	V	E	D	G	P
1.º Penafiel	3	2	-	1	5-3	4
2.º Académico	2	1	0	1	3-3	2
3.º Salgueiros	2	1	0	1	3-4	2
4.º Farense	3	1	0	2	5-6	2

Próximo jogo: no dia 25: Académico-Salgueiros.

Benfica:

Outro jugoslavo?

Segundo informam várias agências noticiosas, chega esta tarde a Lisboa o guarda-redes jugoslavo Petar Borota (que, tem defendido as malhas do Chelsea, de Inglaterra) e é pretendido pelo Sport Lisboa e Benfica.

Particulares

Jogos particulares: Sacavenense, 1-União de Santarém, 1; União de Leiria, 5-Atlético, 1; Nazarenos, 0-Almada, 0;

Alpalhoense, 0-Estrela de Portugal, 6; Naval, 0-União de Coimbra, 0; Peniche, 2-Marinhense, 0; Em Melilla (Espanha) o Vitória de Setúbal triunfou num torneio batendo o Spartak (1-0) e o Málaga (2-1).

Futebol carlioca

O Fluminense (do Rio de Janeiro) derrotou, por quatro a zero, o Madureira, num encontro a contar para a 7.ª jornada do torneio da «Copa Guanabara». Os outros jogos desta jornada tiveram os seguintes resultados: Bangu - Campo Grande, 0-0; Americano - Botafogo, 1-1; América - Vasco da Gama, 1-2; Bonsucesso - Flamengo, 2-3. Classificação: 1.º, Flamengo, 12 pontos; 2.º, Vasco da Gama, 11; 3.º, Fluminense, 11.

Futebol paulista

O Corinthians continua à frente da classificação do campeonato paulista de futebol da 1.ª divisão graças da sua vitória, frente ao Santos, por uma bola a zero. Outros resultados da 12.ª jornada do certame: Comercial - Portuguesa de Desportos, 0-0; Guarani - Palmeiras, 1-1; São José - Santo André, 4-0; Taubaté - Juventus, 1-1; Marília - Ferroviária, 1-2; América - São Paulo, 1-1; Francana - São Bento, 0-1; Internacional - XV de Jau, 1-0; Ponte Preta - Botafogo, 1-1. Classificação: 1.º Corinthians, 18 pontos 2.º São Paulo, 15; 3.º Ponte Preta 14.

Sócrates: a fortuna

O «internacional» brasileiro Sócrates renovou, por dois anos, o seu contrato com o Corinthians, por 42 300 dólares mensais (cerca de três milhões e meio de escudos).



Luta viva e Porto embolsando

Portimão: indignação algarvia

Garrido: uma 'casa' dos diabos!

O árbitro António Garrido foi a figura de triste evidência no encontro em que o FC Porto venceu o Portimonense (por 2-1), no estádio dos algarvios. Ao intervalo os portistas venciam já por 1-0 (golo de Gomes, aos 18 minutos). O Portimonense empatou (aos 70 minutos) por Raul Águas, mas (aos 73) Frasco obteve o golo do triunfo dos visitantes.

António Garrido dominou as atenções gerais do público que esgotou o recinto (18 mil pessoas), proporcionando a maior receita de sempre (três milhões de escudos), ao realizar uma arbitragem de péssima qualidade e com influência no resultado. Entre vários erros, o mais flagrante verificou-se (aos 52 minutos) quando Amaral derrubou Norton de Matos em plena área, jicando por assinalar a indiscutível grande penalidade.

Outra característica do confronto foi a dureza empregada de ambos os lados, do que resultou a exibição por quatro vezes do amarelo e duas vezes do vermelho, também com responsabilidades para o árbitro de Leiria. Garrido cometeu ainda o lapso de apenas conceder um minuto de desconto quando a partida, na altura das duas expulsões, esteve interrompida durante mais de quatro minutos.

Apesar disso, assistiu-se a um espectáculo muito emotivo e com bons lances de futebol e ainda, a uma luta de táticas tra-

vadas entre os dois técnicos, Artur Jorge (Portimonense) e José Maria Pedroto (FC Porto). Porém, nenhuma das equipas chegou à superiorizar-se em relação a outra, sendo a partida jogada num estilo de ataque e contra-ataque, com idênticas situações de golo a repartir-se junto das duas balizas.

O Portimonense foi (ainda assim) a equipa que até ao golo do empate mais perigo causou sem (contudo) exercer domínio intenso sobre o seu opositor que, três minutos após o 1-1, repôs logo a diferença que depois defendeu muito bem.

O empate teria sido o resultado mais lógico do confronto e para isso poderia ter bastado que António Garrido realizasse uma actuação correcta, em função dos lances ocorridos e na maioria dos quais os algarvios saíram prejudicados.

O cartão vermelho foi mostrado a Amílcar e a Walsh, aos 54 minutos. O cartão amarelo foi para Amílcar (antes da expulsão), Romeu, Simões e Raul Águas.

As equipas:

Portimonense: Damas; Coelho, Amílcar, Alinho e Quaresma; Carlinhos, Murça (Raul Águas, 45), Fernando Martins e Paulo Rocha; Nelson (Tião, 81) e Norton de Matos.

FC Porto: Amaral, Gabriel (Eduardo Luis, 62), Simões, Eurico e Jaime Pacheco; Rodolfo, Frasco e Sousa; Gomes, Walsh e Romeu (Costa, 22).

Alcobaca: falta gente

Ginásio divide com o Rio Ave

O Ginásio de Alcobaca estreou-se na 1.ª divisão do futebol português com empate (1-1) com o Rio Ave, no estádio municipal de Alcobaca.

Os futebolistas do Ginásio acusaram a estreita e só chegaram à igualdade a cinco minutos do final, graças a um remate forte de Nelito, desferido à entrada da área, 38 minutos depois de Cabumba ter inaugurado o marcador.

Com falta de jogadores, o Alcobaca garantiu a partilha dos pontos devido sobretudo à abnegação dos seus jogadores, já que o melhor futebol praticado pertenceu aos visitantes. O Rio Ave demonstrou entendimento entre os sectores e teve em Pires

e Adérito os seus melhores jogadores.

Em contrapartida, o Ginásio de Alcobaca (que só apresentou três suplentes) mostrou não possuir ainda um fio de jogo, sentindo muitas dificuldades em criar situações de golo.

Sob a direcção do árbitro Vítor Correia (de Lisboa) que admoestou Santana (35) com o cartão amarelo, alinharam:

Alcobaca: Domingos; Modas (Teixeira 76), José Rui, Varela e Alfredo; Lelo, Romão (Reinaldo 80), Jorge Oliveira e João Cabral; Nelito e Cavungi.

Rio Ave: Alberto; Sérgio, Tó-Zé, Santana e Duarte; Luís Saura, (Eusébio, 88), Adérito e Quim Pires; Casaca (Nhabela 76), Quim e Cabumba.

O resultado foi obtido nos campeonatos norte-americanos de natação, a decorrerem em Indianápolis.

Lundquist baixou nove centésimos de segundo ao anterior máximo de 1,02,62, obtido por ele no mês passado, nas eliminatórias para o Campeonato do Mundo.

ponta esquerda

Casamento a murro

Quando um pugilista amador se casa e convida os colegas desportistas para a festa, as coisas tornam-se explosivas. Foi o que aconteceu em Pittsburgh (Pensilvânia), quando uma festa de casamento se transformou em arraial de pancadaria, para grande deleite dos 150 convidados entusiasticamente empenhados no acontecimento.

Passadas as primeiras horas de «festa», chegou a Polícia que (no meio dos socos, das mesas, das cadeiras voadoras e das mulheres que gritavam) teve de batalhar até de manhã para dominar os convivas. Houve quinze detenções (entre as quais da dama de honra) e ninguém parecia lembrar-se dos motivos que precipitaram os acontecimentos...

Schuster: as fotos "piratas"

O futebolista Bernd Schuster surgiu na revista alemã federal «Quick» em montagem fotográfica, numa fotonovela erótica onde tem o «papel principal». O advogado do futebolista manifestou a intenção de processar a revista por perdas e danos.

Merdeka no futebol

Uma selecção brasileira ganhou em Kuala Lumpur, o «Torneio de Merdeka» de futebol no qual participaram dez países) ao bater o Gana, campeão da África, por 3-0.

Maradona:

"show" continua adiado

Diego Armando Maradona, o jogador de futebol mais caro do Mundo, realizou uma exibição sem brilho, este fim-de-semana (em Palma de Maiorca) por ocasião do primeiro jogo disputado com as cores do seu novo clube, o FC Barcelona. Todavia os catalães venceram, por 2 a 1, o encontro particular disputado frente a um clube local, com golos de Migueli e Quini.

Piechniczek: o dito por não dito

O director técnico da selecção de futebol da Polónia (Antoni Piechniczek) revogou a sua decisão de abandonar o cargo, continuando à frente da equipa nacional que recentemente ficou em 3.º lugar no «Mundial-82». Piechniczek, anunciou a intenção de abandonar a selecção polaca por motivos de ordem familiar. A decisão actual de Piechniczek vem colocar a selecção polaca sob a direcção do seu treinador nos encontros que terá de disputar com a França (em Paris no dia 31) com a Finlândia (em Helsínquia, a 8 de Setembro) e com Portugal (a 10 de Outubro, em Lisboa).

Máximos

Natação: recorde

O nadador Steve Lundquist (Estados Unidos) bateu o seu próprio recorde mundial nos 100 metros bruços com o tempo de um minuto 2,53 segundos.

DESPORTO

S. João da Madeira: águia impante

Coelho saído da toca

Como se diz: não valerá muita cera aquele ruim defunto que constituiu o fraquíssimo espectáculo de futebol com que foi «brindada» a plateia de São João da Madeira, preparada alegremente para ver em acção «craques» de fina água, jogadores populares e prestigiados e outros profissionais da bola sonhadores da fama e, afinal triste e desolada pelo fraco recorte de um «show» que muito prometia mas morreu no tinteiro.

Evidentemente que há uma torrente de atenuantes: o imenso calor que pairava sobre o norral «Conde Dias Garcia» (escolhido pelo Sporting de Espinho enquanto dá cara nova ao seu Campo da Avenida), facto de estarmos na abertura da temporada, muito especialmente a necessidade (benfiquista como espinhense) de entrar em todos os terrenos logo tentando segurar o ponto que vai no boral carregado da cabina para o primeiro silvo arbitral. Mas, para além de noventa minutos inspidos, inodoros e de futebol incolor, com vinte e seis futebolistas a rubricarem receio mútuo, ainda aconteceu o tremendo erro do juiz ao defraudar completamente a verdade do jogo, não assinalando a clara, irrefutável e saltitante grande penalidade, cometida aos três minutos por Bento (sobre João Carlos) que atraçou o esforço nortenho e logo fez repousar os lisboetas, talvez intimamente certos de que o jovem Veiga Trigo lhes iria minorar o sofrimento, refrear a ânsia. Aliás, o prometedor juiz alentejano ficou marcado por essa tremenda falha: várias vezes iria perturbar-se em julgamentos, culminando uma fase de desacerto com a inconcebível marcação de um pontapé de canto contra o Espinho em lance que toda a gente viu ser concluído por Filipovic com um golpe de cabeça a arrojar o couro pela cabeceira. Realmente, os desacertos acabaram quase sempre por prejudicar o Sporting de Espinho: aconteceu por mero acaso.

Demorou larga fatia de calendário a chegada de um golo: e foi preciso que Humberto Coelho fosse lá adiante vergar o ensacional guarda-redes Mendes, todo ele genica e raça, travão quase invencível aos disparos construídos pela artilharia benfiquista, especialmente naquele belíssimo tiro de João Alves que o número um espinhense desviou como um raio, mais no chute de raiva com que Filipovic pensou o melhor para a sua entidade patronal e Mendes evitou com uma soberana «mancha» que foi barreira para vinte valores.

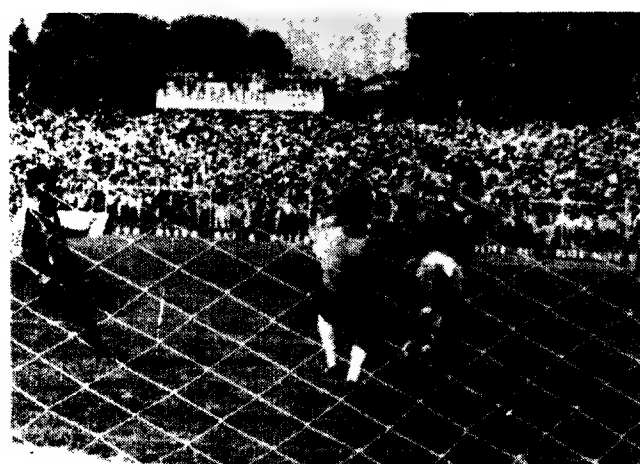
Havia particular interesse, entre os sanjoanenses, pelo

trabalho de dois filhos da terra: João Alves e Veloso. O mestre das luvas negras e o seu coriáceo companheiro de labuta não defraudaram o conclave: formaram (com o jugoslavo do excelente jogo aéreo) mais com o apurado e generoso Pietra, o bloco que acompanhou Humberto Coelho no belo que restou na peneira da esquadra de Eriksson. Por seu turno, entre os pupilos de Carolino houve caras e pernas a dar nas vistas: João Carlos, Balacó, Vitorino e Serra. Mas, muito especialmente, Mendes que, ou falhamos para KO ou muito brevemente entrará no areópago do nosso futebol como promessa firme e atirada para a frente.

Foi um jogo morno, com fases entediadas, salvaguardadas até a esperança e ralé de alguns artistas. Um partido futebolístico que (para além de uma ou outra entradinha mais forte) não teve a menor mácula disciplinar. E se o árbitro ficaria bem na retina do pagode, pelos tais erros acumulados depois da flagrante escamoteação de uma grande penalidade ao pecúlio espinhense, também houve coisas curiosas vividas fora das quatro linhas, desde a catadupa de carteiras que ficaram abandonadas (sacadas antes com mãozinha adestrada) até ao bloco-TV, que retirou a penates depois de apanhar com a porta na cara. E viu-se o intérprete do técnico sueco do Benfica (o jovem André) a ser impedido de ficar no banco dos responsáveis mas, depois e perante a passividade do trio de julgadores, a entrar discretamente para a direita baixa do homem a quem vai servindo de veículo. Mais: o dirigente máximo da luso-arbitragem (dr. António Marques) certamente a esta hora cogitando no péssimo pontapé de saída dado pelos homens de preto por esses campos fora. Má forma física não é desculpa para erros de julgamento. Especialmente se, como aconteceu em S. João da Madeira, surge um inesperado aliado visitante vestido com cores vermelhas.

Enfim: Espinho a promover e Benfica a recolher. Um punhado de apontamentos que não chegaram a fazer história. De qualquer modo, nortenhos satisfeitos pelo dever cumprido mas (logicamente) lavrando reclamação ao destino que os impediu de ganharem dianteira no «placard» e a direcção do Benfica (até ver) suspirando de alívio: pelos vistos, o futebol continua jogando a favor de uma continuidade que sempre fica em equação quando os pontos (que significam contos) se quedam em bolso alheio.

Neves de Sousa



Mendes faz a «mancha» perante Filipovic



Plateia esgotada, jogo morno e sorumbático

Cartão Amarelo: para João Carlos, Raul e Pinto da Rocha. Espinho — Mendes; Vivas, Balacó, Serra e Raul, João Carlos, Dinis e Pinto da Rocha; Salvador (Carvalho, 36), Moia (Salvado, 68) e Vitorino.

Benfica: Bento; Pietra, Humberto, Bastos Lopes e Veloso, Shéu (Padinha, 50), Carlos Manuel, Alves e Chalana; Nenê (Diamantino, 71) e Filipovic.

Tento por Humberto Coelho aos 76 minutos.



Estorilistas calaram boavisteiros

*Bessa: mau princípio*

Estoril embolsa com tempo

O Estoril colocou uma surpresa no campeonato ao vencer o Boavista, em casa deste, por 1-0. Cansado (que na 2.ª parte, entrara a substituir um colega de equipa) foi o autor do golo estorilista, quando estavam decorridos 78 minutos.

O encontro teve uma das suas notas salientes no aspecto disciplinar, pois o árbitro José Duarte mostrou seis vezes o cartão amarelo e uma vez o verme-

lho.

O Boavista, que exerceu domínio, pecou por falta de soluções defensivas, pois nunca conseguiu penetrar na área do Estoril, cuja equipa cedeu o meio-campo ao adversário. Povoando muito bem o seu meio-campo e tendo em Vieira e José António dois «centrais» intransponíveis, o Estoril só se aproximou da área adversária meia dúzia de vezes,

acabando por conseguir um golo de boa execução. Ao invés, os «axadrezados», (apesar de jogarem com mais velocidade no 2.º tempo) esbarravam à entrada da área com a oposição contrária e depois do golo do Estoril despejaram sem consequências bolas para cima da baliza visitante.

Sob a arbitragem de José Duarte (Braga) as equipas:

Boavista: Matos; Queiró, Djão, Artur e Alberto; Eliseu, Barbosa I

e Barbosa II (Almeidinha, 66); Álvaro (Jorge Silva, 57), Reinaldo e Palhares.

Estoril: Manuel Abrantes; Teixeira, Vieira, José António e Leo; Vitinha, Isidro, Diamantino (Cansado 71) e Ernesto; José Abrantes e Vítor Madeira.

Cartão vermelho para José Abrantes e amarelo para Barbosa II, Diamantino, José António, José Abrantes, Teixeira e Eliseu.

Matosinhos: jogo neutro

Amora silvestre para o Varzim

O Varzim assinalou o regresso à 1.ª Divisão com empate a zero com o Amora, num jogo equilibrado e monótono. O encontro disputou-se no Estádio do Mar (Matosinhos) devido à interdição do campo do Varzim.

O Amora praticou um futebol com maior profundidade, mas a defensiva poveira opôs-se sempre com vantagem aos ataques dos sulistas. O Varzim suportou a pressão e teve o seu melhor período nos últimos dez minutos do 1.º tempo, quando a defesa do Amora foi chamada a efectuar trabalho de nível.

As equipas apresentaram esquemas tácticos idênticos, com o meio campo muito povoado de

jogadores e deixando apenas dois homens na frente. Vitoriano e Valdemar sobressaíram na equipa nortenha, enquanto Ribeiro e Caio foram os melhores jogadores do Amora.

Sob arbitragem de Agostinho Santos (Leiria) que mostrou o cartão amarelo a Baltasar e Nelson alinharam:

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Washington, Lima Pereira e Torres; Pinto, José Albino, Adão (Paulo Vilaça, 26) e Ailton; André e Valdemar.

Amora: Botelho; Babalito, José Rafael, Nelson e Alfredo; Ribeiro, Jaime, Valter e Alberto (Jorge 63); Caio e Baltasar (Amadeu, 76).

Braga: fracasso caseiro

Juca longe do êxito

Depois da estrondosa derrota dos bracarenses no País de Gales (0-3, para a «Taça das Taças», novo inêxito vem marcar a presença de Juca à frente da turma que, na última temporada, foi comandada por Quinto.

Em seis minutos, Vitória de Guimarães virou o resultado e conseguiu um importante triunfo (2-1) sobre o Braga, em jogo disputado no «Primeiro de Maio» bracarense. O «team» de Juca inaugurou o marcador logo no primeiro minuto (por Manoel), mas Joaquim Rocha e Paquito (aos 28 e 34 minutos) marcaram os dois golos do triunfo vimarense.

Apesar de ter começado da melhor maneira, o Braga apenas exerceu domínio nos primeiros dez minutos, após o que os visitantes equilibraram o confronto.

Com a lesão de Nelito e a entrada de Duarte, a defesa do Braga oscilou e disso se aproveitou o Vitória de Guimarães, para pressionar e ganhar ascendentes sobre o adversário, conseguindo dois golos com culpas para o último reduto dos locais.

Sob arbitragem de Raul Nazaré (Setúbal) que mostrou o cartão amarelo a Nivaldo, João Cardoso e Abreu, as equipas alinharam:

Braga: Hélder; Artur, Guedes, Nelito (Duarte, 26) e João Cardoso; Serra, Vítor Oliveira e Vitor Santos; Malheiro, Manoel e Fontes.

Guimarães: Silvino; Gregório, Tozé, Barrinha e Murça; Paquito, Abreu e Nivaldo; Fonseca, Joaquim Rocha e Laura.

MICROSCÓPIO

Ténis milionário

O checoslovaco Ivan Lendl, derrotou o norte-americano Steve Denton (6-2, 7-6) na final do Torneio de Ténis de King Islands, prova pontuável para o Campeonato Mundial. Lendl que, nas meias-finais, bateu, pela primeira vez, Jimmy Connors, demorou 30 minutos para ganhar o primeiro «set» mas, no segundo, a oposição do norte-

-americano foi mais forte e o checoslovaco só ao fim de uma hora chegou ao triunfo. O tenista checoslovaco arrecadou 48 mil dólares (4100 contos) pelo triunfo no torneio.

Basquetebol: Mundial

Os jogos respeitantes à quarta jornada da «poule» final do Campeonato do Mundo de Basquetebol masculino, disputados

ontem à noite em Cali (na Colômbia) forneceram os seguintes resultados: Espanha - Austrália, 99-87 e EUA - Colômbia, 100-83. Classificação: 1.º, Espanha, 7 pontos; 2.º, URSS, 6; 3.º, Jugoslávia e EUA, 5; 5.º, Austrália, 4; 6.º, Canadá e Colômbia, 3 pontos. Jogos para hoje: URSS - Jugoslávia e EUA - Canadá.

Açores pedalou

O micalense Fernando Ven-

tura venceu a sexta edição da Volta à Ilha de São Miguel, em Bicicleta, com o tempo de 10h 47m 28s. Luís Cruz e José Estevão (ambos do Águias Concha da Madeira) conseguiram o 2.º e 3.º lugar com 10h 51m 04s e 10h 52m 41s respectivamente. Por equipas venceu o Águias Concha da Madeira, em segundo lugar classificou-se a selecção micalense (ADPD)



DESPORTO



Livre indirecto contra o Marítimo: bola embate na barreira mas a recarga de Virgílio deu o solitário tento verde-branco



Alvalade: aflição verde

Sporting vence, Marítimo protesta

Um livre indirecto concluído por Virgílio, a 17 minutos do fim, proporcionou ao Sporting o golo solitário com que derrotou (em Alvalade) o Marítimo, na primeira apresentação oficial da nova época perante o seu público. Os campeões nacionais prometeram bastante durante 30 minutos e desiludiram na restante hora de um jogo que foi quase sempre disputado no meio-campo dos madeirenses.

Na primeira meia-hora o Sporting actuou com velocidade, criando pelos flancos (em especial pelo direito, onde a acção de Virgílio foi influente) algumas situações de muito perigo para as redes de Quim.

O golo, porém, não surgiu durante essa fase em que o Sporting parecia querer tributar aos seus adeptos uma exibição positiva e não tardou que um certo nervosismo começasse a apressar-se dos jogadores «lenoninos».

Embora sempre no meio-

-campo do Marítimo (que nunca conseguiu livrar-se da pressão adversária) a equipa lisboeta passou a complicar demasiado os seus lances de ataque, acabando por cair no sistema de lançar a bola pelo ar para a área visitante.

assalto do Sporting que perdeu (Oliveira, Virgílio e Jordão) alguns ensaios para inaugurar o marcador.

No segundo tempo, a actualização do Sporting atingiu uma mediocridade que começou a impacientar os seus adeptos.

A mentira

Os jornais noticiaram que a RTP iria transmitir o jogo Sporting-Marítimo. Correram os serviços de Proença a desmentir. Não haveria — garantiram — transmissão alguma.

Afinal, domingo à noite, quando muitos telespectadores se preparavam para ver outro programa, previamente anunciado, foram exibidos os

noventa minutos de futebol.

Sejam quais forem as razões, nada justifica que o mais poderoso e influente órgão de comunicação social use processos destes!

Podia a RTP ter-se calado. Era mais limpo. Dava menos nas vistas. Mas o hábito faz o moço — diz o nosso povo... E a RTP mentiu!

insistindo sempre em bolas pelo ar ou em tentativas pelo meio do terreno, onde o povoamento dos madeirenses cortava todas as iniciativas dos locais. Quando o golo surgiu, a castigar falta de Quim dentro da área, de que resultou um livre indirecto, o Sporting apenas dispusera de uma situação próxima do golo em disparo de Virgílio (o autor do

tento) às malhas laterais.

O Sporting correria, após o golo, riscos desnecessários, recuando de forma nítida para o seu meio-campo, de tal maneira que raramente os «leões» voltaram a aproximar-se da baliza do Marítimo. Dava-se então o inverso que acontecera até então, pois o jogo passou a desenvolver-se no meio-campo do Sporting, tentando o Marítimo chegar à igualdade, frente a uma equipa que não disfarçava nervosismo e intranquilidade. O empate só não surgiu nos últimos três minutos porque, em duas vezes, Meszaros (com outras tantas intervenções de grande categoria) impediu que remates de Quim Manuel e Flávio, com a marca de golo, chegassem ao fundo das suas redes.

Sob arbitragem de Miranda Dias (Coimbra) que mostrou cartão amarelo a Quim, as equipas alinharam:

Sporting: Meszaros; Virgílio, Zezinho, Venâncio, e Barão. Noqueira, Xavier e Mário Jorge; Oliveira, Jordão e Lito (Festas, 82).

Marítimo: Quim; Oliveira, Olavo, Quim Manuel, Arnaldo e Cacheira; Águas (Duarte, 85), Albertino e Eduardinho (Humberto, 82) Flávio e Toninho Metralha.

Madeirenses contra árbitro

Alegando «erro técnico» o Marítimo protestou o jogo de Alvalade. Motivo invocado: «Quim tinha o esférico nas mãos e passou-o para Quim Manuel que lhe devolveu a bola para o guarda-redes pontapear. Deste modo, a bola tocou noutro jogador e o árbitro não podia ter assinalado o livre indirecto de que resultou o golo sportinguista» (declaração de Rui Marote, chefe do Departamento de Futebol do clube madeirense).

Sesimbra cortada a nado

José Tomé (do Algés) e a equipa do mesmo clube foram os vencedores absolutos da XIV Travessia da Baía de Sesimbra.

Classificação: 1.º, José Tomé, Algés, sénior, 27.23; 2.º, Alexandre Pinto, Sporting, júnior, 27.43; 3.º, Viegas Faria, Algés, 28.33; 4.º, José Machado, Algés, 29.59; 5.º, Fernando Gabriel, Algés, 29.59; 6.º, Filipe Gomes, Algés, 29.59; 7.º, Hélder Rodrigues, Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (SFUAP), m.t.; 8.º, José Duarte, Sporting, m.t.; 9.º, Miguel Duarte, Sporting, m.t.; 10.º, Paulo Azevedo, Algés, m.t.; 11.º, Henrique Gabriel, Algés, m.t.; 12.º, João Correia, Clube Desportivo da Cova da Piedade (CDCP), 32.21. O primeiro popular foi António Alves da Silva, chegado em 13.º lugar, e Minervina Tomás (do Sporting) foi a primeira senhora, chegada em 14.º lugar, seguida de Amélia

Pontes, (União Piedense) Cristina Martins e Alice Nunes (do mesmo clube). Na classificação por equipas: Algés, Sporting e União Piedense foram as melhores formações.

TOTO BOLA a chave

Boavista-Estoril 2
Espinho-Benfica 2
Braga-Guimarães 2
Sporting-Marítimo 1
Portimonense-Porto 2
Alcobaça-Rio Ave X
Varzim-Amora X
Leverkusen-Bielefeld 2
Dusseldorf-Bochum 1
Bremen-Bayern 1
Nuremberga-Hamburgo X
Schalke 04-M'Gladbach 2
Braunschweig-Colonia X.

Amanhã, no «DL»

A «Volta» em bicos de pés

Tudo acabou como logo se adivinhou ao terminar o contra-relógio na Curia: Marco Chagas triunfando individualmente e o Bombarralense dominando por equipas. Mas, muito haverá para contar: o levantamento do nosso ciclismo, para além de uma análise detalhada de como decorreu esta 44.ª edição da Volta a Portugal, nos seus vários e complexos aspectos, é tema para um artigo de Neves de Sousa (nosso enviado especial ao «Tour» caseiro). Por absoluta impossibilidade de espaço na nossas edições de hoje, o texto virá amanhã a lume no «DL».

Tudo ficou assim

	H	M	S
1.º Marco Chagas (Porto/UBP)	43	51	12
2.º Adelino Teixeira (Bombarralense)	43	52	28
3.º Manuel Zeferino (Porto/UBP)	43	53	43
4.º Alfredo Gouveia (Coimbrões)	43	53	53
5.º Alexandre Ruas (Lousa/Trinara)	43	55	10
6.º Belmiro Silva (Porto/UBP)	43	55	51
7.º Benedito Ferreira (Lousa/Trinara)	43	55	52
8.º José Xavier (Bombarralense)	43	56	27
9.º Fernando Fernandes (Bombarralense)	43	56	33
10.º José Sousa Santos (Rodovil)	43	56	44
11.º Joaquim Andrade (Ovarense)	43	56	48
12.º Eduardo Correia (Porto/UBP)	43	57	00
13.º Luís Vargues (Bombarralense)	43	57	47
14.º Fernando Carvalho (Ovarense)	43	57	59
15.º Luís Domingos (Bombarralense)	43	58	03
16.º Venceslau Fernandes (Rodovil)	43	58	30
17.º António Fernandes (Rodovil/Isuzu)	43	58	35
18.º Rui Martins (Luso Canadian)	43	58	49
19.º Armindo Terebentino (Vigaminho)	43	59	00
20.º Manuel Melo (Rodovil/Isuzu)	43	59	15
21.º José Martins (Vigaminho)	43	59	44
22.º António Alves (Porto/UBP)	44	00	35
23.º Rui Henriques (Bombarralense)	44	00	49
24.º Luís Teixeira (Coelima)	44	00	55
25.º Abel Coelho (Lousa/Trinara)	44	01	11
26.º Manuel Gomes (Rodovil/Isuzu)	44	01	26
27.º Jacinto Paulinho (Tavira/Sylber)	44	01	31
28.º Carlos Santos (Porto/UBP)	44	01	44
29.º Manuel Cunha (Porto/UBP)	44	01	45
30.º Bernardo Sousa (Vigaminho)	44	02	03
31.º Augusto Gomes (Rodovil/Isuzu)	44	02	30
32.º Benjamin Carvalho (Lousa/Trinara)	44	03	21
33.º António Pinto (Coelima)	44	03	27
34.º Norberto Medeiros (Coelima)	44	03	56
35.º José Marques (Tavira/Sylber)	44	04	47
36.º Herculano Silva (Ovarense)	44	04	47
37.º José Pereira (Coimbrões/Fagor)	44	04	53
38.º José Amaro (Porto/UBP)	44	04	58
39.º Raul Fachadas (Coimbrões/Fagor)	44	05	49
40.º João Santos (Bombarralense)	44	05	58
41.º José Silva (Coimbrões/Fagor)	44	06	05
42.º Manuel Martins (Vigaminho)	44	08	07
43.º Elias Campos (Tavira/Sylber)	44	09	06
44.º Tito Timóteo (Ovarense/Cortal)	44	11	14

Média Geral da Volta: 37,002 km/h
p/ 1,595 km.

Média do Camisola Amarela: 36,313 km/h p/ 1,595 km.

Equipas

	H	M	S
1.º Bombarralense/Agrifull	132	01	04
2.º F. C. Porto/UBP	132	03	16
3.º Rodovil/Isuzu	132	13	05
4.º Lousa/Trinara	132	13	26
5.º Coimbrões/Fagor	132	22	33
6.º Ovarense/Cortal	132	23	29
7.º Vigaminho	132	25	37
8.º Tavira/Sylber	132	26	30
9.º Coelima	132	30	08
10.º Luso Canadian Velo	134	13	57

Seleção ciclista

Honório Francisco (seleccionador nacional) convocou os corredores que vão estagiar até aos primeiros dias de Setembro e dos quais sairão os seis que estarão presentes na Volta à França do Futuro, que decorrerá entre 7 e 21 do próximo mês. São os seguintes: António Alves e Manuel Cunha, do FC Porto; Benedito Ferreira e Abel Coelho, do Lousa; Adelino Teixeira, Luís Vargues, José Xavier e Luís Domingos, do Bombarralense; e Alfredo Gouveia, do Coimbrões.



Alexandre Ruas, António Fernandes, Marco Chagas, Carlos Santos e Manuel Zeferino: foram eles os melhores nas várias classificações voltas.



Emílio Pinto: o técnico que vai somando triunfos no comando dos ciclistas portistas é um homem bem feliz



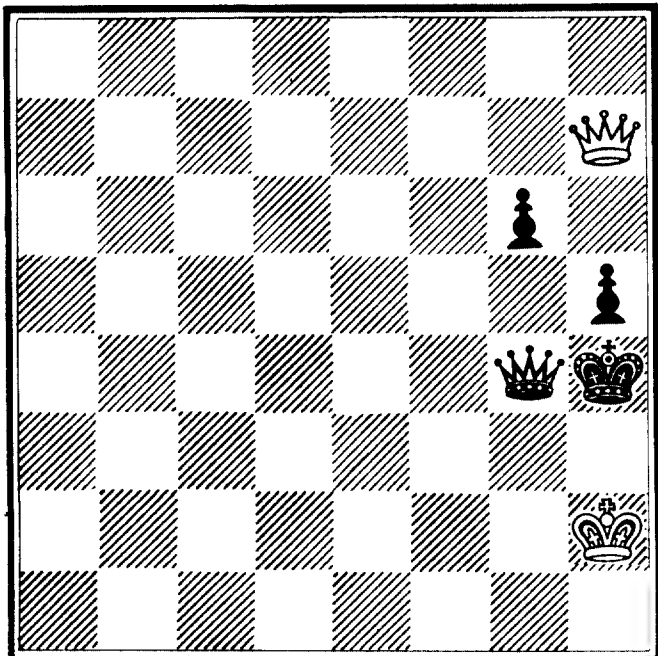
O guardião madeirense Quim foi a grande figura do Marítimo



O CHAPÉU DE ERIKSSON

Problemas de Xadrez

O Mestre holandês Cortlever chegou a esta posição aparentemente perdida, tendo as peças brancas. Mas lá dizia o Grande Mestre Tartakower: nunca ninguém ganhou uma partida, abandonando. E Cortlever tirou partido da posição aglomerada do inimigo.



Partida Cortlever-N.M.
Torneio da Holanda
(Brancas ganham)

SOLUÇÃO:
1. De7+, 2. Dg5 Dc4+, Dg4 3. Dc3! (último lance de espera, e agora 3... Dg5 4. Dd4+, ou 3... Df5/c8 4. Dg3+, e se 3... g5 4. Df2+, Dg3+ 5. Dxg3++).

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampayo

30

DEVO DIZER-LHE, ANTES DE MAIS, QUE NÃO COSTUMO OCUPAR-ME DE DIVÓRCIOS, E QUE...

NÃO, NÃO SE TRATA DE NADA DISSO.



VIROU-SE E DIRIGIU-SE PARA UMA POLTRONA, OLHANDO-ME NOS OLHOS. OS DELES ERAM DE CORES DIFERENTES UM DO OUTRO.

HÁ GENTE A METER O NARIZ NOS MEUS NEGÓCIOS, SEM QUE EU LHE TENHA ENCOMENDADO O SERMÃO.

QUE TIPO DE NEGÓCIOS?



LOGO VEREMOS ISSO; CADA COISA A SEU TEMPO. QUE PENSA DO ESTILO DE VIDA AMERICANO, SR. SINER?

... É UM EXAME QUE ME QUER FAZER, SR. LINCOLN?



DE CERTO MODO, SIM... VOCÊ É UM DETECTIVE PARTICULAR, PORTANTO FORÇOSAMENTE ACREDITA NA INICIATIVA PRIVADA E VIVE DELA. A MAIORIA DOS AMERICANOS LIMITAM-SE A APROVEITAR AS OPORTUNIDADES QUE SE LHE DEPARAM. OUTROS PENSAM NISTO AO CONTRÁRIO, DO PONTO DE VISTA DO INIMIGO...



NESTE PAÍS, A TODOS SE DEPARAM OPORTUNIDADES. POR ISSO PARECE-ME JUSTO ELIMINAR OS QUE ATENTAM CONTRA ESTA LIBERDADE DE AGIR... NÃO CONCORDA? OS PRETOS - QUE CONHEÇO POR DENTRO - E OS PORTO-RIQUENHOS, POR EXEMPLO: NA SUA MAIORIA, SÃO GENTE QUE NÃO SABE AGARRAR O QUE LHE PASSAVA AO ALCANCE DA MÃO...



© COPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Guipo/ADS

EU COMEÇAVA A PERDER A PACIÊNCIA.

PORQUE ME CHAMOU, SR. LINCOLN?

PORQUE HÁ UM DETECTIVE QUE FAZ MAU USO DA INICIATIVA PRIVADA: META-SE NOS MEUS NEGÓCIOS SEM QUE EU LHO TENHA PEDIDO. TOMA-SE POR UM CIDADÃO DE BOA CONSCIÊNCIA... PERCEBE, SR. SINER?



continua

RN

VIAGENS E TURISMO
NAS SUAS VIAGENS EM TODO O PAÍS
UTILIZE OS SERVIÇOS EXPRESSO RN
ADQUIRA O HORÁRIO DE CARREIRAS EXPRESSO EM QUALQUER AGÊNCIA RN
43 SERVIÇOS DIÁRIOS

RN

UM ESFORÇO PARA VENCER DISTÂNCIAS

CP

Caminhos de Ferro Portugueses

SUCATAS

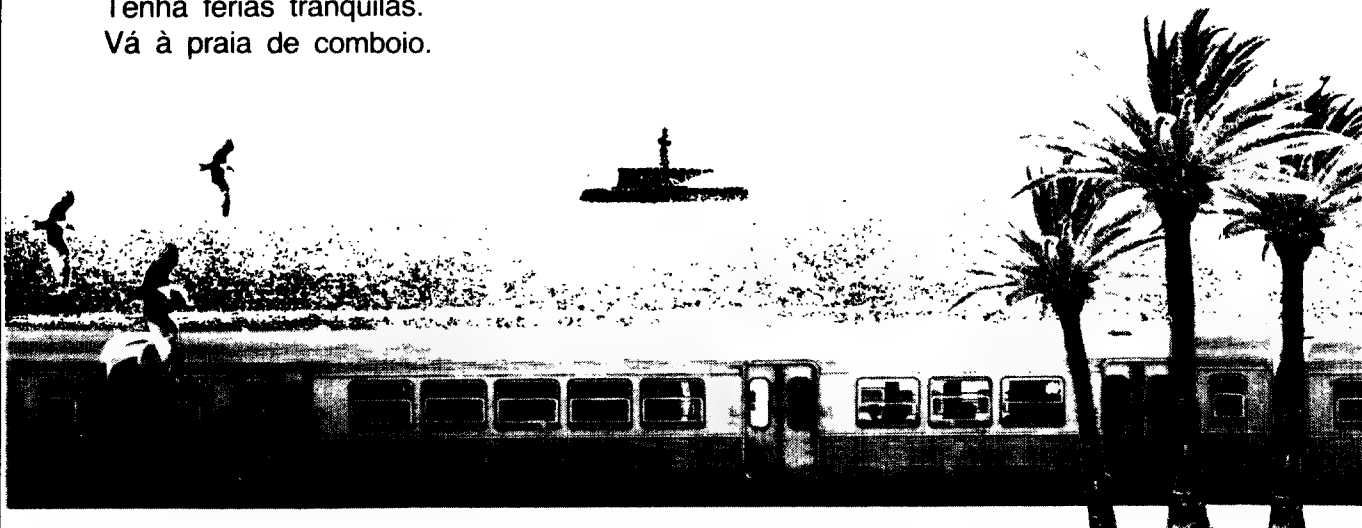
Está aberto concurso público até 26/8/82, para adjudicação para desmantelamento de:

5 CARRUAGENS 3 FURGÕES 6 VAGÕES

Estacionados em estações da linha de Guimarães.

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.



Estradas perigosas Condutores apressados
Engarrafamentos Parques de estacionamento superlotados
Tudo isto, durante as suas férias? Não!
Tenha férias tranquilas

Vá de comboio para a praia. A ler a conversar a ver a paisagem Tranquilamente A qualquer dia da semana

E aproveite as vantagens que a CP lhe oferece
De bilhetes semanais e passes mensais De modernas máquinas automáticas para bilhetes De comboios com partidas constantes em ambos os sentidos

Tire o máximo proveito de umas férias tranquilas Aproveite o comboio

CP Caminhos de Ferro Portugueses

CP Gabinete de Design

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS



Gunnar Björnstrand em «Em Busca da Verdade»

“Em Busca da Verdade” de Ingmar Bergman

Cinema de câmara tem sido a designação atribuída (a começar pelo próprio Bergman) a uma trilogia de filmes que, de 1960 a 1963, ele dedicou ao tema genérico do «silêncio de Deus» (e, em sequência, ao não finalismo da existência). **Em Busca da Verdade** (título português mais pomposo que o original **Como num Espelho**) é o primeiro desses filmes.

Já se escreveu inúmeras vezes (mas convém sempre repetir) que a «metafísica» de Bergman é apenas uma das interrogações que ele coloca ante um universo frio, individualista, amoral e puritano, universo que é o da Suécia. Interrogações que ele dirige ao indivíduo, que os seus filmes nunca falam de ou para generalidades. Tal como os seus actores e personagens são considerados um a um, assim os espectadores anónimos são atomizados. Olhos nos olhos, como Monika no final de **Monika e o Desejo**. O que implica, de imediato, que o cinema de Bergman (sempre respeitável e que sempre impõe o respeito) comunica de um modo in-

timo, que encontra (ou não) ressonâncias íntimas.

Sempre que Bergman abordou temáticas de cariz teísta, creio que a ressonância que pôde encontrar num espectador português passou (passa) ao lado do nosso universo religioso. Por cá, não temos o rigorismo puritano do Norte da Europa, esse Deus frio e exigente, temível e austero. O nosso Deus tem outras coordenadas, à medida, talvez, do Sul soalhento (nunca me esquecerei do que um padre me dizia anos atrás, justificando que o catolicismo tem valores de prazer: «Repara que Cristo era um homem que gostava de comer e beber — mesmo em locais onde havia mulheres como Maria Madalena»). As inquisições nunca conseguiram espartanar os nossos comportamentos (nem as nossas consciências).

O Deus silencioso, fechado, esfíngico, dos filmes de Bergman (que os seus personagens, agnósticos, transformam, no melhor dos casos, num precário amor entre si), aquele que vemos, opaco, como num espelho e não

face a face (senão no dia da Revelação) não tem muito a ver connosco.

Mais próximo de nós está a loucura, esse deslizar deste lado do espelho para o outro, essa angústia de se ver dividido entre dois universos sem suportar mais as transições. A loucura, o visionismo dos que escapam desta para outra lógica, é algo cuja relação com a nossa cultura/vivência é bem estreita. Daí que o personagem de Karin (em caminho entre si e a outra), embora central na Revelação, tenha traços fortemente identificáveis pelo espectador (como Minus, por outras razões). Porque é a única que sonha, utopia (o que nos dizem o cinismo de David ou o positivismo de Martin?).

Em Busca da Verdade, cinema de câmara, da proximidade e, portanto, do rosto, é um dos filmes mais datados de Bergman. Significado de uma época (quem não se espantará com o Oscar do melhor filme estrangeiro que o filme ganhou?), com uma problemática que sofreria rápida evolução na obra de Bergman (no fim

da década de 60, seria sobretudo a violência que o iria obsecar), este filme deixa-nos hoje numa posição de (já) espectadores de uma obra em museu, isto é, à distância. Admirável na sua construção, já não comunicante com as nossas angústias, **Em Busca da Verdade** é uma reposição a saudar, até porque se trata de um filme tematicamente chave na obra do seu autor.

FICHA:

Título original: Sasom i en Spiegel.

Realização e argumento: Ingmar Bergman (Suécia-1961).

Fotografia: Sven Nykvist.

Cenários: P. A. Lundgren.

Música: Suite n.º 2, para violoncelo, de Bach.

Montagem: Ulla Rygge.

Interpretação: Harriet Andersson (Karin), Max Von Sydow (Martin), Gunnar Björnstrand (David), Lars Passgård (Minus).

Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.

Cinema: Satélite.

Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

Duração: 91 minutos.

CEE nem às fitas perdoa Cinema alemão na mira das multinacionais

A Comissão Europeia em Bruxelas tomou uma medida relativa ao cinema alemão federal que muitos cineastas desta nacionalidade receiam venha a estrangular a sua actividade, internacionalmente reconhecida.

Liderado por Rainer Werner Fassbinder, que morreu há poucos meses com 36 anos, o novo cinema alemão acompanhou o «boom» económico alemão federal do pós-guerra com um re-credescimento de actividade ao longo da última década.

Há dois anos, «O Tambor», de Volker Schlöndorff, tornou-se o primeiro filme alemão em 53 anos a ganhar um Oscar.

Em 1981, Margarethe Von Trotta ganhou o Leão de Ouro do Festival de Veneza com o filme «Tempos de Chumbo», baseado na vida da guerrilheira urbana Gudrun Ensslin e de sua irmã Christiane.

No princípio deste ano, Werner Herzog ganhou o Prémio do Festival de Cannes para o melhor realizador com o seu filme «Fitzcarraldo», a história de um barco a vapor que é transportado de um lado para outro de uma montanha, na selva amazónica.

Agora, a Comissão Europeia ordenou a Bona que anulasse a exigência de que os realizadores que pretendem subsídios governamentais no valor de 40 milhões de marcos anuais, «pertencam à área cultural alemã».

Karl Joerg Bieberstein, principal funcionário da Alemanha Federal responsável pelo cinema, afirmou que esta determinação «será o fim da indústria cinematográfica alemã federal. O cinema alemão estará condenado à morte».

A Comissão Europeia considera que a Alemanha Federal, juntamente com a França, a Itália e a Dinamarca, violam a lei da comunidade discriminando outros realizadores europeus.

Um jornal alemão sublinhava recentemente em editorial que a

decisão da comissão afogaria a indústria cinematográfica alemã num mar de filmes puramente comerciais produzidos pelos interesses de multinacionais.

Bieberstein salientou que o novo cinema alemão é mais do que simples entretenimento. É uma afirmação artística de um só autor ou realizador, muitas vezes rodada no local em vez de em estúdios de luxo.

Bieberstein fez contrastar esta situação com a do cinema britânico, que é sobretudo realizado em estúdios e recebe subsídios destinados mais a manter a indústria em actividade do que a promover a qualidade.

A Comissão Europeia permite que os países membros da CEE restrinjam a concessão de subsídios a filmes feitos no seu território nacional.

É isso o que a Grã-Bretanha faz. Filmes norte-americanos como «Super-homem» ou «A Guerra das Estrelas» podem solicitar subsídios ao governo britânico, pois os seus efeitos especiais são filmados em larga medida nos aperfeiçoados estúdios britânicos.

No entanto, Bieberstein considera que a nacionalidade de um filme não é determinada pelo local da filmagem. E cita como exemplo «Fitzcarraldo», que considera um filme alemão apesar de ter sido rodado no Brasil.

Contrariando uma tendência mundial, a afluência de espectadores ao cinema aumentou 20 por cento na Alemanha Federal nos últimos seis anos. As estatísticas indicam que os alemães vão duas vezes mais ao cinema do que os britânicos.

O parlamento alemão federal aprovou entretanto uma resolução subscrita por todos os partidos apelando ao Governo que rejeitasse a directiva da Comissão Europeia.

David Lewis (Reuter/Serviço Anop)



Jane e Peter Fonda não herdam

Toda a fortuna do grande actor Henry Fonda, recentemente falecido, irá para a sua quinta mulher e para a sua filha adoptiva, e não para os seus filhos Jane e Peter, segundo o testamento que redigiu em 1981 e que deu entrada na passada sexta-feira num tribunal de Los Angeles.

Henry Fonda, falecido a 12 de Agosto, aos 77 anos de idade, explica no seu testamento que não deixa nada a Jane e a Peter ou às suas famílias, porque estes se encontram financeiramente bem. «A minha decisão não altera de modo algum o grande afecto que tenho por eles», escreve o actor.

Jane e Peter são filhos da segunda mulher de Henry Fonda,

Frances Brokaw. O testamento prevê que a sua filha adoptiva Amy receberá uma quantia de 200 mil dólares (cerca de 16 mil contos).

O resto da fortuna do actor, seus bens pessoais e objectos de arte, vão para a sua viúva. Por motivos fiscais óbvios, o conjunto destes últimos foi avaliado em «cerca de 20 mil dólares», uma quantia que parece consideravelmente inferior à fortuna real do actor. Caso a sua mulher falecesse antes dele, Henry Fonda tinha previsto deixar a sua fortuna ao teatro «Community Playhouse» de Omaha, cidade importante do seu estado natal o Nebraska.

Em Coimbra

IV Semana de Música Antiga Ibérica

A Semana de Música Antiga Ibérica é uma iniciativa de um grupo de profissionais que, desde há vários anos, se vem dedicando, no nosso País, à prática, ao estudo e à divulgação do repertório português e espanhol anterior ao século XIX, nos domínios da execução, do ensino, da investigação musicológica, da organização e da crítica.

A SMAI, que este ano se realiza, pela quarta vez, de 29 de Agosto a 4 de Setembro, teve as suas anteriores edições em Coimbra (1978), Évora (1980) e Porto (1981), procurando-se,

desta forma, fazê-la circular pelas localidades que, na época em estudo, mais se distinguiram como centros de actividade musical e preservam, ainda hoje, testemunhos materiais desse passado, designadamente, nos planos organológico e arquivístico.

Integralmente subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura nos anos precedentes, o patrocínio global é, este ano, assegurado pela Rádio Comercial, que assim alarga uma actividade, no sector da música antiga, que tem

encontrado, no âmbito da sua programação, um espaço regular e qualificado através do programa «Em Órbita».

A SMAI compõe-se, fundamentalmente, de um conjunto de cursos de interpretação e execução vocal e instrumental destinada ao aperfeiçoamento técnico e estilístico de jovens intérpretes portugueses e estrangeiros, que, deste modo, têm possibilidade de contactar com personalidades destacadas do panorama da música antiga ibérica e extrair desse contacto indicações importantes para um traba-

lho posterior. É dada particular importância à prática da música de conjunto, representada, na presente edição, pela classe de conjuntos vocais e instrumentais, aberta a todos os participantes, e à formação teórica, centrada nas conferências e na visita guiada à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que constam do programa deste ano. A par com a actividade pedagógica, realizam-se concertos ilustrativos do repertório peninsular do Renascimento, Maneirismo e Barroco.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Berros e Bocas

— um domingo mais ingrato

Telespectadores ficaram assombrados. «Berros e Bocas», em lugar de aparecer às duas e meia viria às cinco. Assombrados pois esperariam não ver mais o programa que, pela sua total falta de qualidade, se está a transformar num escândalo.

Não único, diga-se. **Pedro e Paulina** é outra bodega de produção nacional. Obra canhestra, sem ritmo, resolvida, escrita e representada em cima dos joelhos e com uma linha de humor inadequada, em primeiro lugar, ao próprio humor — inadequada depois a qualquer sugestão de interessar uma grande audiência.

Tudo, ali, sabe a falso. Poderíamos, ao menos, dar como atenuante que os actores sabem de cor o papel, na sua exploração máxima, mas nem isso. Sabem-no (quando o sabem) superficialmente, mecanicamente. Ao nível dos actores principiantes que tivessem constituído um compadrio e não uma companhia. A própria interpretação da

cantiga-tema foi entregue a quem, se algum mérito e credencial possui, é ser marido de uma estrela. Estrela fanada, ridícula tanto mais quanto mais pretende exacerbar atitudes juvenis.

Depois, de uma levandade lamentável. Para além de tudo quanto se possa pensar do complexo de problemas e fenómenos conhecidos pelo nome simplista de «espiritismo», é inadmissível a situação grotesca e mal enjorçada. Cócegas continuam a ser o mérito humorístico preferido pelos mediocres. Descubram ao menos cócegas menos conflituosas.

Pois «Berros e Bocas», em nova emissão sem glória nem honra. Amontoam-se os aspectos negativos. Sucessivas apresentações de filmes servem apenas para encher dias. Os «telediscos» instauram enlatados de publicitação mal definida. O funcionamento da agência de casamentos e anexos, apesar de unanimemente condenada,

prossegue. Barros, completa negação para aquela TV, faz ali, em tom sério, a promoção da mediocridade de que goza na Rádio — e face a tamanho desdobraimento não se sabe o que pensar. E como se tudo isto não bastasse, a bateria de entrevistados adquire uma linha monótona, género «para amigos». Reparem: Humberto Coelho, Madalena Iglésias, Artur Agostinho, Luís de Pina...

Pina foi ontem. Imprópria a excitação biográfica. É o desconhecimento da justa medida, a ausência de um certo equilíbrio, o sem fundamento de objectivos bem definidos que dão o tom de crânice, de amorismo ao programa.

De um homem de cinema, a propósito do cinema dos anos 60, não se esperaria o alinhar de banalidades que dão suporte, ou acompanhamento vivo, às apresentações de alguns filmes. Obra cultural mais significativa, mais vivente, logo mais séria, estaria em dar aos jovens, com

aquela distanciação que oito anos de liberdade já consentem, as condições com que a juventude dos anos 60 se confrontavam. Os jovens de agora, sem a prática e sem a necessária informação histórica daqueles tempos, como vão saber das proibições, das restrições, das falsificações, das deturpações que acompanhavam a escolha e exibição dos filmes? Como vão saber da Censura, da perseguição social e cultural? Como vão conhecer dos filmes que não puderam ser vistos, no todo ou em parte?

Pormenor-quase-nada, pormenor-quase-tudo: legenda no «Zorba». Diz o grego: «...Uma mulher que convida um homem para a cama e ele não vai...» Tradução dos anos 60: «...Uma mulher que procura atrair um homem e ele não lhe liga...»

Claro, a presença de Luís de Pina teve aspectos positivos. A sua defesa de obras de ficção faladas em português na Televisão, por exemplo. Várias vezes a crítica tem apontado a necessidade da presença da língua portuguesa. A mais odiosa traição à nossa Pátria começa pela subalternização deste nosso penhor sagrado da independência. Riscos imensos nos assaltam, quando os sentimentos, as emoções, o conhecimento do real pela via da imaginação (isso que a palavra **ficção** contém) se exprimem oralmente noutras línguas e a nossa vem a seguir como veículo precário.

Outro assunto, ainda ligado ao «Berros e Bocas».

Causou muita estranheza, tão a despropósito vinha, a entrevista com um responsável futebolístico do Sporting. Tanto mais que, por nenhuma informação ou esclarecimento, ela se justificaria.

Não se explicará tudo pela transmissão do desafio à noite? Não seria, não digo moeda de troca, mas ao menos um rebuçado?

Estas coisas não cheiram bem. São desagradáveis. Desenvolvem-se num desvão de duvidosas intenções. Que a força da TV avoluma e torna mais... censurável.



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO. 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Josefina Silva um dos elementos do júri de Retrato de Família

13.00 1.º Jornal
13.30 Telenovela: Ciranda de Pedra
14.00 Loisas e coisas
18.30 Tempo dos mais novos
19.00 País, País.
19.30 Desenhos animados
20.00 O Homem Montanhês
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.00 Telenovela: Vila Faia
21.30 Concurso: Retrato de Família
23.30 Informação: Último jornal



Uma das protagonistas da série Vidas Díficeis



19.00 País, País.
19.30 Agricultura, projecto de sobrevivência.
20.00 O Sítio do Picapau Amarelo
20.30 Informação/2
21.00 Série filmada: Vidas Díficeis
22.00 No grande mundo do desporto

Amanhã



13.00 1.º Jornal; 13.30 Telenovela: Ciranda de Pedra; 14.00 Espaço Arquivo; 18.30 Tempo dos mais novos; 19.00 País, País; 19.30 Desenhos animados; 20.00 O Homem e a terra; 20.25 O Tempo; 20.30 Telejornal; 21.00 Vamos jogar no totobola; 21.10 Telenovela: Vila Faia; 21.30 O Mordomo Ideal; 22.00 TV Repórter; 23.45 Último jornal.

19.00 País, País; 19.30 Músicaqu; 20.00 O Sítio do Picapau Amarelo; 20.30 Informação/2; 21.00 Cine-Clube/2: A caminho da glória.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

Retrato de Família
(21.30)Vidas Díficeis
(21.00)

21.00 «Vidas Díficeis» — (Something In Disguise) (5.º episódio)

Intérpretes: Elizabeth Garvie, Anton Rodgers, Ursula Howells, David Gwillim, Louis, Hasler. Realização: Moira Armstrong. Para evitarem mais problemas, John e Liz decidem não casar nem ter filhos. Mas durante o inverno Liz engravida e a situação altera-se. Oliver, entretanto, encontra a sua «menina rica»

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

A venda
em todo
o País
número
de Agosto

o professor



o professor

AS «EXPLOSÕES» ESCOLARES



CONCURSO

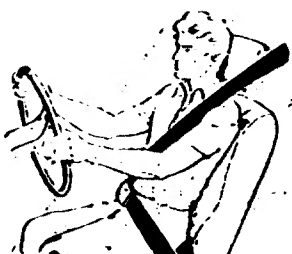


Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____

Sinal de trânsito
não é objecto
decorativo.
Respeite-o!Use sempre
o cinto
de segurança

roteiro cultural

Teatro

Konrad Zschiedrich, encenador do Berliner Ensemble (RDA), vai dirigir em Tomar um minicurso de formação de actores.

O curso — «O Método Brechtiano na Formação do Actor» — realiza-se nos dias 26 e 27 de Agosto e é destinado aos grupos de amadores do distrito de Santarém.

Zschiedrich está em Portugal a convite da Associação Portuguesa de Teatro de Amadores e dirigiu na última quinzena na Lourinhã um curso semelhante para elementos de grupos de vários distritos do País.

A organização do minicurso é da responsabilidade do Festival de Teatro de Tomar, que está a decorrer com regularidade desde Junho e se prolonga até Outubro.

Música

O Quarteto Kodaly, excelente agrupamento húngaro de música de câmara, dá hoje, às 21.30, na Igreja Paroquial de Carcavelos, mais um concerto no âmbito do VIII Festival de Música da Costa do Estoril. No programa: obras de Haydn (Quarteto em Fá maior, op. 20, n.º 5), Kodaly (Quar-

teto n.º 2, op.10, primeira audição em Portugal) e Brahms (Quarteto em dó menor, n.º 1, op. 51).

Exposições

«Arquitectura Militar da Madeira». Integrada nas actividades complementares desta exposição, recentemente inaugurada nas instalações da Fundação Gulbenkian, vão realizar-se duas visitas guiadas sobre a orientação do major Cabrita, acompanhadas de projecção de diapositivos. As visitas realizar-se-ão amanhã e no dia 25, às 15.30, no Auditório Trés.

Stella de Brito expõe pintura em Albufeira, na Galeria do Hotel Montechorro, nas Areias de São João. A mostra ficará patente ao público até fins de Setembro.

Cohen Fusé, Lud e Palmeira expõem pintura até 17 de Setembro na Galeria de Arte «A Grade», em Aveiro.

Zé Penicheiro, cuja obra tem fortes raízes populares, inspirada sobretudo nas gentes do litoral português, expõe até ao fim do mês corrente na Galeria de Arte da Curia.



Julius Schmid, Quarteto de J. Haydn (Museu Histórico de Viena)

Cinema

Promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, com o apoio da Embaixada da

França em Portugal, e organizado, localmente, pelo Centro Cultural Regional de Santarém, realiza-se no distrito de Santarém durante os meses de Outubro e Novembro o 3.º

Estágio de Cinema Directo, orientado por dois monitores franceses, da Association Varan, de Paris, membros da equipa de Jean Roux.

As inscrições para este es-

tágio estão abertas a todas as pessoas interessadas, podendo os candidatos dirigir-se, quer à Direcção-Geral da Acção Cultural (Divisão de Formação — Av. da República N.º 16, Lisboa, telef. 579037, ext. 290), quer ao Centro Cultural Regional de Santarém (Rua Dr. Joaquim Luís Martins, n.º 16, 2000 Santarém, tele. 27164).

A selecção dos candidatos terá em consideração os seguintes aspectos: — a experiência anterior no domínio do cinema de formato reduzido, a ligação a associações, centros culturais, cooperativas culturais, grupos e centros ligados ao cinema, disponibilidade e condições para prosseguir, no futuro, um trabalho ligado ao cinema, capacidade para transmitir a outros os conhecimentos e prática adquiridos, e uma correcta distribuição geográfica.

Só serão admitidos ao estágio os candidatos que tenham disponibilidade para participarem nele em tempo integral.

Os 1.º e 2.º estágios de cinema directo realizados em Portugal decorreram em 1981, respectivamente em Viana do Castelo e na Covilhã, tendo nele participado 12 estagiários de diferentes pontos do País.

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

RENOVAÇÃO DA VIA ENTRE ENTRONCAMENTO E ABRANTES

A fim de melhorar as condições de circulação na Linha do Leste a C.P. vai proceder a trabalhos de renovação de via no troço Entroncamento-Abrantes, a partir de 1/9/82.

Por esse motivo a via estará interrompida durante parte do dia, sendo nesse período as circulações suspensas substituídas por um serviço rodoviário.

A C.P. agradece a compreensão dos seus utentes para os eventuais incómodos daí resultantes.

Para informação mais detalhada aconselham-se os senhores passageiros a dirigirem-se às estações e Secções de Informação.

STAR
TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; 17.15: Beber sim, mas devagar; 17.30: A década prodigiosa; 18.30: Exportar é estar no Mundo; 19.00: Música; 20.00: Programa da noite; 20.15: «O Retrato de Ricardina»; 21.00: Toda a gente é pessoa; 22.00: Música em diálogo; 23.00: Actualidade — travessia; 23.15: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

Programa Dois

16.00: Obras de Haendel em cravo; 16.20: Música de bailado; 17.00: Trechos de óperas; 17.35: Quarteto n.º 77, em dó maior; 18.05: Música portuguesa; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.35: Sonata e ré menor, op. 108, de Brahms; 20.10: Música sinfónica; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Os caminhos do homem; 22.45: Serenata n.º 9, em ré maior, K. 320, de Mozart; 23.30: Planistas; 00.18: «Les Fontaines de Versailles»; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 17.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca; 22.15: Religiosos — hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.05: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Musical; 21.03: Aband jazz; 22.03: Café concerto; 00.03: Rolls rock. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: De no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Confronto; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 508

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. Espaço de doze meses. Costume.
- 2 Fedor. Denso.
- 3 Frincha. Da Arábia.
- 4 Vaguearão. Senhor.
- 5 Rio da Suíça. Zomba. Vendem a crédito.
- 6 Claridade. Época. Composição poética.
- 7 Informações. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel.
- 8 Branqueamento. Solitários.
- 9 Tempo do verbo haver. Antigo superior de convento. Cento e um em romano.
- 10 Clima. Autores. Arrastar.
- 11 Alternativa. Dão mos. Apelido.

VERTICAIS:

- 1 Congelado. Tempo do verbo haver.
- 2 Dai narradas. De alto preço.
- 3 Tapado.
- 4 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Arpoa.
- 5 Desviaram de um lugar.
- 6 O sono das crianças. Freguesia do concelho de Belmonte.
- 7 O sustento. Arrasa.
- 8 Oceano. Rezem.
- 9 Ensejos.
- 10 Curvado. Cabelos brancos.
- 11 Guarnição de asas. Falsidade.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9368

HORIZONTAIS:

- 1 Nota musical. Ósmio (s.q.). Boro (s.q.). Carta de jogar.
- 2 Sacrificio. Terramoto.
- 3 Feiticeira. Serra de Portugal.
- 4 Apelido. Calote. Estava.
- 5 Vareiras.
- 6 Baixa. Grosso.
- 7 Vossa Alteza. Peixe do género siluro. Sufixo que designa Estado.
- 8 Concelho do distrito de Cabo Delgado. Planta apocinácea cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Feche as asas para descer mais depressa.
- 9 Atravessa: Nome vulgar duma ave nocturna da região do Amazonas.
- 10 Eternidade. Batráquio. Clima.
- 11 Apelido. Pançuda.

VERTICAIS:

- 1 Cidade do Peru. Despertar.
- 2 Gostar muito de. Apaixonada (fig.).
- 3 Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente. Rezam.
- 4 Olé. Prende. Patrão.
- 5 Solitário. Inchavas.
- 6 Vai para fora. Alternativa.
- 7 Quadrúpede fantástico, filho de touro e jumenta.
- 8 Espécie de Mangueira. Mulher chinesa da classe baixa. Personagem da literatura fantástica inglesa.
- 9 Ateada. Sadia.
- 10 Impulso. Disfarças (fig.).
- 11 Bebida do Peru. Arejara (Bras.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 507

HORIZONTAIS:

- 1 DOIS. GÉNIOS.
- 2 Planos. Fido.
- 3 Il. Tal. Si.
- 4 Gatão. Arc.
- 5 Urró. Roma.
- 6 Falecem.
- 7 NSA. Ideia.
- 8 Sia. Zera.
- 9 Adregara.
- 10 Atoem. Sal.
- 11 Lusa. Mira.

VERTICAIS:

- 1 IGUAIS. Ai.
- 2 Opilar. late.
- 3 Il. Trinados.
- 4 Sabão. Rea.
- 5 NÃO. FAZEM.
- 6 Gó. VA. Ag.
- 7 Esta. Liras.
- 8 Arredaram.
- 9 If. Coca. Ali.
- 10 Ois. Mesa.
- 11 Salmir. LIGA.

Provérbio: Dois génios iguais não fazem liga

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9367

HORIZONTAIS:

- 1 Salamanca.
- 2 Oral. Rua. Bo.
- 3 Rim. Casa.
- 4 Raaa. Asaram.
- 5 Os. Der. Luva.
- 6 Cales. in.
- 7 Pa. Salmão.
- 8 Caspa.
- 9 Adur.
- 10 lulo. Liras.
- 11 Mãos. Oásis.

VERTICAIS:

- 1 Só Ror. Caim.
- 2 Arras. Pádua.
- 3 Lais. Casulo.
- 4 Almada. Prós.
- 5 El.
- 6 Arcas. Elo.
- 7 Nua. São Sia.
- 8 Casal. Lutas.
- 9 Aru. Ari.
- 10 Aviar. Ac.
- 11 Rosmano. Amo.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	59\$05	64\$05
ALEMANHA FED. (marco)	34\$20	35\$30
AUSTRIA (xelim)	4\$75	4\$95
BELGICA (franco)	1\$618	1\$618
BRASIL (cruzeiro)	\$184	\$434
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	67\$70	69\$70
(notas de 5 a 1000)	68\$20	70\$20
DINAMARCA (coroa)	9\$80	10\$20
ESPAÑA (peseta)	\$722	\$822
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	83\$80	85\$80
(notas de 5 a 1000)	84\$30	86\$30
FINLÂNDIA (marka)	17\$80	18\$40
FRANÇA (franco)	12\$20	12\$90
HOLANDA (florim)	31\$10	32\$10
INGLATERRA (libra)	147\$00	151\$00
IRLANDA (libra)	118\$20	122\$20
ITALIA (lira)	\$055	\$065
JAPÃO (iene)	\$299	\$334
NORUEGA (coroa)	12\$85	13\$15
SUECIA (coroa)	13\$75	14\$35
SUÍÇA (franco)	40\$35	41\$45
VENEZUELA (bolivar)	17\$40	18\$40

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.45
- Int. men. 13 a.
AS PORTAS DO CÉU

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Hoje, estreia às 14.00
Não acons. men. 13 anos
Steve Martin, Bernadette Peters e Catlin Adams em
O TONTO
Um filme de Carl Reiner
Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DEUS UZALA, A ÁGUA DA ESTEPE
Às 00.30 - N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
- N. ac. men. 13 a.
3.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CÉLEBRES E RICAS
Um filme de George Cukor
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Hoje, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
(Para todos)
Festival Walt Disney
SE A MINHA CAMA VOASSE...
Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS
10.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ESPERANÇA NA RELVA
Às 24
JUNTOS SÃO DINAMITE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Interd. men. de 18 anos
DISCO-SEXO-MANIA
Pornográfico - 1.ª escalação
Às 24
ENTRE A LOCURA E O CRIME

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Às 24
McVICAR, O PERSEGUIDO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.00, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Filme indiano Jadu Tona
ANJO OU DEMÔNIO
Um filme de Ravvekan Nagaich
c/Feroz Khan, Reena Roy e Prem Chopra

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. a men. 18 anos
OS SEIS MAGNÍFICOS LUTADORES
Um filme de Chang Cheh - Colorido

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. a men. 13 anos
O MEU SÓCIO INVISÍVEL

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO
4.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
(Interd. men. 18 anos)
Mike Hammer, o grande detetive americano! É mais duro. É imbatível.
O JUÍZ SOU EU
Um filme de Richard T. Heffron

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
7.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encarnado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral

Às 15.15 e 21.30
Interd. a men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/Dirk Bogarde e Charlotte Rampling - o clássico de Liliana Cavani

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 13 anos
BÓLIDES DA MORTE
com Joey Travolta

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A SEMENTE DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 18 anos
Bruce Lee em
O DRAGÃO ATACA
Obra-prima em artes marciais

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PRAIA SANGRENTA
3.ª semana

-Os Repetentes em Férias- estão no Castil/Roma.
Vá vê-los!



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 (Int. a men. 13 anos)
MALEVIL
de Christian Chalone

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. a men. de 13 anos)

TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
(Int. a men. 13 anos)

A FORÇA DO SEXO FRACO

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
(N. acons. a men. 18 anos)
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
Colorido
c/Richard Widmark, Henry Fonda e Dorothy Malone

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA
c/ Jack Lemmon e Walter Matthau

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
34.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
20.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
EM BUSCA DA VERDADE
Às 24.00
AÇÃO EXECUTIVA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
007 O AGENTE IMPENETRÁVEL
Domingo às 11.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30
- N. ac. a m. 13 anos
UNIS E OS OUTROS
43.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

- N. ac. men. 13 a.
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
ALTA ANSIEDADE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
BEÇO SEM SAÍDA
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «2001. Odisseia no Espaço», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA - «O Juiz sou eu», 21.30 (18 anos)
CITY CINE - «O Último Tango em Paris», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL - «Porky's», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «O Maior Espião da História», às 21.30 (13 anos)
2000 - «O Lobisomem Americano em Londres», às 21.30 (18 anos)
OLIVAS - «Julia», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «O Regresso do Tigre», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Casais Infiéis», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «O Espelho do Desejo», sessões contínuas (18 anos)
PÁTRIA - «Alien Volta a Atacar», às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «O Sargento da Força 1», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - «Casino» - «Os Repetentes em Férias», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Palácio» - «O Clube dos Malandros», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Impala» - «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Incrível» - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «A Turma dos Repetentes», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cine-Estúdio» - «O Espectáculo Vai Começar», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Silene» - «O Mecânico», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V» - «Falcão, o Grande Chefe Índio», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cine Plaza» - «Hotel da Praia», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Lido» - «Hoje e Ontem Tudo é Sexo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - «Cineestúdio» - «Duelo ao Sol», às 21.30 (13 anos)
ALHAMBRA - «Salvador Marques» - «A Ilha dos Homens Peixes», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - «Estúdio Flores» - «A Banqueira», às 21.30 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO - «Brigada Suicida», às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Bocas Gulosas», às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «Kiss e os Fantasmas», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Coragem de Homem», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «Jerry Entenheiro Sem Diploma», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «Zombi, Hotocautico», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM - «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - «A» - «Os Diamantes são eternos», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE - «L» - «O Anjo do Rock», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
BATALHA - «Um Chui de Bue Jeans», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE - «Nostradamus», às 21.45 (13 anos)
ÁGUA - «Aventura no Tempo», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «Shining», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «Bonsalino e Companhia», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Célebres e Ricas», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Porky's», às 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ - «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTES

ALAMEDA - «Lusa» - Av. Almirante Reis, 199-AB (T. 42169); **AREIRO-PV** - «LONDRES» - João XXI - Av. João XXI 16-A (T. 886462); **BOA HORA** - Sepol - Cq. da Boa Hora, 94-A (T. 631958); **CHAFARIZ DE DENTRO** - Cruz de Malta - Lg. Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **ESTRELA** - Gama - Cq. da Estrela, 130 (T. 660339); **FEIRA POPULAR** - Santa Maria - Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **LIZ-2** - CIRCULAR - Da Luz - Est. da Luz, 124-A; **PAMPULHA-JANELAS VERDES** - Nazaré Pinto - Rua Presidente Armaga, 39 (T. 667460); **XABREGAS-MADRE DE DEUS** - Conceição - Cq. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **ALGÉS** - Almeida Nifo - Av. Comb. Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **ODIVELAS** - Castelo Tavares - Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29-a (T. 915446); **PONTINHA** - Pontinha - Est. St. Elói, 4 Lt SE (T. 990220)

REFORÇO

ALVALADE-EST. UNIDOS - Rio de Janeiro - Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **AREIRO** - Ideal - Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIRRO ALTO** - Gonçalves - Rua da Rosa, 176-178 (T. 362687); **BENFICA** - União - Est. de Benfca, 592-594 (T. 700092); **CAMPO D'OURIQUE** - Elma - Rua D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); **INTENDENTE** - Intendente - Lg. Int. Pina Manique, 50-51 (T. 547838); **LUMIÈRE** - «L» - «O Anjo do Rock», às 21.45 (13 anos)

teatros

Lisboa

BAIRRO ALTO - «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES - «O Zé Arreganha a Tapa», às 20.30 e 23.00.

farmácias

22 horas; **CASCAIS** - Cordeiro - Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA - «Caveca» - R. Elias Garcia, 209 (T. 930019) Permanente; **NOVA** - R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA** - «Damaia» - P. Alexandre Gusmão 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ** - Serra e Pinto - Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CACÉM** - «Silva Duarte» - R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS** - «Cristina» - Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 2914820). Permanente; **MERCES** - «Claro Russo» - R. Alade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA** - «Misericórdia» - Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES** - «Abreja» - (T. 299088).

Outra Banda

ALMADA - «Galeno» (T. 2040250). Permanente; **COVA DA PIEDADE** - «Avelar da Silveira» - Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - «Luz» - Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS** - «Trindade Brás» - R. Costa Pinto, 184 (T. 243234). Até às 22 horas; **OERAS** - «Godinho» - R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **NOVA OERAS** - «Leal» - Quinta das Palmeiras Lote 24 r/c (T. 2478737); **PARADE** - «Brandão» - Av. da República 77-C (T. 2471054). Permanente; **S. PEDRO DO ESTORIL** - «S. Pedro» - R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOENROS** - «Amaral Semblano» - Quinta das Encostas - Até às 22 horas; **MADORNIA** - «Madeira» - Até às 2 horas; **AMOREIRA** - «Abraças» - Vv. Maria-Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - «Lopes» - R. Hanger, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **A. Costa** - R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às

LOURES - «Sálvia» (T. 2531240). Permanente; **MOSCAVIDE** - Santa Bárbara (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM** - Cortes (T. 2519420). Permanente; **CAMARATE** - Nova da Charneca (T. 2518726). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

BIRRA - P. da Liberdade, 125; **FALCÃO** - R. de Santo Afonso, 61; **BOTELHO** - R. da Aleg



PORTO PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agências, Assinaturas e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO	
MARES DE HOJE	
PRIE-MAR	BAIXA-MAR
6.51 3,9 m	12.22 1,1 m
19.09 4,0 m	24.51 1,2 m
Dia 24	
7.32 3,7 m	
19.51 3,7 m	13.03 1,3 m
TEMPERATURAS DO AR	
VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	20°
PORTO	15°
P. DOURADAS	19°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	21°
LISBOA	20°
ÉVORA	23°
BEJA	24°
SAGRES	18°
FARO	23°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	21°

últimas

FOGO POSTO NUM CAMIÃO que se encontrava estacionado no cais de Santos, em Lisboa. As chamas destruíram os rodados do veículo e a carroçaria. Só os pneus foram avaliados pelo seu proprietário em cerca de cem contos. A PJ investiga.

BOMBAS «TELEFÓNICAS» NO CASTIL e na sede da União das Associações da Indústria Hoteleira. Elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP estiveram nos locais e não detectaram nada de anormal.

ATIROU DROGA EM PÓ A CARA de um agente da PSP que o perseguia, o mecânico José Oliveira, de 28 anos. O jovem fora surpreendido no Rossio a traficar haxixe e, ao ser alcançado após perseguição, na Calçada do Carmo, segundo refere o auto de notícia presente no Governo Civil, «agrediu o agente, lançou-lhe droga à cara e partiu uma bancada dos jornais». Tanto José Oliveira como o polícia tiveram de receber tratamento hospitalar.

PAI E DOIS FILHOS MORRERAM num acidente de viação perto de Pombal quando se dirigiam em peregrinação a caminho de Fátima. A viatura, de matrícula francesa, embateu de frente com um camião frigorífico, ao tentar uma ultrapassagem. As vítimas são o emigrante Bernardino Vides de Carvalho, de 51 anos, Miguel dos Santos Carvalho, de 19 e António Vides Carvalho, de 10, todos naturais de Vieira do Minho. A mulher de Bernardino, Glória Santos de 50 anos, e uma outra filha do casal, Conceição Gonçalves, de 24, encontravam-se esta manhã ainda em estado grave no Hospital da Universidade de Coimbra.

A UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMERCIANTES do distrito de Lisboa divulgou, em comunicado, que considera de difícil reversibilidade a recessão que afecta o comércio. A União que representa oito mil comerciantes de Lisboa, refere que grande número de lojistas não terá a mínima hipótese de sobreviver se o espírito do decreto-lei sobre os arrendamentos dos estabelecimentos comerciais não for radicalmente abandonado.

PALMA DE MAIORCA

VOOS DIRECTOS DIURNOS

PALMA*IBIZA

8 e 15 DIAS

AGD: 02, 09, 16, 23 e 30 SET

SGD: 06, 13 e 20

COMPARE OS NOSSOS PREÇOS E HORÁRIOS

abreu

DESDE 1980

LISBOA: Avenida da Liberdade, 160 Tel: 371341

PORTO: Avenida dos Aliados, 201 Tel: 217921

COIMBRA: R. Eug. Castro 256 (focal) Tel: 691686

FARO: Avenida da República, 124 Tel: 26235-6

FUNCHAL: Rua Gonçalves Tel: 31077-8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Quem o diz é o FMI

Situação económica mundial continua preocupante

O Fundo Monetário Internacional considera no seu relatório anual que a situação económica mundial continua a ser «preocupante», mas que a luta «difícil» contra a inflação que já proporcionou «certos progressos», deve ser mantida firmemente.

A inflação é «ainda demasiado elevada na maioria dos países», constata o FMI advertindo os 146 países membros desta instituição internacional contra a tentação do recuo «fora de tempo a políticas expansionistas».

Defendendo a «paciência» e a «prudência», o Fundo Monetário realinha a necessidade de se «prosseguir políticas globais de ajustamento», nos países industrializados e em desenvolvimento, e isto «apesar das pressões causadas pelas tensões sociais e políticas decorrentes de um nível elevado de desemprego».

O Fundo mostra-se muito prudente no tocante às perspectivas de recuperação. «Poderá começar um modesto reequilíbrio no segundo semestre de 1982», indica ele, «mas para o conjunto de 1982 o avanço do PBN global dos países industrializados provavelmente será mesmo assim inferior ao de 1981 (1,1%)».

O relatório prevê um défice global dos pagamentos dos países industrializados, já baixado de 66 000 milhões em 1980 para 25 000 milhões em 1981, em parte graças à diminuição das importações de petróleo «deverá ser novamente reduzido consideravelmente em 1982». Isto devido especialmente à estabilidade dos preços do petróleo, à fraqueza dos preços das matérias-primas e à estagnação das importações.

Abordando o seu papel de

vigilância das políticas de câmbios dos Estados membros, o Fundo lembra que, para ele, o restabelecimento generalizado da estabilidade das condições económicas e financeiras internas é condição «sine qua non» de um sistema de taxas de câmbio mais estável.

Salienta, por outro lado, que os países membros devem estar determinados a impedir, na medida do possível «todas as condições desordenadas nos mercados de câmbios», mas, ao mesmo tempo, a «evitar toda a intervenção excessiva que pudesse ser desestabilizadora».

O Fundo salienta que poderá haver poucas possibilidades de uma intervenção «desempenhar um papel importante» quando a «volatilidade» dos mercados se deve a «condições fundamentais».

Protesto antinuclear em Cáceres e Badajoz

Habitantes de 57 localidades das províncias de Cáceres e Badajoz concentraram-se ontem em sedes de municípios e igrejas como forma de protesto contra a central nuclear de Almaraz.

As autoridades oficiais subestimam a importância destes factos e o governador civil de Cáceres afirmou não ter conhecimento das concentrações.

Os concorrentes das concentrações são quatro pessoas, entre elas um senador, um jornalista e um escritor, que desde a semana passada se encontram em greve de fome na localidade de Malpartida, província de Cáceres.

O jornalista Diego Bardon, porta-voz dos grevistas, diz que tem recebido muitas adesões das populações locais em protesto contra os perigos da central nuclear de Almaraz e contra a administração do Estado.

Entretanto, o grupo ecologista da região, «Associação para a defesa da natureza e recursos de extremadura» (CADENEX), pediu no sábado que a central nuclear de Almaraz seja fechada imediatamente.

Os ecologistas alegam que a central começou a funcionar sem a existência prévia de um plano de evacuação da região em caso de acidente grave.

A central nuclear de Almaraz, a duzentos quilómetros da fronteira portuguesa, é motivo de controvérsia há muito tempo, mas sobretudo nos últimos meses, em virtude de se verificarem diversas anomalias no desenho dos tubos de refrigeração.

Por este motivo, a central que iniciou a sua actividade em Maio do ano passado, funciona apenas

a cinquenta por cento da sua capacidade e esteve paralisada pelo menos três vezes.

Há duas semanas, o director-geral de Energia admitiu a possibilidade de fugas radioactivas na referida central. Foi corrigido pelo Ministério da Indústria e Energia e o Conselho Superior de Segurança Nuclear deu garantias de que não havia qualquer perigo.

Em meios oficiais circulam rumores de que o director-geral poderá ser demitido.

Esta falta de informação e a não existência de um plano de segurança e evacuação no caso de um incidente grave levantou novas polémicas entre a população da Extremadura nas duas últimas semanas que culminaram com a greve de fome de quatro pessoas e a convocatória para as concentrações.

Estádo de sítio no Peru poderá vir a prolongar-se

O presidente peruano, Fernando Belaunde Terry denunciou ontem em Lima o que classificou de «terrorismo anónimo e covarde» e admitiu prolongar o estado de emergência inicialmente decretado por 60 dias.

O presidente admitiu manter o estado de sítio até que as acções

de sabotagem levadas a cabo na capital do país terminem e frisou que não vai mobilizar as Forças Armadas para combater os sabotadores, uma vez que considerou tratar-se um caso de polícia.

A electricidade voltou aos circuitos de Lima, depois de ter sido cortada na quinta-feira passada

por actos de sabotagem, atribuídos a guerrilheiros de extrema-esquerda.

Na sequência dos actos de sabotagem, foi necessário restringir os fornecimentos de electricidade e de água à capital do Peru, para permitir uma maior rapidez nos trabalhos de reparação.

Morreu Artur Duarte

Artur Duarte — uma das mais célebres figuras do cinema português — morreu ontem em Lisboa, no Instituto de Oncologia. Completava 86 anos no próximo mês de Outubro. A sua morte foi esta manhã tornada pública pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Artur Duarte, foi autor, entre outros, dos filmes «Fidalgo da Casa Mourisca», «Leão da Estrela» e «Costa do Castelo».

Antes de iniciar a carreira de realizador, Artur Duarte trabalhou como actor em Espanha, França e Alemanha, onde foi igualmente assistente de Pabst, no filme «A Ópera dos Três Vinténs».

Artur de Jesus Pacheco Duarte nasceu em Lisboa, a 17 de Outubro de 1895.

Fez o curso de Teatro no Conservatório Nacional, ganhando o primeiro prémio de comédia da Escola de Arte de Representar e estreou-se como actor em 1917, no Teatro República, actual S. Luís, com a peça «A Conspiração», de Vasco Mendonça Alves.

Entrou para o cinema em 1921, começando por interpretar a «Morgadinho de Val Flor», de Ernesto de Albuquerque, seguindo-se, ainda no tempo do cinema mudo, o «Primo Basílio», de George Pallu «Sereia de Pedra» e «Olhos da Alma», de Roger Lion e «O pai tirano».

Em 1924 assinou um contrato com a UFA, na Alemanha, onde viria a trabalhar durante nove anos com Fritz Lang, Pabst e Wilhelm Dieterle.

Durante esse período, participou em 54 filmes, entre os quais

«A Ópera dos Três Vinténs», realizado por Pabst, com base na obra homónima de Bertolt Brecht.

Trabalhou também em França — onde conheceu e se tornou amigo de René Clair — Espanha e Noruega.

Regressando a Portugal em 1933, integrou o elenco do filme «Gado Bravo», uma realização de António Lopes Ribeiro.

Em 1938 realizou a primeira longa-metragem «Os Fidalgo da Casa Mourisca», a partir do romance de Júlio Dinis.

De 1938 a 1976, Artur Duarte realizou 117 filmes, dos quais se salientam «O Costa do Castelo», «O Leão da Estrela», com o actor António Silva, «A menina da rádio», no qual lançou a actriz Maria Eugénia, «A Garça e a Serpente», com Rogério Paulo, «Encontro com a Vida», «O Noivo das Caldas», «O Hóspede do quarto número greze», «Fogo» e «É perigoso debruçar-se», estes três últimos no âmbito do intercâmbio cinematográfico luso-espanhol, e finalmente «A recompensa», baseada na peça homónima de Ramada Curto.

Em 1965, dirigiu a produção luso-brasileira «Encontro com a morte», película que ainda não foi exibida em Portugal.

Produziu também alguns documentários, entre eles «Barqueiros» do Douro, que conquistou o Grande Prémio do Festival de La Felguera.

Artur Duarte desempenhou o cargo de director-geral do Departamento de Cinema da Rádio Televisão Independente (RTI).

Pela independência da TV e da Rádio francesas

Imprensa grega em crise

O jornal diário de Atenas «To Vima» (Tribuna) suspendeu a sua publicação, depois de ter sido, durante mais de 50 anos, um dos cinco matutinos nacionais gregos.

Os editores, organização de informação Lambrakis, disseram num comunicado que a suspensão era necessária devido a problemas técnicos de distribuição.

A edição dominical do «To Vima» vai, todavia, continuar — acrescentaram.

O Sindicato dos Jornalistas de Atenas expressou, entretanto a sua preocupação pela suspensão do diário, que se segue ao encerramento de um outro, o «Eleftheros Cosmos», em Julho passado.

Parque de Campismo do BALEAL

2km de Peniche

PISCINAS, RESTAURANTE, TÊNIS

Férias diferentes - Um novo Investimento